

O Modelo de Éfeso

Uma Estrutura Bíblica
para Missão Urbana

JEFFREY MCAULIFFE E
ROBERT MCAULIFFE

4ª CONFERÊNCIA - MISSÃO URBANA

IN MISSION
GRANDES COISAS

O MODELO DE ÉFESO
Uma Estrutura Bíblica para Missão Urbana

Jeffrey McAuliffe e Robert McAuliffe

Global Mission Centers

© 2017 - Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Impresso nos Estados Unidos da América. Todos os direitos reservados.

Publicado por *Global Mission Centers*, Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Editores das Séries *Global Mission*: Rick McEdward e Homer Trecartin.

Design de capa e texto interior: Ellen Musselman

Para obter mais cópias deste livro, entre em contato:

The Global Mission Urban Center, General Conference of Seventh-day Adventists, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904.

<https://urban.globalmissioncenters.org/contact>

Salvo indicação em contrário, as citações da Bíblia são tiradas da Nova Versão Internacional (NVI).

ISBN 978-1-943507-11-5

OUTROS LIVROS DAS SÉRIES GLOBAL MISSION:

*Ministering to Mourners: Funeral Rituals and Christian Witness in East
Asian Contexts*

Editado por Gregory e Amy Whitsett

It's Time: Voices from the Front Lines of Urban Mission

Editado por Bettina Krause

*God's Mission to the Nations: An Old Testament Study Applied in the
Hindu Context*

Andrew Tompkins

New York City: A Symbol

John Luppens

Winning Hearts: Leading Buddhists to Faith in God

Editado por Greg e Amy Whitsett

*Narrative, Meaning, and Truth: Fulfilling the Mission in Relativistic
Contexts*

Editado por Bruce A. Bauer e Kleber O. Gonçalves

RECONHECIMENTO

Gostaríamos de agradecer a dois editores: Bill Weber e Kayla McAuliffe, por sua ajuda com este livro.

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	
CAPÍTULO 1: O Caminho para Éfeso.....	
CAPÍTULO 2: Equipe de Estabelecimento Antecipado.....	
CAPÍTULO 3: Equipe de Liderança.....	
CAPÍTULO 4: Discipulado e Mentoreamento.....	
CAPÍTULO 5: Centros de Influência Urbanos.....	
CAPÍTULO 6: Iniciando Uma Nova Igreja.....	
CAPÍTULO 7: Instrumentos da Visão.....	
CAPÍTULO 8: O Ministério Evangélico.....	
CAPÍTULO 9: Evangelismo de Literatura.....	
CAPÍTULO 10: Médicos Missionários.....	
CAPÍTULO 11: Buscando um Modelo de Ministério Urbano.....	
CAPÍTULO 12: O Diabo Não Dorme.....	
CAPÍTULO 13: Sustentando o Movimento.....	
CAPÍTULO 14: Colocando em Prática.....	
APÊNDICE.....	
BIBLIOGRAFIA.....	
ÍNDICE REMISSIVO.....	

PREFÁCIO

Quando pensamos no imperativo de compartilhar o evangelho nas cidades, Allentown, na Pensilvânia, é uma cidade típica dos desafios que enfrentam os discípulos cristãos de hoje. Allentown é a terceira cidade mais populosa da Pensilvânia, seguida de Filadélfia e Pittsburgh. No momento da publicação, é a 224^a maior cidade dos Estados Unidos. Com cerca de 120.000 pessoas, é a cidade que mais cresce na Pensilvânia. Faz parte de uma área metropolitana maior conhecida como Lehigh Valley, que tem uma população de cerca de 820.000 habitantes.

Como todas as pessoas que vivem em tais cidades podem ouvir as boas novas de Jesus Cristo? Como podemos alcançá-las e qual abordagem é mais eficaz para Cristo? Essas perguntas nos ocorreram recentemente quando passamos por Allentown. Mesmo nessa comunidade urbana relativamente pequena, ficamos impressionados com a enormidade da tarefa de alcançar todas as almas com o evangelho.

Você já teve um pensamento semelhante? Talvez você estava em um jogo de beisebol ou andando por uma rua movimentada e, no meio de todo o barulho e alvoroço, Deus falou em voz baixa, lembrando que Ele ama todas as pessoas naquela multidão. Ouvimos aquela voz do Alto enquanto estamos rodeados pelo mar da humanidade e ponderamos duas questões. Primeiro: O que Deus vai fazer? Como Ele vai se mostrar às massas? Segundo: Por que Ele estava nos impressionando com esse pensamento? Afinal, o que duas pessoas poderiam fazer no meio de tantas?

Os grandes desafios do evangelismo urbano são amplificados quando pensamos em cidades ainda maiores como Filadélfia, Pittsburgh e outras fora da Pensilvânia. Pelo menos 223 cidades nos Estados Unidos têm uma população maior do que Allentown, mas essa cidade é um microcosmo do fenômeno da urbanização que tem ocorrido nos Estados Unidos e ao redor do mundo.

As pessoas estão se mudando para cidades já lotadas mais rapidamente do que nunca. Algumas se mudam na esperança de encontrar emprego ou uma carreira melhor.

Outros buscam melhores oportunidades de moradia e transporte. Alguns querem estar no centro da atividade e entretenimento. Embora algumas dessas razões para migrar para as cidades sejam razoáveis, outras se baseiam em esperanças que não são necessariamente atendidas pelas realidades urbanas. Simplesmente não há empregos nem moradias suficientes para todos os que migram para as cidades. No entanto, a taxa de urbanização continua a aumentar.

As Nações Unidas relatam que mais pessoas estão vivendo em áreas urbanas do que em áreas rurais (World Urbanization Prospects: The 2014 Revision). Cerca de 54% da população mundial reside nas cidades, e as projeções indicam que, até 2050, 66% da população será urbanizada. Esse efeito de urbanização é mais notável em regiões como a América do Norte, onde 82% da população já está estabelecida em áreas urbanas.

Simplificando, as cidades estão crescendo exponencialmente. A questão a ser repetida é: Como podemos fazer um impacto para Cristo nestes lugares densamente povoados? Somos tão poucos e o mundo urbano é tão vasto. É realmente possível efetuarmos mudanças em uma escala tão grande?

Tradicionalmente, os adventistas do sétimo dia construíram comunidades eclesiais em ambientes suburbanos ou rurais por muitas razões práticas e sociológicas. Mas esse padrão cria um desafio para nós no cumprimento da comissão do evangelho. Se quisermos alcançar todas as pessoas do mundo com o evangelho e a maioria delas moram nas cidades, como realizaremos nossa comissão? Se a maioria dos não-alcançados vive nas cidades e a maioria dos bens da igreja estão concentrados em ambientes suburbanos e rurais, como conectaremos nossos recursos, imóveis, fundos, pastores, obreiros bíblicos e, o mais importante, nossos membros que possuem os dons do Espírito com essas populações? Podemos mudar nosso curso atual para atender a essa necessidade crescente? E se mudarmos de

curso, qual seria o plano de ação? Como alcançamos os milhões de pessoas urbanas com a mensagem do evangelho?

Os discípulos de Jesus devem ter tido perguntas semelhantes quando Ele os comissionou, dizendo: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19). Sem dúvida, isso deve ter parecido uma tarefa aparentemente intransponível diante deles. No entanto, Deus providenciou uma oportunidade no Pentecostes para que milhares de pessoas de todo o mundo se convertessem, e esses novos crentes voltaram mais tarde para suas casas para compartilhar com os outros o que haviam recebido.

Hoje, a tarefa de alcançar até mesmo uma cidade com o evangelho pode parecer similarmente impossível, mas a impossibilidade é a especialidade de Deus. Nosso trabalho é unir-se a Ele. Normalmente, quando nos esforçamos para fazer um serviço para o Senhor, agimos a partir da perspectiva da nossa especialidade pessoal, levando em conta o que achamos que pode ser realizado com os recursos disponíveis. Em outras palavras, tentamos fazer o que achamos que podemos fazer. Analisamos a situação, fazemos a relação dos recursos disponíveis e decidimos avançar ou não.

Na maioria dos casos, essa abordagem empresarial de tomada de decisões permite um maior grau de sucesso do que sem ela. Mas no reino espiritual, Deus frequentemente nos pede para fazer o que parece impossível. Coloque o seu pé no rio Jordão, e a terra seca aparecerá diante de você. Mergulhe sete vezes no rio Jordão, e sua lepra desaparecerá. Levante-se, pegue sua cama e ande. Siga pela fé em relação ao que parece sem esperança, e Deus lhe mostrará que, com Ele, todas as coisas são possíveis. Que motivação incrível! Deus deseja desesperadamente que avancemos esperando Sua bênção como Seus vasos escolhidos para terminar o que Jesus começou quando Ele andou pela Terra.

Recentemente, conduzimos um estudo bíblico dos ministérios de Cristo e Paulo, a fim de procurar padrões e métodos para alcançar efetivamente as cidades. Intitulamos nossas descobertas de “O modelo de Éfeso”. Acreditamos que o Modelo de Éfeso fornece um plano excepcional para alcançar as cidades de hoje. Esse modelo está apoiado pelos escritos e

ministério de Ellen White, adaptado à atualidade, e emergiu das experiências dos primeiros ministérios urbanos adventistas do sétimo dia.

O Modelo de Éfeso é simplesmente a abordagem do apóstolo Paulo ao ministério urbano e sua aplicação durante seu tempo na cidade de Éfeso. Embora muitas das estratégias usadas por ele tenham sido extraídas de suas experiências anteriores em outras cidades, concentramos nosso modelo no tempo de Paulo em Éfeso, porque foi lá que o método completo se uniu em uma longa campanha para fazer avançar o reino de Deus e revelar o evangelho de Jesus.

A cidade de Éfeso, na época de Paulo, representa de forma surpreendente os desafios do ministério que enfrentamos nas cidades de hoje. Em Éfeso, quase nenhuma influência cristã estava em ação na dinâmica da cidade. Ela era, com efeito, pré-cristã em sua cultura, sem a bússola moral encontrada apenas em um verdadeiro conhecimento de Deus. Conseqüentemente, corações de ambição egoísta e desejo carnal guiavam a vida das pessoas de lá. As cidades de hoje não são diferentes, exceto que, em vez de sofrerem de uma falta pré-cristã de um verdadeiro conhecimento de Deus, elas estão se tornando cada vez mais pós-cristãs por natureza, rejeitando a própria ideia de Deus. O resultado é que a presença de Deus pode ser tão difícil de ser encontrada nas cidades de hoje quanto era em Éfeso. Isso faz com que a metodologia específica de Paulo, que evangelizou efetivamente grandes populações ignorantes da verdade sobre Deus, seja apropriada para o mundo de hoje.

Neste livro, esperamos reunir os componentes do método de Paulo para você de uma maneira que forneça orientação e um modelo eficaz para alcançar as cidades de hoje com o evangelho. Vamos compartilhar algumas das vitórias e erros que Deus revelou quando nós e nossa equipe tentamos implementar intencionalmente o Modelo de Éfeso em Allentown, Pensilvânia, através de um centro urbano de influência chamado *Simplicity*.

Qualquer um que tenha tentado realizar o ministério urbano entende que ele não oferece um caminho fácil para o sucesso. Julgamentos, fracassos e, sim, milagres são muitas vezes parte e parcela da experiência no caminho

da vitória. Sempre que encontramos um obstáculo, nos voltamos para a Palavra de Deus para procurar soluções, as quais inevitavelmente encontramos lá. Esse modelo, portanto, é um método tentando e comprovado de estabelecer uma abordagem planejada para proclamar o evangelho. Ele foi comprovado no trabalho de Paulo e em outras tentativas da igreja primitiva, e o vemos funcionando em Allentown agora. Oramos para que Jesus o impressione com o quanto é essencial realizar o ministério urbano no tempo em que vivemos e que você haja de acordo com o Seu chamado. Milhões e milhões de pessoas estão esperando pela nossa ação.

Dr. Jeffrey McAuliffe

Dr. Robert McAuliffe

CAPÍTULO 1

O CAMINHO PARA ÉFESO

“Paulo e seus companheiros viajaram pela região da Frígia e da Galácia, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na província da Ásia.” Atos 16:6

Durante o tempo do ministério de Paulo, a Ásia era uma província romana na parte ocidental do que hoje é a Turquia, e Éfeso era a cidade mais proeminente da província. Parece estranho que o Espírito Santo tenha “proibido” a pregação da Palavra naquela cidade, mas Ele o fez. Paulo provavelmente teria viajado para a cidade de Éfeso antes do que acabou fazendo, mas ele foi impedido *“pelo Espírito Santo de pregar a palavra na província da Ásia”*. Sem dúvida, Deus tinha uma série de razões para afastar Paulo de entrar neste território nesse determinado momento, mas uma parece óbvia: ele ainda não estava pronto.

Depois desse encontro com o Espírito Santo, Paulo e seus companheiros tiveram muitas experiências de aprendizado em outros lugares que moldariam a metodologia de ministério que ele eventualmente empregaria em Éfeso. As lições que eles aprenderam no crisol da experiência foram, sem dúvida, parte do treinamento de Deus. Depois que o treinamento foi concluído, Paulo foi autorizado a ir a Éfeso.

Antes de considerarmos o tempo de Paulo em Éfeso, é instrutivo examinar sua jornada até aquele ponto. As provações e obstáculos que Paulo encontrou ao longo dos anos antes de sua estada em Éfeso foram importantes na formação de sua estratégia para o ministério. Para entender completamente a jornada de aprendizado de Paulo, devemos seguir três linhas históricas: duas que se convergem e uma que procede desse ponto de convergência. A primeira é a experiência de vida de Paulo que o levou ao ministério ativo, e a segunda é o desenvolvimento da igreja em Antioquia, uma história de plantio de igrejas. Essas duas histórias aconteceram

simultaneamente e foram até causativas, desenrolando-se parcialmente porque uma instigava a outra. Quando elas se convergiram, uma nova história começou: a primeira jornada missionária em que Paulo embarcaria.

Nestas histórias, muitos fatos historicamente observáveis destacarão a progressão de Paulo. Faremos uma análise crítica para nos ajudar a entender como o método de Paulo de ministério urbano amadureceu até o ponto em que ele chegou a Éfeso.

Para nossos objetivos, a jornada espiritual de Paulo começa com sua participação no apedrejamento do justo Estevão. (Usaremos o nome Paulo ao longo da narrativa, apesar de estarmos cientes da mudança de nome dele.) A Bíblia diz que Paulo, então chamado Saulo, “estava ali, consentindo na morte de Estêvão” (Atos 8:1), e ele deu sequência à tragédia, pois “devastava a igreja. Indo de casa em casa, arrastava homens e mulheres e os lançava na prisão” (v. 3). Ironicamente, ele trabalhou em cidade após cidade, participando da perseguição de inspiração satânica da igreja cristã embrionária.

Em uma dessas excursões, a caminho da cidade de Damasco, a vida e os planos de Paulo mudaram para sempre. Quando ele se aproximou da cidade, uma explosão de luz apareceu de repente, cegando-o e fazendo-o cair no chão (9:3, 4). Naquele momento, Jesus falou com ele e começou uma transformação. Por causa da cegueira, Paulo teve que ser ajudado em Damasco, onde seu arrependimento levou-o a ser curado e tornar-se cristão (vv. 4-18). Que mudança!

E o plano de Deus era ainda maior que isso. Jesus disse que o perseguidor deveria se tornar um “instrumento escolhido para levar o Meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel” (v. 15). Daquele momento em diante, Paulo seria um discípulo de Jesus Cristo.

Lembre-se de que estamos acompanhando duas histórias convergentes: o desenvolvimento do apóstolo Paulo e o plantio da igreja cristã em Antioquia. Desde a época de sua conversão em Damasco, uma sequência de eventos preparou Paulo para o chamado que Jesus havia feito:

- Ele fugiu da perseguição em Damasco (9:20-25);

- Ele permaneceu algum tempo na Arábia, onde foi pessoalmente ensinado por Jesus (Gálatas 1:11, 12, 15-18);
- Retornou a Damasco (Gálatas 1:17);
- Então, viajou para Jerusalém, onde ficou várias semanas (Atos 9:26, Gálatas 1:18, 19).

Em Jerusalém, Paulo desenvolveu um relacionamento importante e influente. A Bíblia descreve seu desejo de unir-se aos discípulos em Jerusalém, “mas todos estavam com medo dele, não acreditando que fosse realmente um discípulo” (Atos 9:26). No entanto, um homem não estava com medo. Seu nome era Barnabé, e ele “o levou aos apóstolos” (v. 27). Esta seria uma parceria de tutoria ministerial que não apenas ajudaria a desenvolver Paulo, mas também abriria o caminho para o plantio de muitas novas igrejas.

Infelizmente, pouco depois de sua chegada, a pregação de Paulo enfureceu alguns judeus a ponto de conspirarem para matá-lo (v. 29), então os membros da igreja o enviaram para Cesaréia e depois ele voltou para casa em Tarso (v. 30).

A segunda história é o desenvolvimento do plantio da igreja de Antioquia. Isso começou com a própria perseguição que Paulo havia liderado. Por causa dessa perseguição, os membros da igreja em Jerusalém se espalharam. Alguns se mudaram a centenas de quilômetros, até a Fenícia, Chipre e Antioquia (11:19-20). Aqueles fiéis cristãos estabeleceram-se em novos lugares e começaram a ensinar e pregar as boas novas de Jesus e a verdade sobre Deus. Inicialmente, eles tendiam a pregar somente aos judeus em sua nova cidade, mas Deus deixou claro para os discípulos, através da experiência de Pedro com Cornélio (Atos 10), que eles não deveriam ser excludentes ao compartilhar o evangelho. As boas novas são para todas as pessoas. Os crentes da cidade de Antioquia seguiram essa diretriz e começaram a pregar aos gregos e aos judeus.

O Senhor abençoou os esforços desses discípulos com frutos. Com o tempo, “muitos creram e se converteram ao Senhor” (11:21). Aquela notícia maravilhosa retornou aos líderes da igreja em Jerusalém, que responderam enviando o fiel Barnabé para encorajar a crescente igreja em Antioquia.

Quando Barnabé chegou, viu a graça de Deus em ação e “os animou a permanecerem fiéis ao Senhor, de todo o coração” (v. 23), e “muitas pessoas foram acrescentadas ao Senhor” (v. 24).

Este é o momento em que as duas histórias se convergem. Barnabé, sempre o incentivador, viajou para Tarso para encontrar seu amigo Paulo. As Escrituras nos dizem que ele trouxe Paulo de volta a Antioquia, onde “durante um ano inteiro Barnabé e Saulo se reuniram com a igreja e ensinaram a muitos” (v. 26).

Nesta história, Barnabé agiu sobre dois imperativos maravilhosos do ministério. Primeiro, ele reconheceu a importância do mentoreamento para ajudar formar discípulos. O “como” do ministério requer mais do que apenas instrução em conhecimento e teoria. Jesus foi o maior praticante disso. Seus discípulos aprenderam sobre o ministério através da escuta e observação. E foi assim que foi com Paulo e Barnabé. Paulo teve o privilégio de trabalhar lado a lado com um mentor que compartilhou sua experiência e ideias.

O segundo imperativo é que Barnabé uniu Paulo a um corpo da igreja saudável e vibrante. Antioquia é um exemplo notável de uma igreja bem-sucedida na Bíblia. Por causa desse sucesso, Paulo pôde observar a função e as práticas da igreja, o que influenciaria a maneira como ele plantaria novas igrejas nos anos vindouros. Quais foram algumas dessas funções e práticas?

Primeiro, a igreja compartilhou o evangelho com judeus e gentios. Ao fazer isso, os membros estavam agindo com base na ideia de que Jesus era o Salvador do mundo inteiro, não apenas dos judeus. Podemos extrair duas lições importantes desse desenvolvimento histórico que ainda ressoam hoje.

A primeira lição é que devemos modelar a inclusão intencional dos discípulos. A igreja de Antioquia estava se afastando da excessiva exclusividade do judaísmo em direção a uma “unidade intencional em meio à diversidade”, colocando valor igual em todos os crentes. Algo havia mudado dramaticamente no nível de aceitação consciente e amor pelos outros. O coração dos membros tinha sido convertido da identificação com a cultura separatista de Israel para abraçar a cultura transcendente do reino dos céus,

que está aberta a todos que creem. Hoje, devemos estar conscientes de não permitirmos que o preconceito cultural nos separe dos outros ou nos impeça de compartilhar as boas novas com alguém.

A segunda lição é de natureza espiritual. A condição espiritual dos judeus e dos gentios no tempo de Paulo é semelhante em muitas maneiras à dos cristãos e não-crentes nominais de hoje. Ambos os grupos estão vivendo sem a plena verdade sobre Deus e o poder do evangelho. Enfrentamos o desafio de encontrar maneiras de compartilhar com ambos.

Além disso, observamos que a igreja plantada em Antioquia identificou-se com os cristãos em outros lugares. As Escrituras revelam que, ao ouvir sobre a fome na Judéia, enviaram socorro aos irmãos de lá. Eles foram abnegados e generosos, “cada um segundo as suas possibilidades”, em apoio ao corpo maior de Cristo (v. 29). Faríamos bem em imitar esse comportamento entre os irmãos hoje, demonstrando nossa solidariedade corporativa e apoio à igreja de Deus.

Igualmente impressionante foi o histórico de Antioquia de enviar missionários do meio deles. A igreja estava crescendo e os dons do Espírito estavam sendo manifestados. Havia “profetas e mestres” entre eles, e “enquanto adoravam o Senhor e jejuavam”, o Espírito Santo os instruiu a enviar Paulo e Barnabé para fazer uma obra específica para a qual eles foram chamados (13:2). Eles impuseram as mãos sobre Paulo e Barnabé em bênção e os enviaram em seu caminho.

Você pode imaginar uma igreja fazendo o sacrifício de enviar homens de tal talento para o avanço da obra? Barnabé, o incentivador, “era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé” (11:24), e Paulo tinha uma reputação inigualável como professor do evangelho. No entanto, quando foram escolhidos pelo Espírito para promover a obra, a igreja voluntariamente acrescentou sua bênção à Sua escolha. O que aconteceria hoje se nossas igrejas seguissem esse exemplo? Imagine se mandássemos nossos pastores mais talentosos e cheios de fé para começar a trabalhar em novos lugares, em vez de eles terem congregações estabelecidas. O que poderia ser realizado se

eles estivessem livres para entrar em cidades com milhões de pessoas não alcançadas e compartilhar o evangelho de Jesus?

Com a forma dessa dupla de Paulo e Barnabé, podemos considerar a terceira história: a primeira viagem missionária de Paulo. Vamos olhar principalmente para os eventos, o seu crisol de experiências, que o preparou para o que ele enfrentaria em Éfeso.

A jornada começou na ilha de Chipre, a menos de 160 quilômetros da costa de Antioquia. Aqui, os dois apóstolos encontraram oposição satânica na forma de um feiticeiro judeu chamado Barjesus. O Espírito Santo cegou esse homem e a oposição cessou.

De Chipre, eles se mudaram para Antioquia, na província da Pisídia (uma Antioquia diferente da de sua igreja local). Lá eles estabeleceram um padrão de ministério que eles repetiram em suas jornadas missionárias em muitas cidades. Primeiro, eles iam à sinagoga e pregavam o evangelho. O breve sermão que Paulo usou, encontrado em Atos 13, é um relato lógico mostrando que Jesus era o Messias prometido.

Podemos supor que as pessoas que estavam procurando o Messias vindouro seriam mais receptivas ao apelo de Paulo. No entanto, embora alguns judeus cressem e fossem convertidos, um contingente maior ficou ofendido. Eles se tornaram alguns dos mais amargos inimigos de Paulo, conspirando para que ele e Barnabé fossem expulsos de sua região. Seguindo as instruções que Jesus deu aos seus discípulos, Paulo e Barnabé sacudiram o pó da cidade dos seus pés e seguiram em frente.

Na cidade de Icônio, o padrão foi repetido, só que desta vez suas vidas foram ameaçadas e tiveram que fugir. Paulo e Barnabé viajaram pelas redondezas de Listra. Ali, aconteceu um desenvolvimento muito importante. Durante seu sermão, Paulo viu um homem aleijado na multidão e, sob inspiração, curou o homem através do poder do Espírito Santo (Atos 14:8-10). Este foi o primeiro ato registrado de Paulo como missionário médico. O efeito foi tão profundo que o povo confundiu Paulo e Barnabé com os deuses e quis oferecer sacrifícios a eles (Atos 14:11-18). Mas quando os inimigos de Paulo,

os judeus incrédulos de Antioquia e Icônio, apareceram, eles viraram a multidão contra os apóstolos, e Paulo e Barnabé foram novamente forçados a seguir em frente.

Em Derbe, eles tiveram certa medida de sucesso e, em seguida, retrocederam pelas cidades que visitaram anteriormente para encorajar os grupos de novos crentes. Finalmente, eles voltaram para sua igreja natal em Antioquia. Isso completou sua primeira jornada missionária.

As lições aprendidas naquela primeira jornada missionária influenciaram diretamente Paulo quando ele partiu em uma segunda jornada, a que finalmente o levaria a Éfeso. Ele aprendeu que encontraria oposição em muitos níveis, e alguns de seus críticos mais fortes seriam aqueles que professavam crer no mesmo Deus que ele. Ele aprendeu que sua segurança estaria em risco, mas também que nenhum obstáculo seria grande demais para o seu Deus.

Essas realidades foram reforçadas quando Paulo e seu novo parceiro, Silas, foram impedidos de entrar na província romana da Ásia e, no lugar disso, receberam o chamado do Espírito para um novo campo, a Europa. Em Filipos, Paulo e Silas foram espancados e aprisionados por libertar uma garota escrava da possessão demoníaca, outro ato médico-missionário. Em Tessalônica, a oposição judaica surgiu novamente, forçando-os a sair. Um grupo de judeus de Tessalônica seguiu os missionários para Beréia, onde o evangelho havia sido inicialmente bem recebido e incitou a multidão contra Paulo e Silas. Temendo a violência, os crentes em Beréia mandaram Paulo embora de navio para Atenas.

Paulo aprendeu sua lição mais importante em Atenas. Mas antes de analisarmos essa experiência, é importante notar que, embora ele e seus companheiros tenham encontrado muita oposição, eles conseguiram compartilhar o evangelho em cada cidade que visitaram. Eles plantaram pequenos grupos de crentes que se desenvolveram em igrejas. No entanto, devido ao fato de que ele foi forçado a deixar muitos desses lugares à medida que surgia oposição à sua pregação, ele precisava de uma mudança de abordagem, a fim de ser mais eficaz. Algumas das conclusões mais profundas

de Paulo sobre metodologia de ministério vieram do período que ele passou nas duas cidades em que trabalhou antes de em Éfeso: Atenas e Corinto.

Os atenienses eram conhecidos por seu amor pela filosofia. Sócrates, Platão, Aristóteles e uma série de outros pensadores famosos desenvolveram suas filosofias como cidadãos daquela cidade. Roma pode ter sido a capital política do mundo de Paulo, mas Atenas era a capital das ideias. A mente fértil de Paulo era uma boa opção para esse cenário. No grande ponto de encontro de debate, o Areópago, “Paulo enfrentou a lógica com a lógica, ciência com ciência, filosofia com filosofia. Os mais sábios de seus ouvintes ficaram atônitos e emudecidos. Suas palavras não podiam ser controvertidas”. (A Ciência do Bom Viver, p. 214).

Paulo era bom nesse tipo de conversa. Sua mente inteligente e instruída foi capaz de construir argumentos irrefutáveis que silenciaram seus oponentes. Mas um argumento bem elaborado necessariamente não conquista um coração. Perder um argumento geralmente deixa as pessoas irritadas ou ressentidas. Embora Paulo pôde ter resistido em Atenas, “pouco fruto, porém, produziu seu esforço. Poucos foram levados a aceitar o evangelho. Daí em diante Paulo adotou uma diversa maneira de trabalhar. Evitava os argumentos elaborados e as discussões de teorias e, em simplicidade, encaminhava homens e mulheres a Cristo como o Salvador dos pecadores”. (CBV, 214).

Às vezes confundimos apologética com o evangelho. Nós nos envolvemos em debater com aqueles que se opõem à nossa mensagem com lógica, ciência ou filosofia, e perdemos de vista nosso principal objetivo de compartilhar as boas novas. Nunca devemos discutir um ponto simplesmente por causa de um sentimento de orgulho espiritual. Esses tipos de debates raramente são eficazes ou frutíferos para criar convicção no coração de uma pessoa. Eles tendem a gerar muito mais animosidade do que luz. Essa é a grande lição que Paulo aprendeu em Atenas e, sem dúvida, é a lição que Deus pretendia que ele aprendesse. Se Paulo quisesse criar um impacto maior em uma cidade, ele teria que ajustar seus métodos.

Paulo então viajou de Atenas para Corinto, onde ocorreram mais duas mudanças importantes em sua estratégia de missão. Primeiro, ele ajustou sua abordagem de compartilhar o evangelho ao fazer a transição para o método que apresentamos anteriormente como *Simplicity*. Em segundo lugar, o grupo-alvo de Paulo entrou em foco. Ele levaria sua mensagem aos gentios.

Refletindo sobre sua estada em Atenas, Paulo escreveu aos coríntios: “Eu mesmo, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloquente nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus. Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1 Coríntios 2:1, 2). Aqui podemos ver a primeira mudança na estratégia de Paulo que foi o resultado de sua experiência em Atenas. Paulo estava tão preocupado com as pessoas que ouviam o evangelho que ele determinou daquele ponto em diante, em vez de usar argumentos e debates, simplesmente exaltar Jesus, se concentrar na cruz: “[...] decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado”.

Paulo havia percebido que a cruz é a mais sublime ilustração do amor de Deus por nós. Não é apenas a nossa garantia de salvação, mas também uma lembrança das inacreditáveis distâncias que Deus estava disposto a ir para restaurar a humanidade caída e nos reunir com o nosso Criador. A cruz nos mostra um Deus de amor infinito que deseja desesperadamente estar com Seus filhos. É esse amor que muda corações, e não os argumentos.

Esta é uma lição maravilhosa que temos que levar a sério no mundo pós-cristão de hoje, especialmente quando também estamos tentando alcançar aqueles que vivem na incredulidade. As pessoas precisam urgentemente ouvir a verdade sobre Deus e Seu amor por elas. Não podemos mais presumir que eles sabem quem é Jesus ou o que Ele realizou em nome do mundo e de cada um deles como indivíduo. Também não podemos mais concluir que, porque uma pessoa vai à igreja, ela já ouviu ou entendeu o evangelho. Os falsos evangelhos que circulam no mundo do cristianismo hoje não são realmente boas novas.

Fariamos bem em seguir o exemplo de simplicidade de Paulo: ele apenas contou a história de Jesus, o Salvador do mundo. Sua esperança era

que, ao fazê-lo, ele visse um número maior de pessoas se apoderando dessa verdade maravilhosa e transformadora.

A segunda mudança no ministério de Paulo em Corinto foi que seu grupo alvo entrou em foco. Durante sua primeira viagem missionária, parte de sua estratégia era ensinar nas sinagogas, onde judeus e gregos crentes frequentemente se encontravam, embora ele entendesse o desafio que sua mensagem apresentaria a esses dois grupos. Como ele escreveu para a igreja de Corinto: “Nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1 Coríntios 1:23). Alguns dos judeus se opuseram fortemente aos seus ensinamentos. Em Corinto, a resistência tornou-se tão forte que Paulo foi compelido pelo Espírito a fazer esta assombrosa afirmação: “Caia sobre a cabeça de vocês o seu próprio sangue! Estou livre da minha responsabilidade. De agora em diante irei para os gentios” (Atos 18:6).

Essa foi, de fato, a comissão de Paulo desde o princípio, em sua conversão, ser um professor entre os gentios, “para abrir-lhes os olhos e convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (Atos 26:18). Mesmo quando ele estava na cidade de Antioquia, no início de seu ministério, entendeu que Jesus o havia orientado a ser uma “luz para os gentios” (13:47). O resultado foi que “ouvindo isso, os gentios alegraram-se e bendisseram a palavra do Senhor; e creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna” (v. 48).

Podemos encontrar aplicação hoje na segunda lição de Paulo em Corinto. Embora ele estivesse interessado em alcançar todas as pessoas, concentrou seu ministério nos gentios. Nos termos de hoje, isso significa buscar aqueles que não ouviram falar de Jesus ou aqueles em estado de incredulidade, ao invés de se concentrar em converter pessoas de outras denominações. A intenção de Paulo não era excluir ninguém. Ele simplesmente decidiu se concentrar naqueles que ainda não haviam ouvido a verdade do evangelho.

Essas duas mudanças poderosas na abordagem evangelística de Paulo, sua transição para a simplicidade e sua concentração em um grupo alvo, caracterizariam seu trabalho pelo resto de sua vida e pela vida de seus companheiros no ministério. Ele pregaria unicamente o evangelho e fixaria sua atenção nos gentios.

Paulo ficou em Corinto mais um ano e meio, pregando o evangelho e criando uma nova igreja. Leva tempo para conquistar a confiança e desenvolver relacionamentos. Paciência e persistência são fundamentais para o processo. No momento em que Paulo se mudou para Éfeso, a igreja recém-plantada em Corinto estava bem estabelecida e havia uma luz no meio da escuridão.

Antes de começarmos a analisar a estada de Paulo em Éfeso, vamos rever os princípios do ministério que ele aprendeu através de suas experiências até aquele ponto. Em Antioquia, Paulo aprendeu os seguintes princípios:

- A reprodução ou plantio de igrejas é importante;
- Incentivo e mentoreamento são funções importantes da liderança;
- O evangelho é inclusivo;
- É importante enviar missionários em duplas;
- O corpo deve se comprometer com recursos.

A experiência de Paulo mostra que ele:

- Trabalhou dentro de um modelo de equipe ou empresa;
- Pregou o evangelho - Cristo e Ele crucificado;
- Pregou a todos, mas priorizou os gentios;
- Permaneceu em áreas não alcançadas por longos períodos até que uma igreja fosse estabelecida.

Essas ideias formariam os blocos de construção da obra de evangelismo de Paulo. Nos próximos capítulos, descobriremos como o apóstolo integrou esses princípios em um modelo de trabalho para o ministério urbano na cidade de Éfeso. O exemplo de Paulo em Éfeso nos

fornece a pesquisa e o desenvolvimento de um modelo de ministério de trabalho, que podemos seguir com confiança. Podemos ter ministérios urbanos de sucesso aplicando os mesmos princípios guiados pelo Espírito como Paulo fez.

Nos capítulos seguintes, começaremos a apresentar o Modelo de Éfeso examinando as estruturas de missão urbana que foram implementadas para que o ministério acontecesse de forma eficaz. Essas estruturas de missão não são apenas modelos organizacionais; são pilares dinâmicos do ministério que apoiam ativamente a missão de buscar e salvar os perdidos nas cidades. Também são os elementos fundamentais sob os quais o ministério cresce e se desenvolve.

No Modelo de Éfeso, consideraremos cinco estruturas de missão essenciais para os ministérios da cidade: a Equipe de Estabelecimento Antecipado; a Equipe de Liderança; Discipulado e Mentoreamento; Centros de Influência Urbanos e Plantio de Novas Igrejas.

CAPÍTULO 2

Equipe de Estabelecimento Antecipado

A Equipe de Estabelecimento Antecipado (EA) é a primeira estrutura de missão do Modelo de Éfeso. O objetivo da Equipe de EA é ir com antecedência para realizar um trabalho investigativo preliminar na comunidade e despertar o interesse por Jesus e Seu reino entre os membros da mesma. Examinaremos dois exemplos bíblicos de uma Equipe de EA para responder a duas perguntas: Quem deve ser membro da Equipe de EA? E qual deveria ser o trabalho deles? Além disso, aplicaremos as respostas a essas perguntas ao modelo do trabalho missionário urbano de hoje.

Paulo viajou para Éfeso com Áquila e Priscila, um casal cristão que se tornou parte de sua equipe em Corinto. Como Paulo, o casal ganhava a vida fazendo tendas. Quando Paulo chegou a Corinto, Áquila e Priscila abriram a sua casa para ele. Eles trabalharam juntos, viveram juntos e tornaram-se ministros do evangelho juntos. A parceria com Paulo teria influência em Éfeso e além.

Quando Paulo e seus companheiros chegaram a Éfeso, ele sabia que não poderia ficar muito tempo por causa de um compromisso que fizera para voltar a Jerusalém. Ainda assim, o primeiro impulso de Paulo foi ver se havia alguma receptividade ao evangelho em Éfeso, assim, antes de partir, ele “entrando na sinagoga, começou a debater com os judeus” (Atos 18:19). O Espírito Santo trabalhou nos corações antes da chegada dele, e muitos em Éfeso responderam à verdade.

Com essa evidência do potencial para um ministério frutífero, Paulo percebeu que o trabalho deveria começar imediatamente em Éfeso, e ele deixou seus parceiros ministeriais Áquila e Priscila lá para prosseguir com o trabalho até que ele pudesse retornar. Ele os colocou para preparar o campo antes que ele voltasse para evangelizar a região. Áquila e Priscila foram sua Equipe de EA.

Ao começarmos a estudar as estratégias de Paulo em Éfeso como um modelo de ministério, surgiu a questão de saber se o trabalho de Áquila e Priscila como membros da Equipe de EA para Paulo era intencional ou não. Esta foi uma aplicação estratégica que Paulo empregou, ou foi apenas uma coincidência? A resposta é sim para ambas as perguntas. As circunstâncias ditaram a ação, mas Deus não está sujeito ao acaso. Ele havia inspirado Áquila e Priscila a se unirem a Paulo em Éfeso e estava imprimindo-lhes a utilidade desse modelo de ministério.

É importante notar que a Equipe de EA foi um método que Jesus empregou em Seu trabalho. Em um determinado ponto, Ele enviou Seus discípulos em uma missão missionária: “Depois disso o Senhor designou outros setenta e dois e os enviou dois a dois, adiante dele, a todas as cidades e lugares para onde ele estava prestes a ir” (Lucas 10:1). Observe que Jesus primeiro enviou Seus discípulos em duplas - Suas Equipe de EA - para fazer um trabalho específico em cada cidade ou vilarejo que Ele visitaria mais tarde.

É essencial que a Equipe de EA esteja bem fundamentada no evangelho e seja capaz de compartilhá-lo com os outros. Jesus treinou Seus discípulos por algum tempo antes de enviá-los para a obra missionária. Da mesma forma, Áquila e Priscila estavam bem preparados para compartilhar a mensagem do evangelho, o que pode ser demonstrado através da interação deles com Apolo, um homem que encontraram na sinagoga de Éfeso: “Enquanto isso, um judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, chegou a Éfeso. Ele era homem culto e tinha grande conhecimento das Escrituras. Fora instruído no caminho do Senhor e com grande fervor falava e ensinava com exatidão acerca de Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João. Logo começou a falar corajosamente na sinagoga. Quando Priscila e Áquila o ouviram, convidaram-no para ir à sua casa e lhe explicaram com mais exatidão o caminho de Deus” (Atos 18: 24-26). Depois de ouvir Apolo falar, Áquila e Priscila perceberam que seu entendimento do evangelho estava incompleto e, assim, instruíram-no na verdade. Apolo ouviu, acreditou e foi impulsionado pelo Espírito a pregar suas novas convicções.

Podemos ver que a Equipe de EA funciona melhor como um par e que eles precisam ser indivíduos bem fundamentados na verdade sobre Jesus. Mas qual deveria ser o trabalho da Equipe de EA?

Quando Jesus enviou Seus discípulos, Ele deu instruções muito específicas sobre como eles deveriam realizar a obra:

E lhes disse: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Portanto, peçam ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita. Vão! Eu os estou enviando como cordeiros entre lobos. Não levem bolsa nem saco de viagem nem sandálias; e não saúdem ninguém pelo caminho. Quando entrarem numa casa, digam primeiro: ‘Paz a esta casa’. Se houver ali um homem de paz, a paz de vocês repousará sobre ele; se não, ela voltará para vocês. Fiquem naquela casa, e comam e bebam o que lhes derem, pois, o trabalhador merece o seu salário. Não fiquem mudando de casa em casa. Quando entrarem numa cidade e forem bem recebidos, comam o que for posto diante de vocês. Curem os doentes que ali houver e digam-lhes: ‘O Reino de Deus está próximo de vocês’. Mas quando entrarem numa cidade e não forem bem recebidos, saiam por suas ruas e digam: ‘Até o pó da sua cidade, que se apegou aos nossos pés, sacudimos contra vocês. Fiquem certos disto: O Reino de Deus está próximo’”. (Lucas 10:2-11)

Consideramos útil examinar esses versículos para aprender as instruções de Cristo sobre como iniciar um trabalho missionário. Começamos com a maravilhosa garantia de que “a colheita é grande”. Os discípulos de Cristo moveram-se pela fé em Sua obra, e devemos fazer o mesmo. Só então podemos observar o Espírito saindo diante de nós antes de nossos esforços. A fim de apreciar o potencial da colheita, temos que seguir pela fé no trabalho de alcançar os não alcançados nas cidades, colocando nossos pés no Jordão para que o caminho se abra para o nosso avanço. Então, vamos perceber como Deus tem trabalhado à nossa frente, e que a carga de trabalho é significativamente maior do que jamais poderíamos realizar sozinhos. Em outras palavras, as oportunidades serão tão grandes que clamaremos a Deus para nos enviar mais obreiros.

Encontramos também uma advertência de Jesus neste texto: “Vão! Eu os estou enviando como cordeiros entre lobos” (v. 3). Podemos extrair duas lições importantes deste versículo. A primeira é que devemos ser cordeiros assim como Cristo foi o Cordeiro, devemos ser como Jesus à medida que avançamos em nossa missão. A segunda é que encontraremos lobos nos lugares onde Deus nos envia. Devemos esperar encontrar oposição. Satanás tem aliados, demônios e pessoas, para sufocar a obra de Deus. Como cordeiros, não podemos nos proteger contra os lobos. Em vez disso, continuamos confiando plenamente na proteção do Bom Pastor.

Em seguida, na lista de instruções de Jesus, está o seguinte: “Não levem bolsa nem saco de viagem nem sandálias; e não saúdem ninguém pelo caminho” (v. 4).

Aqui Jesus está abordando algumas das desculpas usuais que as pessoas dão em relação ao motivo pelo qual elas não podem se envolver na comissão do evangelho. Dizemos: “*Não tenho dinheiro*” ou “*Não há dinheiro no orçamento*”. Jesus diz: “*Vá!*” Nós dizemos: “*Sem dinheiro, como vou comer?*” Jesus diz: “*Vá!*” Nós nos preocupamos em como iremos agir no mundo sem transporte, computadores, telefones - coisas que achamos que precisamos, mas não temos. Mas Jesus diz “*Vá!*” Como Moisés, dizemos: “Eu não sou um bom orador”, ou “Eu sou muito tímido”, ou ainda “Estou com medo de falar alguma coisa errada”. Para tudo isso, Jesus diz: “*Vá!*” Ele nos aconselha a irmos sem demora, sem perder tempo conversando com os outros ao longo do caminho. Por mais válidas que sejam nossas preocupações, Jesus claramente está mais interessado em avançarmos a despeito delas. Seu desejo é que dependamos totalmente dEle para a tarefa.

Em seguida, Ele disse: “Quando entrarem numa casa, digam primeiro: ‘Paz a esta casa’. Se houver ali um homem de paz, a paz de vocês repousará sobre ele; se não, ela voltará para vocês. Fiquem naquela casa, e comam e bebam o que lhes derem, pois o trabalhador merece o seu salário. Não fiquem mudando de casa em casa. Quando entrarem numa cidade e forem bem recebidos, comam o que for posto diante de vocês (vv. 5-8). Nem todos nós podemos ser chamados a ir como missionários, mas é evidente que todos

somos convidados a participar da obra de Deus de alguma forma. Alguns irmãos são encarregados de apoiar aqueles que atendem o chamado de ir. Eles abrirão suas casas, compartilharão sua comida e bebida e providenciarão qualquer outra coisa que possa ser necessária para o ministério. Deus promete derramar bênçãos sobre os indivíduos e igrejas que seguem Seu plano para que eles, por sua vez, possam continuar a abençoar a obra.

Jesus deu um conselho surpreendente em relação àqueles lugares que não querem receber as boas novas. “Mas quando entrarem numa cidade e não forem bem recebidos, saiam por suas ruas e digam: ‘Até o pó da sua cidade, que se apegou aos nossos pés, sacudimos contra vocês. Fiquem certos disto: O Reino de Deus está próximo’” (vv. 10, 11).

Milhões de pessoas precisam ser alcançadas e temos pouco tempo para fazê-lo. Quando o caminho está fechado para a obra, depois de termos dado a advertência de Deus, devemos nos mover para um terreno mais fértil.

Podemos encontrar mais informações sobre o trabalho da Equipe de EA a partir do exemplo de Áquila e Priscila em Éfeso. Claramente, eles foram dotados com o dom espiritual da hospitalidade, com a vontade de abrir sua casa para os outros. Quando Paulo estava escrevendo para os coríntios de Éfeso, ele estendeu uma saudação “também a igreja que se reúne na casa deles” (1 Coríntios 16:19). Áquila e Priscila começaram uma igreja domiciliar em Éfeso reunindo crentes que compartilhavam suas convicções. Este foi um padrão de ministério que eles repetiram mais tarde em Roma (Romanos 16:3-5). Quando se mudaram para um novo lugar, começaram o trabalho oferecendo sua casa como um local de reunião para adoração.

Áquila e Priscila também foram intencionais sobre a interação com a comunidade. Como vimos em Atos 18, eles foram à sinagoga para se misturar com o povo de Éfeso, onde encontraram Apolo. A história de sua interação com Apolo é um exemplo do casal encontrando novos interesses e compartilhando a verdade sobre Jesus com esses indivíduos.

Podemos ver que Jesus e Paulo enviaram uma Equipe de EA à frente deles. Entendemos que essa equipe deve ser composta por uma dupla bem

versada na verdade do evangelho e que a natureza de seu trabalho é preparar um lugar para um ministério posterior. Como podemos aplicar essa estratégia ao trabalho de hoje do ministério urbano?

Em Allentown, chegamos a ver o valor de começar a trabalhar com uma Equipe de EA. Infelizmente, não começamos com uma Equipe de EA de verdade. Começamos o trabalho com um grupo maior que, durante o primeiro ano, acabou fazendo o trabalho de uma Equipe de EA porque achamos que isso era necessário e fundamental.

As cidades de hoje são complexas, e muitas entidades (agências governamentais, agências sem fins lucrativos, bem como outras igrejas) estão tentando realizar alguns dos mesmos objetivos que nós. Saber onde essas agências estão localizadas e quais serviços elas oferecem é fundamental para se tomar a decisão de onde estabelecer uma base de missão. Além disso, levar em consideração o que essas agências já estão fornecendo pode ajudar a garantir que os ministérios que você oferece não sejam redundantes. É bom passar tempo e desenvolver amizades com grupos que já estão tentando resolver alguns problemas identificados, pois isso pode abrir portas para o seu testemunho. Essas pessoas sabem das variadas e extensas necessidades da população da cidade e muitas vezes ficam felizes em ter outras pessoas ajudando a saná-las. Um problema significativo para muitas pessoas que moram nas cidades é não saber o que está disponível para elas ou como obter acesso aos serviços. Um dos nossos objetivos é unir esforços para resolver esse problema.

Começar uma igreja no lar ou um plantio de igreja semelhante antes da missão como Áquila e Priscila fizeram aumenta a capacidade de convidar outras pessoas a adorarem com você à medida que o trabalho avança. Convidar os irmãos que pensam como você a virem para o seu lado na mesma alegria e sacrifício ajudará a construir uma equipe para avançar a obra.

Como parte dos nossos esforços do primeiro ano, uma equipe de missionários de curto prazo veio trabalhar conosco em Allentown. Já havíamos começado o trabalho missionário em várias competências. No entanto, em nove horas de trabalho porta-a-porta, os missionários visitantes

descobriram 192 interessados no estudo da Bíblia. Tivemos que pará-los por medo de não sermos capazes de acompanhar efetivamente esses interessados naquele momento! Mais obreiros vieram de igrejas locais que foram energizadas pelo cumprimento da promessa de Deus.

Inacreditavelmente, duas das pessoas (que chamamos de “interessados”) que responderam a essa obra missionária pediram para fazer parte da equipe de campo e permanecer como discípulos. Portanto, os ceifeiros estão realmente na colheita! Precisamos orar, enquanto estamos trabalhando, para que Jesus nos envie mais trabalhadores, e Ele o fará.

A lista a seguir resume as coisas que uma Equipe de Estabelecimento Antecipado pode realizar para estabelecer a obra antes do grupo de ministério maior:

- Identificar e conectar-se com outras organizações de caridade que operam na área da cidade onde você planeja trabalhar;
- Realizar pesquisas de avaliação de necessidades para determinar as necessidades distintas da comunidade;
- Avaliar os recursos disponíveis para determinar quem pode ajudar a atender às necessidades identificadas;
- Começar o processo de construção de uma equipe de liderança;
- Trabalhar com outras organizações para cuidar dos necessitados;
- Reunir informações indo a reuniões da cidade, prefeituras e outros fóruns públicos;
- Entrevistar autoridades municipais e líderes, deixando-os saber o que você tem a oferecer;
- Observar as leis de zoneamento e começar a procurar um local de missão em potencial;
- Começar o trabalho de porta em porta, procurando potenciais interessados no estudo da Bíblia;
- Identificar uma área para ministrar (por ex.: um raio de cinco quarteirões);
- Informar as igrejas locais sobre o plano e convidá-las a participar do trabalho;
- Começar a encontrar os recursos na igreja para a equipe maior (moradia, alimentação, transporte);
- Identificar que tipo de centro pode ter mais influência;

- Falar com líderes de outras igrejas da cidade e descobrir como eles estão ministrando;
- Pedir ideias e apoio aos representantes de outras igrejas para estabelecer sua missão;
- Procurar empresários que fazem caridade e envolvê-los em seu planejamento;
- Identificar as necessidades de oração e preocupações do seu bairro, para ajudar saber o “pulso espiritual” da cidade.

No final do ministério de Paulo em Éfeso, ele continuou com a aplicação dessa estrutura missionária. Ele pretendia voltar para a Macedônia e Corinto, e assim, a Bíblia nos diz: “Então enviou à Macedônia dois dos seus auxiliares, Timóteo e Erasto, e permaneceu mais um pouco na província da Ásia” (Atos 19:22).

A Equipe de EA finalmente se torna parte de uma equipe de liderança maior, a segunda estrutura funcional do Modelo de Éfeso, que será examinada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3:

EQUIPE DE LIDERANÇA

Por onde quer que Paulo tenha viajado, ele foi com um grupo fiel de coobreiros que trabalhou ao lado dele: sua Equipe de Liderança. A Equipe de Liderança é a segunda estrutura de missão do Modelo de Éfeso. Neste capítulo, consideraremos os membros da Equipe de Liderança de Paulo em Éfeso para determinar as qualidades e os dons ministeriais necessários para que essa equipe seja eficaz. Também vamos analisar a natureza do trabalho da Equipe de Liderança.

A Bíblia identifica um grupo de pessoas que ministraram com Paulo em Éfeso. Já consideramos Áquila e Priscila, dois dos companheiros de viagem de Paulo e sua Equipe de Estabelecimento Antecipado em Éfeso. Sua equipe de liderança incluía Timóteo e Erasto (Atos 19:22), Gaió e Aristarco, dois macedônios que eram “companheiros de viagem” de Paulo (v. 29) e Sóstenes (1 Coríntios 1:1). Esses indivíduos eram coobreiros de Paulo e apoiadores da campanha de ministério. Tipicamente, quando Paulo se mudava para um novo local, algum membro de sua equipe de liderança ficava para trás para continuar o trabalho, enquanto alguns (neste caso, Timóteo e Erasto) ia em frente como uma Equipe de EA para preparar o próximo campo. Os membros da equipe podiam mudar de cidade para cidade, mas a tática era consistente: pregar o evangelho para a expansão do reino através do trabalho de um corpo organizado e unificado, intencionalmente tornando crentes em discípulos para fazer o mesmo.

Examinando os membros da Equipe de Liderança de Paulo em Éfeso, podemos começar a ter uma ideia do perfil do dom espiritual de uma Equipe de Liderança eficaz. Começaremos apresentando cada membro da equipe de Paulo para determinar seu ministério e experiência específicos. Cada membro da equipe era habilidoso em alguma forma de compartilhar a mensagem do evangelho com judeus e gentios, e é útil vermos como cada membro pode ter contribuído para o ministério em sua própria capacidade.

Áquila e Priscila, como vimos anteriormente, eram um casal judeu que vivia em Roma. Sustentando-se como fazedores de tendas, eles foram a Equipe de EA de Paulo em Éfeso e se tornaram membros de sua Equipe de Liderança. Como Equipe de EA, eles provaram ser professores competentes do evangelho, como demonstrado na experiência deles com Apolo (Atos 18:26). Também sabemos que eles eram talentosos plantadores de igrejas, primeiro em Éfeso e depois em Roma (1 Coríntios 16:19; Romanos 16:3-5).

Em resumo, esses são seus dons, qualidades ou experiências de ministério:

- Trabalho de Estabelecimento Antecipado;
- Professores;
- Plantadores de igrejas;
- Autossustentáveis.

Timóteo era um jovem meio grego, meio judeu (1 Timóteo 4:12; Atos 16:1). Paulo o comissionou a ensinar aos outros o que ele havia lhe ensinado (2 Timóteo 2:2). Ele era pregador, evangelista e administrador da igreja (4:2). Em Corinto, ele fez o trabalho de EA com Erasto (Atos 19:22). “Timóteo foi mandado ir de igreja em igreja realizando esse serviço, e edificando as igrejas na santíssima fé. Devia fazer a obra de um evangelista, e isto é uma obra ainda mais importante que a dos ministros. Devia pregar a Palavra, mas não assumir a direção de uma só igreja” (Ev 337.2).

Timóteo deveria treinar outros para sucedê-lo no ministério do evangelho. Ele não deveria pensar que seu trabalho seria meramente ensinar a verdade aos incrédulos; ele devia transmitir o conhecimento que recebera, repetir a preciosa instrução que ouvira dos lábios de Paulo e registrar as coisas que ele próprio testemunhara, para que a luz da verdade fosse transmitida a outros que se tornassem fiéis e que seriam ordenados ao ministério. Estes, por sua vez, deveriam compreender sua responsabilidade e ensinar os outros também, e assim a sagrada verdade do evangelho seria comunicada de um para outro através dos tempos. (Tradução livre - *Signs of the Times*, 7 de abril de 1890).

Dons, qualidades ou experiências do ministério de Timóteo:

- Trabalho de Estabelecimento Antecipado;
- Pregador, professor e evangelista;
- Evangelista de literatura - entregou mensagens de Paulo às igrejas;
- Trabalho administrativo.

Erasto “auxiliou” a Paulo como um companheiro (Atos 19:22). Paulo pediu-lhe que fosse à Macedônia com Timóteo, onde ele estabeleceu seu lar em Corinto (2 Timóteo 4:20). A Bíblia se refere a ele como o “administrador da cidade” em Corinto (Romanos 16:23). O equivalente de hoje a essa posição seria um diretor de obras públicas ou um tesoureiro da cidade.

Os dons, qualidades ou experiências do ministério de Erasto:

- Trabalho de Estabelecimento Antecipado;
- Trabalho administrativo;
- Habilidades comerciais e financeiras.

Aristarco era “um macedônio de Tessalônica” (Atos 27:2). Ele foi um dos companheiros de Paulo, confiscado pela multidão em Éfeso e levado ao teatro (19:29). Aristarco é descrito como “companheiro de prisão” de Paulo e cooperador (Colossenses 4:10; Filemom 1:24). “Uma circunstância suavizou grandemente as dificuldades de sua vida [de Paulo] — foi-lhe permitida a companhia de Lucas e Aristarco. Em sua carta aos colossenses, referiu-se ele mais tarde ao último como seu ‘companheiro de prisão’ (Colossenses 4:10); mas foi por vontade própria que Aristarco partilhou da prisão de Paulo, a fim de poder confortá-lo em suas aflições” (AA 246.3).

Dons, qualidades ou experiências do ministério de Aristarco:

- Médico missionário;
- Experiência de vida multicultural;
- Apostólico: deixou lar e família para o ministério;

Gaio era um companheiro de viagem de Paulo. Ele era um macedônio que também suportou a ira da multidão de Éfeso (Atos 19:29).

Dons, qualidades ou experiências do ministério de Gaio:

- Experiência de vida multicultural;
- Apostólico: deixou lar e família para o ministério.

Sóstenes é identificado como “irmão” para a igreja de Corinto (1 Coríntios 1:1) e, portanto, deve ter sido bem conhecido daquela congregação.

A maneira de sua apresentação em 1 Coríntios indica que ele era provavelmente o escriba de Paulo.

Dons, qualidades ou experiências do ministério de Sóstenes:

- Evangelista de literatura: escritor;
- Apostólico: deixou lar e família para o ministério.

Lembre-se de que Paulo estava reunindo suas Equipes de Liderança com o propósito específico de alcançar novos campos com o evangelho de Jesus Cristo. Foi um método projetado. Ao fazer o perfil de cada membro de sua equipe, podemos ver quais dons de ministério ele achava que eram necessários para a equipe possuir como um todo, a fim de ser efetivo e bem-sucedido em seu trabalho. Em outras palavras, podemos ver o dom do perfil corporativo da Equipe de Liderança de Paulo. O perfil da equipe em Éfeso incluiria o seguinte:

- Apresentação do evangelho - ensino e pregação/evangelismo;
- Trabalho médico-missionário - curar os doentes, ajudar os pobres e assim por diante;
- Distribuição de literatura (escrita e entrega - Paulo, Timóteo e Sóstenes);
- Administração da missão e visão;
- Habilidade para plantar de igrejas;
- Visão de negócios e dinheiro;
- Autossustentável quando possível;
- Trabalho de Estabelecimento Antecipado;
- Capacidade apostólica, disposição para ir.

Outro atributo extremamente importante da Equipe de Liderança de Paulo em Éfeso é sua diversidade. Dentro de seus poucos membros, podemos ver uma ampla representação de gênero, etnia, idade e até status socioeconômico. Faríamos bem em seguir este exemplo de inclusão ao construir nossas próprias equipes de liderança no mundo diversificado de hoje. Além disso, os membros da equipe devem estar dispostos a aceitar o chamado apostólico para ir.

Agora que entendemos as qualidades e os dons missionários necessários para construir uma Equipe de Liderança, a próxima pergunta é: Qual deve ser o trabalho da equipe? É importante ter um modelo completo de Equipe de Liderança por muitas razões práticas, desde o compartilhamento da carga de trabalho diária até o fornecimento do equilíbrio e da percepção necessários nos processos de tomada de decisão. O principal objetivo da Equipe de Liderança de Paulo, no entanto, era se multiplicar. Em outras palavras, os líderes estavam procurando discípulos para orientar e treinar como novos líderes.

Da mesma forma que a Equipe de Estabelecimento Antecipado, esse método de liderança de Paulo foi extraído do exemplo de Jesus. Em Lucas, vemos que Jesus “chamou Seus discípulos e escolheu doze deles, a quem também designou como apóstolos” (Lucas 6:13). Este texto deixa claro que mais de doze indivíduos eram discípulos de Cristo naquela época. Sem dúvida, Ele tinha um grupo muito maior de discípulos. Em Lucas 10, a Bíblia fala dos setenta que Jesus enviou de dois a dois. Mais tarde, no Pentecostes, 120 estavam no cenáculo (Atos 1:15). Paulo relata “mais de quinhentos irmãos de uma só vez” (1 Coríntios 15:6) como testemunhas de Cristo após a ressurreição. Embora não possamos ter certeza do número exato de discípulos no início do ministério de Jesus, podemos ter certeza de que era mais que doze. Daquele grupo maior, Jesus escolheu doze para serem apóstolos, ou Sua Equipe de Liderança, sobre os quais o reino dos céus nesta terra, ou Sua igreja, seria edificado (Ef 2:19, 20). “Ele Se propôs preparar e educar esses homens para dirigentes de Sua igreja. Eles, por sua vez, deviam educar outros e enviá-los com a mensagem evangélica. Para que pudessem

ter sucesso em sua obra, deviam eles receber o poder do Espírito Santo. Não pelo poder humano ou humana sabedoria devia o evangelho ser proclamado, mas pelo poder de Deus” (AA 10.1).

Jesus desenvolveu sua Equipe de Liderança usando a seguinte sequência: (1) Ele encontrou e ensinou discípulos; (2) do grupo maior de discípulos, Ele selecionou doze para serem apóstolos; (3) Ele treinou e educou esses doze para serem líderes da igreja; (4) Ele os comissionou pelo poder do Espírito Santo para proclamar o evangelho e (5) esses membros da Equipe de Liderança foram encorajados a recrutar outros discípulos e repetir o processo.

Essa mesma progressão ocorreu em Éfeso. Paulo encontrou doze discípulos, ele e sua Equipe de Liderança os treinaram (Atos 19:1-6). Depois eles “estavam habilitados a trabalhar como missionários em Éfeso e circunvizinhanças, e também a sair para proclamar o evangelho na Ásia Menor” (AA 157.1). Observe o tema recorrente nesta passagem: alguns dos novos líderes ficaram em Éfeso e suas vizinhanças, enquanto outros foram para novos campos para repetir o processo. Através dessa abordagem em duas frentes, o trabalho de espalhar o evangelho foi mantido localmente e difundido na região.

Se o trabalho de uma equipe de liderança é se multiplicar desenvolvendo novos líderes a partir de um grupo de discípulos, há algumas perguntas importantes a serem feitas: Como determinamos quem dentre os discípulos deve ser treinado para a liderança? Que qualidades devem ser procuradas? Jesus Cristo tem milhões de discípulos no mundo hoje, muitos dos quais têm as qualidades de liderança e os dons ministeriais requeridos para o ministério da cidade. Quais traços de caráter devem ser levados em conta ao reunir as Equipes de Liderança a partir desse grande corpo de pessoas? Descobrimos que várias qualidades são vitais nos membros da Equipe de Liderança: um espírito humilde, de unidade e a capacidade de tomar uma posição e trabalhar nela de todo o coração.

Podemos ver na Bíblia que Deus determinou que a humildade é um traço de caráter importante para a verdadeira liderança. Quando Ele buscou um líder para libertar Seu povo do cativeiro, Ele escolheu Moisés, que era

“paciente, reverente e humilde, ‘mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a Terra’ (Números 12:3), e, contudo, forte na fé que ele tinha no poderoso Deus de Jacó” (PP 174.1).

Quando Paulo escreve sobre sua experiência em Éfeso, ele diz que serviu “ao Senhor com toda a humildade e com lágrimas, sendo severamente provado pelas conspirações dos judeus” (Atos 20:19). Cada aspecto de sua vida e obra estava sujeito à humildade. Uma atitude de humildade se manifesta em ações, incluindo uma apreciação do valor de outras pessoas e a prática do autossacrifício. Essas qualidades estão no nível do coração da liderança cristã.

Paulo enfatiza a importância da humildade escrevendo que devemos estimar os outros como “superiores” a nós mesmos (Filipenses 2:3). Essa prática nos ajuda a substituir a tendência humana de competir com os outros por uma apreciação genuína por eles e seu trabalho. A humildade está em oposição à nossa ambição natural de sermos o primeiro em tudo, é um fruto do Espírito e requer constante cuidado. Os doze apóstolos de Jesus tiveram que aprender essa lição quando argumentaram entre si sobre quem seria o primeiro no Reino dos Céus. Se não desenvolvermos um espírito de humildade, corremos o risco de perder as bênçãos de sermos cooperadores uns dos outros e, em última instância, de Jesus. Os líderes cristãos precisam, portanto, buscar constantemente um coração humilde e semelhante ao de Jesus no serviço para os outros.

O próprio céu nos ensina como os membros da equipe de liderança devem possuir um espírito de unidade. Paulo escreveu em Éfeso: “Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos.” (1 Coríntios 12:4-6)

Cada pessoa da Divindade está trabalhando em harmonia com a humanidade e entre Si para revelar a verdade do evangelho do Reino. Cada Um pode trabalhar em diferentes capacidades, mas Eles trabalham com a mesma intenção. O Espírito é o distribuidor dos dons do céu. “Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui

individualmente, a cada um, conforme quer” (v. 11), e “em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito” (v. 13). O Pai “dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade” (v. 18) e, nessa ação, “estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta” (v. 24). E Jesus, Paulo diria mais tarde, “é a cabeça do corpo, que é a igreja” (Colossenses 1:18).

Esta não é, de forma alguma, uma lista completa do trabalho que cada membro da Divindade desempenha, mas mostra como Eles trabalham harmoniosamente, ainda que em diferentes capacidades, em direção ao mesmo objetivo. Podemos encontrar outro exemplo dessa mesma harmonia no ato da criação. “Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gênesis 1:26). A forma plural hebraica para Deus (*Elohím*) é usada nesse verso, bem como o pronome possessivo *nossa*. Para que a Divindade estivesse em perfeita harmonia na tomada de decisões e de ações, Eles primeiro raciocinaram em conjunto. Da mesma forma, quando mais de uma pessoa estão envolvidas em uma decisão ou ação, o raciocínio em conjunto é necessário antes que ocorra a decisão ou ação.

Jesus expressou Seu desejo de que a igreja exibisse o mesmo espírito harmonioso de trabalhar em união quando Ele orou: “[...] Para que sejam um, assim como somos um” (João 17:11), e novamente: “Para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (v. 21).

Assim como o céu lidera pelo exemplo, também deve haver uma Equipe de Liderança de Missão Urbana. Humildade e espírito de unidade devem ser os marcos da igreja de Deus e, especialmente, dos seus líderes. Quando o mundo vê um corpo humilde e unificado de crentes trabalhando, faz uma pausa e observa. O evangelho não apenas nos salva da penalidade do pecado, mas também nos salva da sua tirania: o pecado não mais governa sobre nós. Por meio de Jesus, podemos ser restaurados à imagem de Deus, como Ele pretendia originalmente, e a igreja pode se tornar uma testemunha ao mundo do poder do evangelho de Jesus Cristo. Quão emocionante deve ser fazer parte

de uma equipe determinada a tornar visível o reino dos céus em sua comunidade. Não deve ter nada parecido com isso no mundo!

Nosso desafio, então, é aplicar todos os princípios que aprendemos sobre uma Equipe de Liderança eficaz ao trabalho atual da missão urbana. Com base em nossa experiência em Allentown e na análise de conselheiros, relacionamos os seguintes itens descritivos de um perfil ideal de uma Equipe de Liderança para o ministério da cidade:

- 1.** Equipe de Estabelecimento Antecipado: uma equipe de discípulos de duas pessoas (marido e mulher é o ideal, mas não obrigatório), que atuam como mentores e diretores da missão;
- 2.** Administrador: responsável por manter e supervisionar o quadro geral;
- 3.** Relações com a comunidade/ligação com a associação: conecta com outras organizações de suporte e com a mídia;
- 4.** Diretor da ministração do evangelho: pode ser um pastor local ou obreiro bíblico que garanta que o evangelho faça parte de todas as atividades;
- 5.** Diretor médico-missionário: supervisiona os ramos da saúde e bem-estar;
- 6.** Diretor financeiro: define parâmetros de orçamento (um empresário local é o ideal);
- 7.** Diretor de evangelismo de literatura: supervisiona o evangelismo de literatura/distribuição moderna da verdade.

Como todos esses elementos são necessários para o sucesso, cada área deve ter um administrador diferente. No início de um ministério, um indivíduo pode administrar dois, três ou mais desses cargos simultaneamente até que outros membros da Equipe de Liderança sejam desenvolvidos ou encontrados e possam aliviar o fardo da multitarefa.

Em Allentown, ainda não tivemos o benefício de uma Equipe de Liderança de sete pessoas. Grande parte do trabalho é duplicada e até triplicada para os poucos líderes que temos, o que retarda o progresso. Não há dúvida de que este tem sido um dos maiores obstáculos que enfrentamos até hoje. Por isso, estamos sempre agradecidos pelo alívio da liderança.

Quando um parceiro qualificado do ministério se junta à Equipe de Liderança, o trabalho é distribuído de maneira mais uniforme e melhor atendido.

Aprendemos através da experiência que cada membro em potencial da Equipe de Liderança precisa ser cuidadosamente examinado. É importante saber que os membros da equipe estão prontos para liderar na habilidade que eles são chamados a servir. Como descobrimos, nem todos os discípulos são destinados a papéis de liderança, e se você reunir uma equipe de discípulos que não sejam verdadeiros líderes, o trabalho será retardado até que você tenha mentoreado líderes dentre eles. Como resultado, você pode gastar tempo e energia orientando indivíduos que não se tornam líderes. Parte do nosso desafio em Allentown vem do fato de que nós mesmos nunca tivemos o privilégio de sermos orientados nesse tipo de trabalho.

É importante ressaltar, no entanto, que a liderança não é o único dom espiritual essencial para o sucesso do plano de Deus. Muitos outros discípulos são necessários para complementar e apoiar o todo, como iremos descobrir.

Além disso, o treinamento anterior específico para uma determinada posição no ministério não torna necessariamente uma pessoa em um verdadeiro líder. Por exemplo, alguém pode ser educado no campo do trabalho bíblico, mas não tem experiência prática em discipulado ou mentoreamento. Como já observamos, um dos principais objetivos da Equipe de Liderança deve ser se multiplicar, o que significa que discipulado e mentoreamento são habilidades vitais que cada membro da Equipe de Liderança deve possuir. No próximo capítulo, veremos que essas duas características eram absolutamente essenciais para o trabalho de Paulo e sua Equipe de Liderança em Éfeso.

CAPÍTULO 4:

Discipulado e Mentoreamento

Por meio do exemplo de Paulo em Éfeso, começamos a identificar uma sequência para estabelecer com sucesso um ministério urbano. Para começar, a Equipe de Estabelecimento Antecipado trabalha na comunidade para identificar suas necessidades, com o objetivo final de estabelecer um novo grupo de crentes e, em seguida, a Equipe de Liderança aparece. Um dos primeiros trabalhos dessa equipe é encontrar e desenvolver um Grupo de Discipulado no novo campo missionário. Neste capítulo, discutiremos como a Equipe de Liderança deve identificar indivíduos dentro do Grupo de Discipulado que tenham dons de liderança a serem orientados e treinados como novos líderes. Vamos chamar esse grupo de estagiários de liderança. Este é o processo pelo qual a Equipe de Liderança se multiplica. Examinaremos os detalhes de como isso é realizado, por meio do Grupo de Discipulado como um todo e, mais especificamente, por meio dos Estagiários de Liderança.

O Grupo de Discipulado é formado por dois grupos de indivíduos que podemos encontrar no ministério do evangelho. Os primeiros são aqueles que, tendo sido preparados pelo Espírito Santo, estão esperando que alguém compartilhe o evangelho com eles. Normalmente, essas pessoas já acreditam em Deus e suas vidas refletem seu nível de conhecimento sobre Ele. Embora o entendimento delas do evangelho possa ser incompleto, esses *crentes que buscam a verdade* estão abertos e receptivos a uma compreensão mais profunda das coisas de Deus. Eles rapidamente acreditam e agem sobre a verdade quando a ouvem. Na linguagem de Paulo, essas pessoas estão prontas para comer alguma “carne”.

O segundo grupo que podemos esperar encontrar são os *participantes de primeira viagem*, aqueles que estão dando sua primeira resposta ao chamado do evangelho. Os participantes de primeira viagem estão passando da posição de ignorância ou incredulidade para uma crença, uma transição

muito maior do que a dos crentes que buscam a verdade. Suas vidas podem reagir à falta de conhecimento das verdades do reino e, com frequência, levará tempo para que adotem novos princípios de vida. Eles são bebês em sua jornada espiritual e precisam de “leite”.

Juntos, os crentes que buscam a verdade e os participantes pela primeira vez formam o Grupo de Discipulado. Quer sejam crentes que buscam a verdade ou sejam participantes pela primeira vez, todos os discípulos podem e, em muitos casos, devem ser rapidamente engajados no ministério. É importante lembrar que cada um pelo menos um dom. Nem todos são chamados à liderança, mas todos trazem valor e são importantes para o corpo como um todo. Todos os membros do Grupo de Discipulado devem ser orientados e encorajados a usar seus dons para a glória de Deus dentro da igreja ou no Centro de Influência Urbano (discutido no próximo capítulo). Esses dois ambientes oferecem um lugar onde todos os discípulos podem ser treinados e desenvolvidos à medida que crescem e se tornam obreiros eficazes para Jesus. Temos o seguinte conselho:

Deve haver, em ligação com nossas missões, colégios para os que estão prestes a entrar no campo como obreiros. Devem estar certos de que precisam tornar-se quais aprendizes que recebem instruções sobre como trabalhar pela conversão de almas. O trabalho nestas escolas deve ser variado. O estudo da Bíblia deve ocupar o lugar mais importante, e, ao mesmo tempo, deve haver um sistemático treino da mente e das maneiras, para que aprendam a se aproximar do povo da melhor maneira possível. Todos devem aprender a trabalhar com tato, cortesia, bem como com o Espírito de Cristo. (Ev 107.3)

Dentro deste Grupo de Discipulado maior, a Equipe de Liderança deve começar a identificar indivíduos para se tornarem Estagiários de Liderança. No capítulo anterior, discutimos os dons do ministério exigidos em uma Equipe de Liderança e como cada líder em potencial deve ter várias qualidades: humildade, desejo de unidade e capacidade de assumir e trabalhar de forma sincera. Paulo aconselha que, além disso, um líder não deve ser “recém-convertido” ou um novo crente (1 Timóteo 3:6). Quando Paulo

estava procurando por discípulos em Éfeso para se tornarem Estagiários de Liderança, ele se concentrou em crentes que buscavam a verdade, aqueles cujo relacionamento com Deus era mais estável e maduro.

Como já vimos antes com muitos dos métodos de Paulo em Éfeso, é importante notar que Paulo estava seguindo o exemplo de Cristo ao selecionar um grupo de Estagiários de Liderança. Jesus veio à Terra com um objetivo: revelar a verdade sobre Seu Pai e estabelecer Seu reino eterno. Revelar o evangelho da salvação para toda a humanidade é crucial para o estabelecimento desse reino. Usamos a palavra *revelar* porque o evangelho deve ser ouvido e visto pelo mundo inteiro. Em outras palavras, o evangelho não é apenas a transmissão de informações, mas também uma demonstração do poder de Deus para mudar corações e vidas. Jesus escolheu Seus discípulos, Seus Estagiários de Liderança, não apenas para falar palavras de verdade e salvação, mas também para ser exemplos vivos do efeito que o evangelho tem na vida do que crê.

Esse sempre foi o plano de Deus. Muito antes dos discípulos, a nação judaica foi escolhida para o mesmo propósito: “Eu, o Senhor, o chamei em retidão; segurarei firme a sua mão. Eu o guardarei e farei de você um mediador para o povo e uma luz para os gentios” (Isaías 42:6). Deus chamou Israel para ser uma nação de discípulos para o resto do mundo. Eles, no entanto, rejeitaram não apenas seu chamado, mas também o Messias, o próprio Jesus. Então Jesus mentoreou e treinou doze discípulos para fazer o trabalho que Israel, Sua igreja na época, não havia feito.

Esses homens não eram qualificados pela educação ou refinamento, mas eram humildes e dispostos e, o mais importante, acreditavam em Jesus. Por causa dessa crença e da esperança que ela incutiu em seus corações, eles deixaram suas antigas vidas para segui-Lo. Eles observavam como seu Mestre ministrava aos indivíduos de cada “estrada da vida”. Todos os dias, Jesus ensinava aos discípulos Seu método de ministério, ocasionalmente sentando-os para explicar Suas ações a eles. Mais importante, Seu treinamento foi além da teoria. Eles testemunharam em primeira mão a alegria das crianças que Ele ergueu em Seus braços. Eles viram Seu toque de cura estendido aos

excluídos da sociedade. Eles ouviram Suas palavras de encorajamento e gentil repreensão, e contemplaram o significado de Suas parábolas e sermões. Através desta interação diária, Jesus treinou e capacitou Seus discípulos para se tornarem líderes de Sua igreja.

Paulo percebeu que esse era um padrão a ser repetido em seu ministério evangélico. Quando ele veio a Éfeso para começar uma nova campanha de evangelismo, ele e sua equipe de liderança encontraram rapidamente doze novos discípulos para equipar e capacitar:

Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, atravessando as regiões altas, chegou a Éfeso. Ali encontrou alguns discípulos e lhes perguntou: “Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?” Eles responderam: “Não, nem sequer ouvimos que existe o Espírito Santo”. “Então, que batismo vocês receberam?”, perguntou Paulo. “O batismo de João”, responderam eles. Disse Paulo: “O batismo de João foi um batismo de arrependimento. Ele dizia ao povo que cresse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus”. Ouvindo isso, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus. Quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar. Eram ao todo uns doze homens. (Atos 19:1-7)

A equipe de Paulo agora consistia em alguns que eram experientes (sua Equipe de Liderança) e um grupo de discípulos inexperientes sob seu treinamento (seus Estagiários de Liderança). Depois que eles foram treinados e mentoreados, alguns dos Líderes de Treinamento permaneceriam para assumir o manto da liderança local, enquanto outros iriam, como os apóstolos, para novos campos de oportunidade, onde repetiriam o processo.

Como Paulo mentoreou e capacitou seus Estagiários de Liderança para prepará-los para assumir o manto da liderança, e como ele moldou seu método de mentoreamento depois? Com certeza, Paulo estava familiarizado com o trabalho de Jesus e Seus doze discípulos. Mas, além disso, ele também foi orientado como estagiário de liderança e aprendeu essa metodologia de ministério por meio de tentativa e observação nessa relação de mentoreamento.

O mentor de Paulo era Barnabé, como já mencionamos. Seu relacionamento de ministério começou quando Paulo, pouco depois de sua conversão, foi a Jerusalém para encontrar-se com os discípulos de Jesus. “Mas todos estavam com medo dele, não acreditando que fosse realmente um discípulo” (Atos 9:26). Foi Barnabé que “o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara, e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus” (v. 27).

Lembre-se que antes que isso acontecesse, Paulo, de acordo com suas próprias palavras, “perseguia com violência a igreja de Deus, procurando destruí-la” (Gálatas 1:13). Não é de admirar que os líderes da igreja estivessem com medo e duvidassem de sua história. No entanto, Barnabé acreditou nele e levou-o aos discípulos, oferecendo três evidências de primeira-mão que indicavam que Paulo era um homem mudado.

A primeira evidência surgiu quando Barnabé ouviu sobre como “no caminho, Saulo vira o Senhor” (Atos 9:27). Em outras palavras, Barnabé ouviu Paulo contar sua história de conversão. Em seguida, ele declarou Jesus havia falado com ele. Barnabé entrevistou Paulo, ouviu seu testemunho e descobriu o que Paulo acreditava. Ele foi, portanto, capaz de confirmar a conversão de Paulo com base em seu conhecimento pessoal, depois de passar um tempo com ele e ver a verdade trabalhando em sua vida. Finalmente, Barnabé observou “como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus”.

O mentoreamento de um Estagiário de Liderança deve começar com esse tipo de processo de entrevista, da qual buscaríamos ouvir essas três coisas:

- 1.** História de conversão: *Como você conheceu Jesus?*
- 2.** Testemunho de vida: *Como o conhecimento de Jesus mudou a sua vida?*
- 3.** História do trabalho de evangelismo (depois da conversão): *O que você fez com o seu conhecimento de Jesus?*

A mentoria de Paulo como Estagiário de Liderança continuou depois que Barnabé o entrevistou e o levou perante os discípulos: “Assim, Saulo ficou com eles, e andava com liberdade em Jerusalém, pregando corajosamente em nome do Senhor” (Atos 9:28). Em outras palavras, Paulo pôde ver o ministério dos discípulos, assim como os discípulos haviam testemunhado o ministério de Jesus, e ele também pregou. Quando a perseguição surgiu em Jerusalém a partir de alguns dos judeus, os discípulos enviaram Paulo a Cesaréia e depois a Tarso (v. 30). Observe como a Equipe de Liderança experiente (os discípulos) guiou os primeiros movimentos de Paulo.

Enquanto Paulo estava em Tarso, os líderes da igreja enviaram Barnabé a Antioquia. Com sua chegada ao ministério nessa cidade, “muitas pessoas foram acrescentadas ao Senhor” (11:24). Encorajado por esse resultado, Barnabé decidiu reengajar Paulo como um parceiro ministerial. “Então Barnabé foi a Tarso procurar Saulo e, quando o encontrou, levou-o para Antioquia” (vv. 25, 26). Juntos, eles ministraram com sucesso em Antioquia, e muitos aceitaram o evangelho. Barnabé continuou a orientar Paulo ao longo de seus anos em Antioquia, e Paulo pôde observar e envolver-se em múltiplas fases do ministério. Eles interagiram com novos crentes e se reuniram com a igreja (v. 26). Eles trabalharam com os líderes da igreja para levar uma oferta de volta a Jerusalém (v. 29). Selecionaram um novo discípulo, João Marcos, para mentorear (12:25), e partiram juntos em uma jornada missionária, pregando o evangelho a judeus e gentios.

O que Paulo aprendeu com essa experiência pessoal de mentoreamento com Barnabé refletiu-se em como ele orientou seus próprios Estagiários de Liderança em Éfeso. Ele começou selecionando Estagiários de Liderança do Grupo de Discípulos em Éfeso, entrevistando-os sobre sua experiência com Deus (19:1, 2). Em seguida, Paulo começou a prepara-los e capacitá-los, ensinando-lhes a verdade sobre Jesus e o poder do Espírito Santo. Em outras palavras, Paulo compartilhou o evangelho com eles:

Falou-lhes da vida de Cristo na Terra, e de Sua cruel morte de vergonha. Contou-lhes como o Senhor da vida quebrara os grilhões da

tumba e ressurgira triunfante da morte. Repetiu as palavras da comissão do Salvador aos discípulos: “É-Me dado todo o poder no Céu e na Terra. Portanto ide, e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”. Mateus 28:18, 19. Falou-lhes também da promessa de Cristo de enviar o Consolador, por cujo poder grandes sinais e maravilhas seriam feitos, e contou-lhes quão gloriosamente havia essa promessa sido cumprida no dia de Pentecostes. (AA 156.6)

Compartilhar o evangelho é o primeiro passo fundamental do mentoreamento. Em Allentown, encontramos muitos obreiros dispostos que tinham uma compreensão incompleta do evangelho. Muitas vezes, o povo de Deus está dividido sobre o que realmente é a verdade do evangelho, o que leva à disfunção e divisão na obra do ministério. Devido a essa realidade, tornamos prioritário repetir várias vezes os fundamentos do evangelho nos cultos em equipe, a fim de estabelecer uma revelação unificada e consistente dessa verdade na obra que fazemos. Essa ênfase no evangelho nos capacita a permanecer no curso e procurar salvar os perdidos.

O próximo passo, depois que os Estagiários de Liderança em Éfeso receberam o evangelho e “foram batizados no nome do Senhor Jesus”, foi que “Paulo lhes impôs as mãos” (19:6). Os novos discípulos receberam então dois dons específicos do Espírito Santo: falar em línguas e profetizar (v. 6). No entanto, surge a pergunta: Por que esses dois dons?

Podemos ler no relato bíblico sobre os discípulos recebendo o dom de línguas. Os judeus receberam o dom de línguas juntamente ao derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, e os gentios receberam esse mesmo dom na casa de Cornélio. Deus concedeu esse dom tanto aos judeus como aos gentios, de modo que nenhuma questão surgiria sobre se Deus tinha favorecido um grupo sobre o outro. Curiosamente, em Éfeso, o dom de profecia foi adicionado ao dom de línguas. Paulo explica o motivo de Deus ter acrescentado este dom em Éfeso: “Portanto, as línguas são um sinal para os descrentes, e não para os que creem; a profecia, porém, é para os que creem, e não para os descrentes” (1 Coríntios 14:22). Ao conceder os dons de línguas e de profecia, o Espírito Santo equipou os Estagiários de Liderança em Éfeso

para o ministério tanto dos crentes como dos não-crentes. Eles continuaram sob a tutela de Paulo, observando e ouvindo-o enquanto ele trabalhava entre o povo. Com o tempo, eles estariam prontos para iniciar seus próprios empreendimentos missionários e repetir o processo.

Se os analisarmos lado a lado (ver tabela abaixo), podemos ver que a mentoria de Paulo sobre os Estagiários de Liderança em Éfeso é uma imagem espelhada de sua experiência como estagiário de Barnabé. Podemos ver claramente o plano de mentoreamento e treinamento de Estagiários de Liderança nessas experiências paralelas. Paulo segmenta ainda mais as fases de mentoreamento em sua carta à igreja de Éfeso: “E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado” (Efésios 4:11, 12).

Barnabé e Paulo	Paulo em Éfeso
Barnabé encontra Paulo (Atos 9:27)	Paulo encontra seus Estagiários de Liderança (Atos 19:1)
Barnabé entrevista Paulo sobre sua experiência (Atos 9:27)	Paulo entrevista os Estagiários de Liderança sobre suas experiências (Atos 19:2)
Paulo recebe o evangelho (Gálatas 1:12)	Paulo ensina o evangelho aos Estagiários de Liderança (Atos 19:4)
A igreja impõe as mãos em Paulo para o ministério (Atos 13:2, 3)	Paulo impõe as mãos nos Estagiários de liderança para o ministério (Atos 19:6)
Paulo observa e prega com a equipe de liderança em Jerusalém (Atos 9:28, 29)	Paulo prega para judeus e gentios enquanto com os Estagiários de Liderança estavam em Éfeso (Atos 19:8)
Surge a perseguição (Atos 9:29)	Paulo e os Estagiários de Liderança enfrentam perseguição (Atos 19:9)
A equipe de liderança muda Paulo (Atos 9:30)	Paulo move os Estagiários de Liderança para um novo lugar para continuar com segurança o seu treinamento (Atos 19:9)
Paulo experimenta o ministério diário com Barnabé em Antioquia e em sua primeira viagem missionária (Atos 13:9-14)	Os Estagiários de Liderança experimentam o ministério diário com Paulo em Éfeso por vários anos (Atos 19:10)

Neste verso, a liderança é definida em termos de dons espirituais (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres) com o propósito de mentorear os outros. Esse processo de mentoreamento ocorre em três fases: (1) o aperfeiçoamento dos santos; (2) a obra do ministério; e finalmente (3) a edificação do corpo de Cristo. Para entender completamente o mentoreamento, é útil entendermos o que cada uma dessas fases envolve.

Primeiro, Paulo escreve que a liderança é para o aperfeiçoamento dos santos. Isso significa que Deus usa os esforços de liderança para amadurecer os discípulos no conhecimento Dele e em mudar seus corações e vidas para melhor refleti-Lo. O caminho de um discípulo é um constante crescer, acrescentando graça após graça para uma revelação mais completa de Jesus em nossas vidas. Segundo Pedro, esse caminho é uma promessa:

Por intermédio destas ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina e fugissem da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça. Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento; ao conhecimento o domínio próprio; ao domínio próprio a perseverança; à perseverança a piedade; à piedade a fraternidade; e à fraternidade o amor. Porque, se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em suas vidas, elas impedirão que vocês, no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, sejam inoperantes e improdutivos. (2 Pedro 1:4-8)

Os líderes de Deus, portanto, não somente são chamados a pregar a Palavra de Deus, mas também a trabalhar todo tempo para amadurecer os seguidores de Jesus através de um ensino paciente que convença, repreenda e encoraje (ver 2 Timóteo 4:2).

Segundo, Paulo escreve que a tarefa da liderança é treinar o povo de Deus para o trabalho do ministério. Isso está reforçando essencialmente o que já discutimos neste capítulo e no capítulo anterior: os líderes devem treinar outros para serem líderes, o que é melhor realizado por exemplo no campo,

na prática. Os discípulos devem ver e ouvir como o ministério é realizado nas circunstâncias da vida real para que possam efetivamente ensinar os outros.

Finalmente, Paulo escreve que a liderança deve edificar ou construir o corpo de Cristo. Em 1 Coríntios 12, Paulo explica que o corpo de Cristo (a igreja) deveria ser a revelação coletiva de Jesus para o mundo. Parte da responsabilidade da liderança é participar com Deus na construção do corpo em uma representação completa dEle mesmo. Assim como Paulo construiu uma Equipe de Liderança com um perfil único de dom espiritual, a liderança deve buscar e orar pelos dons do ministério necessários para que Cristo seja coletivamente revelado ao mundo.

Por que estamos discutindo o papel da liderança em um capítulo sobre discípulos? O motivo é que esta passagem sobre a liderança pode nos ajudar a entender o que realmente é se tornar um discípulo de Jesus: uma vida comprometida com o objetivo de entrega total à vontade de Deus.

O discipulado cristão é um chamado para abandonarmos tudo o mais, seguir a Jesus e compartilhar nosso conhecimento dEle com os outros. Quando nos tornamos verdadeiros discípulos, dizemos a Jesus: “Tudo o que eu sou é Teu, tudo o que eu tenho é Teu, e tudo o que eu digo e faço é para a Tua glória”. O princípio fundamental do discipulado cristão é o compromisso total com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Seu chamado, “siga-Me, e Eu farei de você pescadores de homens”, ainda ressoa das praias da Galiléia aos seus discípulos hoje. Esse chamado é para acreditar Nele, imitar Seus caminhos e encontrar e mentorear outros a fazerem o mesmo.

Infelizmente, com frequência reagimos à comissão de Jesus com desculpas que limitam nossa participação ao nosso nível de conforto. Temos filhos para criar, carreiras para desenvolver, contas para pagar, e assim por diante. Todos nós temos responsabilidades que exigem nosso tempo e recursos, mas nossas responsabilidades não devem nos impedir de seguir os princípios do discipulado.

Algumas pessoas podem ser livres para entrar em novos campos como apóstolos, assim como os doze homens que Jesus escolheu dentre seu grupo

maior de discipulado. “Chamou seus discípulos e escolheu doze deles, a quem também designou como apóstolos” (Lucas 6:13). Eles deixaram suas vidas anteriores para dedicar-se a um trabalho para Jesus na linha de frente dos novos campos missionários. Outros podem não ser solicitados a assumir esse papel por causa das responsabilidades e complicações em suas vidas. No entanto, são chamados para o mesmo alto padrão de discipulado. Eles devem estar envolvidos em algum tipo de ministério tão plenamente quanto suas circunstâncias permitam, expressando seus dons espirituais no corpo de Cristo e apoiando os outros na linha de frente do ministério por meio de oração, encorajamento e doações de recursos.

O discipulado vai muito além da frequência aos cultos de fim de semana e da devolução dos dízimos e ofertas. É uma imersão na vida de Jesus através dos dons e talentos que Ele nos empresta:

Considerai a vida de muitos que professam ser cristãos. O Senhor os dotou de aptidões, poder e influência; confiou-lhes recursos, para que fossem Seus coobreiros no grande plano da redenção. Todos os Seus dons devem ser usados para abençoar a humanidade, para aliviar o sofrimento e o necessitado. Devemos alimentar o faminto, vestir o nu, cuidar das viúvas e dos órfãos, e servir ao aflito e ao abatido. Nunca foi intenção de Deus que houvesse tanta miséria no mundo. Nunca pretendeu que um homem tivesse abundância dos luxos da vida, enquanto os filhos dos outros houvessem de chorar por pão. Os meios supérfluos às necessidades reais da vida são confiados ao homem para o bem e para beneficiar a humanidade. Diz o Senhor: “Vendei o que tendes, e dai esmolas.” Lucas 12:33. “Repartam de boa mente e sejam comunicáveis.” 1 Timóteo 6:18. “Quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos.” Lucas 14:13. “... Que soltes as ligaduras da impiedade, ... desfaças as ataduras do jugo, ... deixes livres os quebrantados, e... despedaces todo o jugo.” Isaías 58:6. ... “Repartas o teu pão com o faminto e recolhas em casa os pobres desterrados. ... Vendo o nu, o cubras” e fartes “a alma aflita.” Isaías 58:7, 10. “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” Marcos 16:15. Esses são os mandamentos do Senhor. Está o grande corpo de cristãos professos fazendo esta obra? {PJ 200.8}

O verdadeiro discipulado é uma resposta à pergunta: Quanto valor eu atribuo ao que Jesus fez em meu nome? Fomos chamados para alcançar

milhões nas cidades do mundo com o evangelho de Jesus Cristo. Isso exigirá um esforço unificado de nossa parte. Muitos irão, e muitos precisarão apoiar seu progresso.

Uma história da vida de Davi pode ajudar ilustrar esse assunto. Ao se aproximar do fim de sua vida, o desejo do rei Davi era construir um templo para o Senhor para substituir o santuário de Moisés, destruído pelos filisteus em Siló:

O rei Davi se pôs de pé e disse: “Escutem-me, meus irmãos e meu povo. Eu tinha no coração o propósito de construir um templo para nele colocar a arca da aliança do Senhor, o estrado dos pés de nosso Deus; fiz planos para construí-lo, mas Deus me disse: ‘Você não construirá um templo em honra do meu nome, pois você é um guerreiro e matou muita gente’. No entanto, o Senhor, o Deus de Israel, escolheu-me dentre toda a minha família para ser rei em Israel, para sempre. Ele escolheu Judá como líder, e da tribo de Judá escolheu minha família, e entre os filhos de meu pai ele quis fazer-me rei de todo o Israel. E, dentre todos os muitos filhos que me deu, ele escolheu Salomão para sentar-se no trono de Israel, o reino do Senhor. Ele me disse: ‘Seu filho Salomão é quem construirá o meu templo e os meus pátios, pois eu o escolhi para ser meu filho, e eu serei o pai dele.’” 1 Crônicas 28:2-6

Nesta passagem, vemos que as circunstâncias da vida de Davi o desqualificaram de assumir a tarefa que seu coração desejava fazer. Ele viveu uma vida violenta, cheia de guerras e derramamento de sangue. Uma vez que o templo era para representar o Príncipe da Paz para o mundo, Deus disse não ao seu pedido.

Davi é como muitos discípulos modernos, cujas circunstâncias da vida limitam sua capacidade de realizar uma tarefa particular - neste caso, mudar-se como apóstolos para as linhas de frente do ministério da cidade. Mas a história de Davi revela como Deus pode nos usar, apesar de nossas circunstâncias, para apoiar aqueles que podem ir e realizar a tarefa. Deus queria que um novo templo fosse construído e Ele deu a tarefa ao filho de Davi, Salomão. Uma vez que Davi entendeu o plano de Deus, ele pôde apoiar o trabalho que seu filho faria reunindo os suprimentos e recursos que

Salomão precisaria para construir o templo. Davi e Salomão foram necessários para completar a tarefa, cada um fazendo sua parte: Davi fornecendo os recursos e Salomão realizando a construção.

Deus tem chamado a igreja para alcançar as cidades com o evangelho por mais de cem anos. Ele está desesperado por uma geração de Davi para abrir o caminho para uma geração de Salomões. Ambos precisam começar agora. Alguns discípulos terão que literalmente se levantar e ir. Outros discípulos, que não podem ir, apoiarão aqueles que vão com tudo o que têm. Dessa forma, todos os membros do Grupo de Discipulado são chamados a participar da obra de Deus para levar o evangelho às cidades.

O plano de Deus é ter grupos de discípulos capacitados pelo Espírito Santo para o ministério trabalhando em todas as cidades do mundo. Esses discípulos seriam guiados, treinados e apoiados pelo restante do corpo de Cristo, que são iguais em paixão e compromisso para completar a comissão de Deus aos Seus discípulos aqui na terra: “Deus está chamando não somente pastores, mas também médicos, enfermeiros, colportores, obreiros bíblicos e outros consagrados membros da igreja, possuidores de diferentes talentos, que tenham o conhecimento da Palavra de Deus e possuam o poder de Sua graça, para que considerem as necessidades das cidades não advertidas. O tempo está passando rapidamente, e muito resta a ser feito. Todos os meios devem ser postos em operação, para que as oportunidades atuais sejam sabiamente aproveitadas”. (AA 88.1).

Claramente, é prioridade máxima para Deus que todos os Seus discípulos estejam envolvidos no trabalho que Ele está chamando Sua igreja para fazer hoje, da maneira que cada um é especificamente chamado. Conforme discutimos neste capítulo, esses discípulos precisam ser treinados e capacitados para realizar essa obra. No próximo capítulo, veremos a ideia de estabelecer missões contemporâneas, ou centros de influência urbanos, para treinar e capacitar discípulos para o trabalho nas cidades e ser catalisadores para o crescimento do reino.

CAPÍTULO 5:

Centros de Influência Urbanos

A quarta estrutura missionária que encontramos no Modelo de Éfeso é o Centro de Influência Urbano. Como mencionamos no capítulo anterior, o Centro de Influência Urbano é um lugar onde o Grupo de Discipulado e os Estagiários de Liderança podem praticar seus dons espirituais enquanto são mentoreados e capacitados para o trabalho missionário. O Centro de Influência Urbano também deve fazer exatamente o que o nome sugere: influenciar a comunidade circunvizinha de uma forma que leve o evangelho à vida das pessoas e cause mudança nelas. Neste capítulo, examinaremos o Centro de Influência Urbano de Paulo em Éfeso. Veremos como ele usou esse centro para promover mudanças na comunidade e como podemos aplicar esses princípios ao trabalho missionário urbano hoje.

Como vimos no capítulo 1, em nossa visão geral da obra missionária de Paulo antes de ele chegar a Éfeso, a mensagem do evangelho é frequentemente recebida com oposição. Sua experiência em Éfeso não foi diferente: “Mas alguns deles se endureceram e se recusaram a crer, e começaram a falar mal do Caminho diante da multidão. Paulo, então, afastou-se deles. Tomando consigo os discípulos, passou a ensinar diariamente na escola de Tirano”. (Atos 19:9).

Quando surgiu oposição na sinagoga, Paulo sabiamente encontrou um lugar diferente para treinar seus novos discípulos. Ele escolheu uma escola grega chamada escola de Tirano. Lá, muitas pessoas da comunidade provavelmente foram ouvir Paulo ensinar o evangelho. A escola tornou-se o epicentro da influência cristã em Éfeso, o Centro de Influência Urbano de Paulo:

O grupo de crentes que se reunia *na escola de Tirano* estava em evidente desarmonia com o coro festivo, e o ridículo, zombaria e insulto eram-lhes livremente atirados. Os trabalhos de Paulo haviam produzido sobre o culto pagão um golpe de morte, em consequência do que houve

uma sensível queda na assistência à festividade nacional, e no entusiasmo dos adoradores. A *influência* dos seus ensinamentos alcançava muito além dos atuais conversos à fé. Muitos que não tinham abraçado abertamente as novas doutrinas, tornaram-se esclarecidos bastante para perder toda a confiança em seus deuses pagãos. (AA 162.4 – ênfase acrescentada)

O Centro de Influência Urbano de Paulo teve um profundo efeito no modo de vida dos efésios, pois muitos começaram a ver a futilidade de adorar os deuses que eles construíram com suas próprias mãos e decidiram seguir a verdade do evangelho. Sua escola havia se tornado um centro de influência urbano, porque as ideias ensinadas ali eram contraculturais e transformadoras de vida. O evangelho contrapõe a cultura do pecado por sua mera presença e é um catalisador para a mudança individual. Este único lugar e a mensagem que ele promovia estavam mudando a cultura de toda a cidade de Éfeso.

Como as pessoas associadas a essa escola puderam afetar tão drasticamente a comunidade em que viviam? Uma olhada no trabalho em andamento em Éfeso ajudará a fornecer uma resposta. Como sabemos, o objetivo de Paulo e sua Equipe de Liderança era ensinar o evangelho de Jesus Cristo e Ele crucificado. Áquila e Priscila compartilharam o evangelho com Apolo, e Paulo depois compartilhou as boas novas com o grupo de doze que se tornaram seus Estagiários de Liderança. Paulo e sua Equipe de Liderança tiveram sucesso porque o Espírito Santo preparou os corações daqueles homens com antecedência para ouvir o verdadeiro evangelho e crer. Em ambos os casos, esses crentes que buscavam a verdade tornaram-se imediatamente novos obreiros no campo.

É encorajador lembrar que Deus está trabalhando à nossa frente de todas as formas, preparando os corações das pessoas de todas as cidades para ouvir a verdade e crer. Esses crentes que buscam a verdade são o primeiro fruto de um novo campo de ministério, e muitas vezes eles se tornam os mais ardentes defensores do trabalho. Desta forma, muitos dos recursos necessários no alcance da cidade, tanto de pessoas como de materiais necessários para apoiar o trabalho, se tornam disponíveis durante a colheita.

Paulo usou dois métodos em Éfeso para encontrar os crentes que buscavam a verdade e que se tornariam obreiros ao lado dele no Centro de Influência Urbano. O primeiro foi através de fóruns públicos. A Bíblia diz que parte da obra de Paulo em Éfeso era proclamar publicamente o evangelho de Cristo em lugares como a escola de Tirano, a sinagoga ou até mesmo na feira. O segundo método de Paulo era ir de porta em porta. Ele escreveu: “Vocês sabem que não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, mas ensinei-lhes tudo publicamente e de casa em casa”. (Atos 20:20).

Como sempre, Paulo estava espelhando em seu trabalho os métodos que o próprio Jesus usou. Mesmo na mais breve pesquisa sobre a obra de Jesus na Terra, podemos vê-lo proclamando o evangelho em fóruns públicos, como a encosta onde alimentou os cinco mil, e indo nas casas dos novos discípulos, como Zaqueu e Simão, o fariseu. Tanto nos fóruns públicos como no ministério porta-a-porta, o objetivo de Jesus era alcançar almas perdidas. Nós, como Paulo, devemos imitar os métodos de Cristo: “Em toda cidade penetrada, deve-se lançar sólido fundamento para uma obra permanente. Cumpre seguir os métodos do Senhor. Fazendo-se trabalho de casa em casa, dando-se instruções bíblicas nas famílias, o obreiro pode obter acesso a muitos que estão buscando a verdade. Abrindo as Escrituras, fazendo oração, exercendo fê, deve ele ensinar ao povo o caminho do Senhor”. (Ev 457.1)

Visto que o ministério de Jesus deveria ser o modelo supremo para o nosso ministério evangélico, um olhar mais atento ao que Ele fez durante Seu tempo na terra pode nos ajudar a espelhar Sua obra em nossos Centros de Influência Urbanos. O método de ministério de Jesus começou primeiramente ajudando as pessoas onde elas estavam. Os Evangelhos estão cheios dos atos de Jesus em favor daqueles que Ele estava tentando alcançar. João escreveu: “Jesus fez também muitas outras coisas. Se cada uma delas fosse escrita, penso que nem mesmo no mundo inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos”. (João 21:25).

Duas perguntas surgem deste texto que refletem sobre como deve ser o trabalho de nossos Centros de Influência Urbanos: Quais outros métodos

Jesus usou além de simplesmente pregar ou ensinar o evangelho? Por que ele usou esses outros métodos?

As respostas emergem do contexto desse versículo, começando com João 20:30, 31: “Jesus realizou na presença dos seus discípulos muitos outros sinais miraculosos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em Seu nome”.

Os sinais aos quais João se refere são os muitos milagres de Jesus, especialmente curando pessoas de doenças e deficiências. Aqui está a resposta para nossa primeira pergunta: Esses sinais são os outros métodos que Jesus usou. Por que Ele os usou? Segundo João, os sinais serviam para levar as pessoas a crerem que Jesus era o Messias, o Filho de Deus. A influência dos milagres de Jesus criou um efeito cascata. Atingia não apenas a pessoa que recebia a bênção, mas também aqueles que viram o milagre acontecer e se estendia àqueles que ouviram de segunda mão falar dos milagres. Esse efeito cascata significa que populações inteiras foram confrontadas com a perspectiva de que Jesus era o Cristo simplesmente por causa de Suas ações. Vendo ou ouvindo sobre Seus milagres, eles foram levados a acreditar ou não acreditar. Aqui, encontramos a resposta para nossa segunda pergunta: Jesus incorporou atos (como milagres) em seu ministério porque eles eram eficazes para alcançar grandes grupos de pessoas com a verdade sobre quem Ele era.

Agora que entendemos por que Jesus usou outros métodos além de pregar e ensinar em Seu ministério, podemos examinar quais atos específicos faziam parte do Seu método para alcançar as pessoas:

Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: “*Segue-Me*”. João 21:19.

É necessário pôr-se em íntimo contato com o povo mediante esforço pessoal. Se se empregasse menos tempo a pregar sermões, e

mais fosse dedicado a serviço pessoal, maiores seriam os resultados que se veriam. Os pobres devem ser socorridos, cuidados os doentes, os aflitos e os que sofreram perdas confortados, instruídos os ignorantes e os inexperientes aconselhados. Cumpre-nos chorar com os que choram, e alegrar-nos com os que se alegram. Aliado ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra jamais ficará sem frutos. (CBVc 49.3 e 4)

Há uma beleza na simplicidade do método de Cristo. Ao dividir cada parte da citação, podemos ver como cada uma desempenhou um papel importante em alcançar as pessoas com o evangelho.

“O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem.” Essa não é apenas uma mistura benefício próprio. Parte do “misturar-se” é desejar o bem para os outros, o que não é um atributo natural da humanidade pecadora. O próprio Jesus nos lembra que “há somente um que é bom” (Mateus 19:17). É somente pelo fato de que “Deus é poderoso para fazer que lhes seja acrescentada toda a graça, para que em todas as coisas, em todo o tempo, tendo tudo o que é necessário, vocês transbordem em toda boa obra” (2 Coríntios 9: 8) que somos capazes tanto de desejar quanto de fazer o bem aos outros. Podemos até mesmo, pela graça que Deus nos dá, aprender a amar nossos inimigos e fazer o bem aos que nos odeiam (Lucas 6:27). Como o apóstolo João escreve: “Aquele que faz o bem é de Deus” (3 João 11).

“Manifestava simpatia por eles”. O dicionário online Merriam-Webster [em inglês] define simpatia como “o ato ou a capacidade de participar ou compartilhar os sentimentos ou interesses de outro”. As pessoas notam quando a simpatia é direcionada para elas. Aproximar-se das pessoas, ou, em outras palavras, misturar-se a elas, é um pré-requisito para que a simpatia seja demonstrada e sentida.

“Ministrava-lhes às necessidades.” Ministratar significa que estamos oferecendo um serviço ou cuidando de alguma outra pessoa. Estamos considerando suas necessidades e fazendo algo para satisfazê-las. É importante lembrar que, para atender às necessidades de alguém, precisamos saber quais são elas. Podemos começar a entender as necessidades das

peças perguntando ou fazendo uma observação amigável. Quando passamos tempo com as pessoas, o Espírito Santo torna as necessidades delas evidentes para nós.

“*Granjeava-lhes a confiança.*” O ganho de confiança é melhor obtido com um comportamento consistente. As pessoas confiarão em nós se virem padrões de abnegação e amor.

“*Ordenava então: ‘Segue-Me’.*” O tempo é crucial nessa etapa. Observe que este é o último passo na sequência do ministério de Cristo, mas ainda assim é uma parte importante da sequência. Quando o Espírito permite e dirige, o evangelho deve ser compartilhado e deve ser feito um convite. Temos testemunhado ministérios que se tornam estritamente sociais por não conseguirem compartilhar o evangelho diretamente. A maior coisa que podemos dar às pessoas neste mundo é a promessa de uma nova vida em Jesus. Muitas organizações já estão ajudando as pessoas a satisfazer suas necessidades básicas e devem ser elogiadas por isso. Mas o cristianismo existe para ir além disso, para compartilhar com os outros o amor altruísta, *agape*, de Deus e para fazer um convite para receber o evangelho. Para o cristão, o verdadeiro poder das boas obras é encontrado na sua união com as boas novas.

O segundo parágrafo da citação que descreve o método de Cristo é frequentemente ignorado e, no entanto, é tão importante quanto o primeiro. Observe as expressões como “pôr-se em contato íntimo”, “esforço pessoal” e “serviço pessoal”. Estas são diretivas que não podem ser atendidas à distância. Somos solicitados a nos envolvermos na vida das pessoas, a sermos amigos dos pobres, doentes, aflitos, enlutados, ignorantes, inexperientes, tristes e dos que se regozijam. Quando nos aproximamos de pessoas nessas condições e fazemos o que podemos para aliviar seus fardos, elas veem Jesus em nossas ações, e seus corações serão suavizados para ouvir o evangelho.

O que isso nos mostra é que o fruto do ministério é resultado das ações que tomamos e não apenas das palavras que falamos. Sim, o mundo precisa ouvir sobre Jesus, mas muitos não estão prontos para ouvir até verem. Jesus

demonstrou isso em Seu próprio ministério misturando-se e aproximando-se do povo. Ele estava preocupado com o ministério pessoal.

Esse pode ser um dos maiores desafios para o corpo de Cristo. Muitas vezes nos isolamos das pessoas que mais precisam dos nossos cuidados e influência. Nossos Centros de Influência Urbanos têm que estar situados em lugares onde possamos nos tornar pessoais e acessíveis àqueles que precisam ouvir o evangelho. Precisamos nos misturar. Nossos Centros de Influência Urbanos devem estar onde as pessoas estão, na vizinhança delas. Isso nos permite desenvolver um verdadeiro conhecimento sobre a vida das pessoas que estamos tentando alcançar, entender quais são suas necessidades e como podemos nos conectar e ajudá-las. Nossos Centros de Influência Urbanos devem se tornar os melhores vizinhos que as pessoas daquelas comunidades já encontraram: “Onde quer que se estabeleça uma igreja, todos os membros se devem empenhar ativamente em trabalho missionário. Devem visitar todas as famílias da vizinhança, e conhecer suas condições espirituais”. (SC 9.12)

Este conselho para as igrejas aplica-se também ao desenvolvimento de um Centro de Influência Urbano. A maioria das igrejas sabe muito pouco sobre as pessoas em sua vizinhança, quanto mais sobre sua condição espiritual. O resultado é que, se a igreja fechasse permanentemente, a comunidade sentiria pouca perda. Em contraste, um Centro de influência Urbano deveria ter um impacto sobre a comunidade, como o Centro de Influência Urbano de Paulo, em Éfeso.

Podemos encontrar muitos conselhos nos escritos de Ellen White sobre o trabalho que um Centro de Influência Urbano deveria realizar para influenciar uma comunidade. Ela escreve que “em cada cidade devia haver uma missão urbana, que fosse uma escola de preparo para obreiros” (MS 303.4). Como já discutimos, há necessidade de desenvolver a liderança local a partir do Grupo de Discipulado para que o trabalho missionário seja sustentado. Ao estabelecer um Centro de Influência Urbano em cada novo campo missionário, em cada cidade, os Estagiários de Liderança locais têm oportunidade de receber a capacitação que a missão oferece e participar de seus ministérios.

Ellen White dá conselhos sobre o que esse treinamento deve incluir: “Estabeleçam-se pequenas missões em muitos lugares, para ensinar homens e mulheres a empregar e aumentar seus talentos. Compreendam todos o que deles se espera, e muitos dos que agora estão desocupados trabalharão fielmente” (T6 432.1). O Centro de Influência Urbano deve ajudar os discípulos a descobrir seus dons espirituais e treiná-los a usar esses dons. Tanto os crentes que buscam a verdade quanto os participantes de primeira vez precisam de um lugar para aprender a serem a voz e as mãos de Cristo. O Centro de Influência Urbano deve ser uma escola onde o Grupo de Discipulado pode ser ensinado e orientado à medida que amadurecem na plenitude de Cristo.

Em última análise, o propósito de um Centro de influência Urbano é promover uma conexão entre Deus e todo o Seu povo: “Pela designação desses centros, Deus planeja trazer os seres humanos em conexão Consigo mesmo, para que a humanidade possa comover-se pela humanidade; e que homens, controlados pelo Espírito Santo, possam aumentar em conhecimento, fortalecendo todo princípio de caráter segundo a semelhança divina” (Advent Review and Sabbath Herald, 27 de setembro de 1898 – *tradução livre*).

O plano de Deus tem um duplo propósito. Primeiro, Ele deseja que, através do Centro de Influência Urbano, as pessoas na comunidade interajam com Seus discípulos e se conectem a Ele. É por isso que é tão vital que Jesus possa ser visto e ouvido na vida de Seus discípulos que trabalham nesse lugar. Segundo, Jesus deseja que crentes cheios do Espírito Santo tenham um lugar onde possam crescer em sua compreensão de Cristo e exercer seus dons de maneira prática. Um Centro de Influência Urbano deve ser um lugar de aprendizado e desenvolvimento de caráter na vida dos crentes, bem como um farol de esperança na comunidade.

Temos tentado aplicar esses princípios ao nosso Centro de Influência Urbano em Allentown, a missão *Simplicity*. Nosso Centro de Influência Urbano tem sido o lar de muitas atividades, como escolas de culinária, grupos de exercícios e outros programas de estilo de vida. Temos um consultor de emprego e assistente social que ajuda a conectar pessoas a outros serviços

existentes. Também temos pequenos grupos e estudos bíblicos. Nós alimentamos crianças aos sábados e temos um programa de Escola Sabatina. Oferecemos aulas de inglês como segunda língua (ESL) e estamos começando a desenvolver um programa de tutoria. Fora do Centro, temos equipes ajudando pessoas da comunidade com gerenciamento de estilo de vida em seus lares. Ajudamos outros ministérios da cidade, como o banco de alimentos e abrigos para sem-teto. Entregamos alimentos e fornecemos roupas aos nossos vizinhos quando vemos a necessidade deles.

Nosso Centro de Influência Urbano também é um local para treinamento. Aqui, nossa equipe missionária se reúne regularmente para estudo bíblico e oração. Ocasionalmente, traremos líderes capacitados para dar treinamento especializado. Nossa esperança é que alguns Estagiários de Liderança acabem fazendo um trabalho semelhante em outros lugares. Parte do treinamento dos novos discípulos é antecipar que alguns partirão para novos campos missionários. Alegre-se quando isso acontecer!

Embora tenhamos colocado nosso Centro de Influência Urbano perto do centro de Allentown, decidimos focar nossa missão em um raio de apenas cinco quadras. Isso está relacionado com o limite que uma pessoa pode estar motivada a caminhar para receber um serviço. No entanto, ao criar um Centro de Influência Urbano, é importante resistir à tentação de programar uma série constante de eventos, esperando que as pessoas venham até nós. A programação só será eficaz se tiver sido estabelecida a confiança por meio de engajamento interpessoal. Isso significa que a eficácia de um Centro de Influência Urbano em ganhar almas em sua comunidade está, sem exceção, diretamente relacionada ao ministério pessoal que emana dele. Um Centro de Influência Urbano deve, em primeiro lugar, ser uma base a partir da qual vamos à comunidade para ministrar e, em segundo plano, um lugar para convidar nossos vizinhos para que possamos construir relacionamentos mais próximos. É a disposição de nos aproximar das pessoas que revela o amor de um Deus que escolheu nos ajudar.

Como vimos no método de evangelismo de Jesus, a pregação por si mesma é insuficiente para alcançar as pessoas para o evangelho. Precisamos

fazer mais do que pedir às pessoas que nos procurem para ouvir. Precisamos ir até elas, buscá-las como joias preciosas por amor a Jesus. Devemos ministrar a elas de acordo com a necessidade delas. Então, quando surgir a oportunidade, poderemos compartilhar as boas novas em corações que estão preparados para recebê-la.

Alguns diriam que isso é muito trabalhoso, mas ganhar uma só alma para Cristo deve ser do mais alto valor para nós. Um dos meninos do café da manhã de sábado fez uma pergunta muito séria em seu estudo bíblico sobre o perdão de Jesus. Ele perguntou: “Você quer dizer que, se eu pedir para Jesus entrar em meu coração, todas as coisas ruins que eu fiz serão perdoadas e eu vou viver para sempre?”

O professor respondeu: “Sim!”

Eles oraram e o menino aceitou Jesus em seu coração. Não há maior recompensa nesta vida do que cumprir uma pequena parte do plano da salvação e vê-la agindo na vida de alguém, especialmente em uma criança.

CAPÍTULO 6

INICIANDO UMA NOVA IGREJA

Examinamos quatro estruturas de missão do Modelo de Éfeso: o trabalho da Equipe de Estabelecimento Antecipado, a formação de uma Equipe de Liderança, o desenvolvimento de um Grupo de Discipulado e o estabelecimento de um Centro de Influência Urbano. Em Éfeso, essas estruturas trabalhavam em harmonia em direção a um único objetivo: a formação de uma nova igreja. O plantio de uma igreja, a estrutura funcional final do Modelo de Éfeso, era o objetivo de Paulo e também deveria ser o nosso. Neste capítulo, discutiremos a importância de plantar igrejas especificamente nas cidades e de como essas igrejas devem ser saudáveis e vibrantes, com base em dois exemplos bíblicos: a igreja de Jerusalém e a de Antioquia.

Desenvolver um novo corpo de crentes deve sempre ser o objetivo final do ministério. O próprio Jesus nos deu a tarefa de espalhar o evangelho em Sua comissão final aos Seus discípulos: “E disse-lhes: ‘Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas’” (Marcos 16:15). “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mateus 24:14).

Essas palavras de Jesus contêm um imperativo de que o evangelho deve ser pregado “em todo o mundo” e a “todas as pessoas”. Para cumprir essa comissão, devemos estar dispostos a ir onde as pessoas estão para alcançá-las. Como discutimos no prefácio, grande parte da população mundial está cada vez mais residindo em ambientes urbanos. Apesar disso, as cidades de hoje são amplamente ignoradas como um campo missionário para o evangelho. De fato, o ministério urbano é frequentemente recebido com resistência por causa de uma citação de Ellen White: “De acordo com a luz que me foi dada, insisto com o povo para que saia dos grandes centros populosos. Nossas cidades estão se tornando cada vez mais ímpias, e cada vez mais se torna evidente que os que desnecessariamente nelas permanecem, fazem-no pondo em perigo a salvação de sua alma” (VC 14.3).

No entanto, quando considerado em contexto com as outras evidências, este conselho não é um aviso contra o ministério urbano, como pode parecer à primeira vista. Primeiro, devemos lembrar que o próprio Paulo, sob a inspiração do Espírito Santo, foi às cidades da sua época para evangelizar. Em segundo lugar, devemos considerar que a citação, em conjunto com outros conselhos contemporâneos escritos por Ellen White, claramente apoia um forte evangelismo das cidades:

- “Em toda cidade em que a verdade for proclamada, devem-se erigir igrejas. Em algumas cidades grandes, importa haver templos em várias partes da cidade. Em alguns lugares, oferecer-se-ão casas de culto por preços razoáveis, as quais se podem comprar com vantagem.” (*Ev 377.1*)

- “Todos nós precisamos estar bem acordados para que, à medida que o caminho se abre, possamos fazer avançar o trabalho nas grandes cidades. Estamos muito atrasados em seguir a luz que nos foi dada de entrar nas grandes cidades e erigir memoriais para Deus. Passo a passo, devemos conduzir as almas para a plena luz da verdade. Muitos parecem estar ansiosos pela comida espiritual. Devemos continuar trabalhando até que uma igreja seja organizada e construída uma humilde casa de culto. Fico muito encorajada a acreditar que muitas pessoas que não são da nossa fé ajudarão consideravelmente com seus meios. A luz que me é dada é que em muitos lugares, especialmente nas cidades da América, receberemos ajuda de tais pessoas.” (*RH, 30 de setembro de 1902, par. 4– tradução livre*)

Na primeira leitura, esse conselho de que deveriam ser construídas igrejas nas cidades pode parecer contraditório à recomendação anterior de Ellen White de que as pessoas deveriam sair das cidades. Mas um olhar mais atento à primeira citação revela que as duas afirmações não são contraditórias. Ela aconselha os discípulos que “*desnecessariamente nelas permanecem*”. Ela está ciente do fato de que nem todos podem deixar as cidades agora. Vemos o mesmo tema repetido na seguinte citação: “Muito mais se pode fazer para salvar e educar os filhos *dos que presentemente não podem sair das cidades*. Essa é uma questão digna dos nossos melhores esforços. Devem-se estabelecer escolas de igreja para as crianças que estão nas cidades e, em ligação com essas escolas, devem-se tomar providências

para o ensino de estudos mais elevados, onde estes forem exigidos” (OC 196.3 – ênfase nossa).

Existem múltiplos e complexos fatores que levam as pessoas a viver em cenários urbanos de constante expansão. Cultura, emprego, acesso a serviços e entretenimento são apenas algumas das razões pelas quais as pessoas escolhem viver nas cidades. Retirar-se de tal ambiente pode ser um grande desafio, mesmo que se deseje fazê-lo. Ellen White dá um conselho claro de que deveríamos estar ativamente evangelizando essas pessoas onde elas moram. Embora sejamos encorajados a nos afastarmos das cidades, se possível, por causa de sua influência mundana, também somos repetidamente lembrados de que, para alguns, essa opção pode ser difícil de ser alcançada. Além disso, somos aconselhados a não abandonar este campo missionário: “Alguns devem permanecer nas cidades para dar a última nota de advertência, mas isso se tornará cada vez mais perigoso. Contudo, a verdade presente deve chegar ao mundo, a verdade falada pelos lábios dAquele que compreendeu o fim desde o princípio” (Manuscript Releases 10, 261 – tradução livre).

A melhor combinação dessas ideias é encontrada no conselho direto de que devemos construir novas igrejas nas cidades sempre que possível, e então mudar-nos para fora das cidades. “É o propósito de Deus que nosso povo se localize fora das cidades e, destes centros avançados, advirta as cidades e erga nelas memoriais para o Senhor. Deve haver certa força de influência nas cidades, para que a mensagem de advertência seja ouvida” (Ev 76.4).

Os adventistas abraçaram esses conceitos em parte. A maioria se mudou para os subúrbios ou áreas rurais, e construímos a maioria de nossas igrejas nos lugares onde moramos. Talvez, porém, tenhamos esquecido que nossos centros avançados, fora das cidades, deveriam ser instalações de desenvolvimento para o lançamento do trabalho de evangelismo urbano. Em vez disso, deixamos de lado, em grande parte, esse trabalho nas cidades.

Parece inegável, portanto, que devemos plantar igrejas em nossas cidades. Isso nos leva a definir como deve ser uma igreja plantada. Lembre-

se de que uma igreja não é um prédio. Uma igreja pode precisar de um prédio, mas um prédio em si mesmo não constitui uma igreja. Uma igreja é um corpo de crentes comprometido que trabalha em unidade para fazer crescer o reino dos céus pelo poder do Espírito. Como já dissemos, este é o objetivo de todo ministério, o desenvolvimento do corpo de Cristo.

A Bíblia nos dá dois exemplos maravilhosos de novas igrejas vibrantes e saudáveis: a igreja de Jerusalém e a igreja de Antioquia. Examinando essas duas igrejas, podemos começar a ver as características que uma nova igreja deve ter.

De acordo com o livro de Atos, a igreja de Jerusalém começou a se desenvolver após o sermão de Pedro no Pentecostes:

“Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas. Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Todos os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuía a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava todos os dias os que iam sendo salvos.” Atos 2:41-47

Ao esmiuçar este texto, podemos começar a obter uma definição de igreja pelo que ela faz. Para começar, diz-se que a igreja de Jerusalém “*eles se dedicavam*” a cinco atividades específicas: ao ensino dos apóstolos, à comunhão, ao partir do pão, às orações e ao louvor a Deus (versículo 47). A palavra *dedicar* significa fazer grande empenho por; empenhar-se, entregar-se. O fato de a igreja de Jerusalém se *dedicar* nessas atividades significa que estes eram os hábitos da igreja primitiva e de seus membros. Essas cinco atividades são as maneiras pelas quais Deus deseja que nos encontremos com Ele e celebremos Sua bondade.

O ensino dos apóstolos também eram os ensinamentos de Jesus. Como já discutimos no início deste capítulo, os apóstolos receberam uma

tarefa monumental de levar os ensinamentos de Cristo a todas as nações. Jesus disse: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mateus 28:19, 20).

Já analisamos o que poderia significar alcançar “todas as nações”, mas há um segundo imperativo nesse versículo: que o evangelho seja pregado “até o fim dos tempos” Este é um chamado para a ação perpétua. A igreja deve estar em um processo contínuo de ensino e batismo. Isso significa que a primeira ordem da igreja hoje é ter uma consciência para ouvir e, por sua vez, ensinar a Palavra de Deus.

A segunda atividade da igreja de Jerusalém era a comunhão habitual. A Bíblia diz que eles estavam “*unidos*”, que “*todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo*” e “*partiam o pão em suas casas*” (Atos 2:46). Como os membros da igreja de Jerusalém tinham um grande mútuo, eles passavam muito tempo juntos conversando e estudando nas casas uns dos outros. Eles procuravam oportunidades para estarem juntos para o encorajamento e comunhão, e se encontravam no templo todos os dias em adoração, não apenas no sábado. Eles preferiam a unidade ao individualismo e trabalhavam pela sua preservação.

Em seguida, vemos que os membros da igreja de Jerusalém tinham costume de partir do pão nas casas uns dos outros. Alguns podem interpretar isso como uma celebração da Santa Ceia. Afinal, o termo “partir o pão” em Atos é o mesmo termo usado no Evangelho de Lucas, quando Jesus, “tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: ‘Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim’” (Lucas 22:19). No entanto, o partir do pão era uma refeição de comunhão que tinha um significado espiritual para a igreja de Jerusalém. Ela inspirava uma contemplação de Cristo e uma comunhão ativa com o Senhor ressuscitado e que logo viria.

Então vemos que a igreja de Jerusalém tinha o hábito de oração. Sem dúvida, eles oravam individualmente, mas também diariamente oravam em

comunhão. Muitas vezes negligenciamos a comunicação com Deus através da oração, embora Paulo nos lembre de que devemos “orar sem cessar” (1 Tessalonicenses 5:17). A oração não deve ser apenas uma obrigação matutina e vespertina, deve ser o nosso desejo de estar em contínua comunhão com Deus. Ellen White afirma o seguinte:

Embora Cristo tivesse dado a promessa aos Seus discípulos de que eles deveriam receber o Espírito Santo, isso não eliminou a necessidade da oração. Eles oraram com mais fervor e continuaram em oração em comum acordo. Aqueles que estão engajados no trabalho solene de preparar um povo para a vinda do Senhor, também devem continuar em oração. (Gospel Workers, 371 – *tradução livre*).

Finalmente, a igreja de Jerusalém tinha o hábito de louvar a Deus. Muitas vezes lutamos com essa prática. Nós tendemos a confundir o louvor com agradecer a Deus pelo que Ele fez para nós, uma resposta apropriada à intercessão ativa de Deus e Sua atividade em nossa vida. Contudo, gratidão e louvor não são a mesma coisa, a gratidão é sobre o que Deus fez por nós, o louvor se concentra em quem Deus é.

Nos Salmos, Davi separa o louvor e a ação de graças como dois conceitos diferentes. Por exemplo: “Entrem por suas portas com ações de graças, e em seus átrios, com louvor; deem-lhe graças e bendigam o seu nome. Pois o Senhor é bom e o seu amor leal é eterno; a sua fidelidade permanece por todas as gerações” (Salmos 100:4 e 5).

Neste verso, vemos que o louvor é paralelo a bendizer o nome de Deus, e Davi nos dá três razões pelas quais devemos fazê-lo. Primeiro, “*o Senhor é bom*”. Deus é bom, esse é um atributo central da Sua natureza. Segundo, “*seu amor leal é eterno*”. Isso descreve não apenas uma característica de Deus, mas também a permanência dessa característica. Deus é, sempre foi e sempre será um Deus misericordioso e amoroso. Por último, “*a sua fidelidade permanece por todas as gerações*”. Novamente, esta é a evidência da consistência do caráter de Deus em relação a toda pessoa que já existiu ou que ainda vai nascer.

O louvor, então, é um reflexo da nossa compreensão e experiência de quem Deus é, reconhecendo mais do que aquilo que Deus tem feito por nós pessoalmente. Ele reconhece a grande questão que muitos fazem: Quem ou o que é Deus e por que Ele age como age? Quando louvamos, estamos proclamando a verdade sobre Deus e dando ao mundo uma resposta para essa pergunta. Como resultado, as mentiras de Satanás são reveladas.

Considerados em conjunto, esses cinco hábitos da igreja de Jerusalém constituem o que se pode considerar como adoração. A adoração, em sua forma mais elevada, excede a soma de suas partes e se torna uma emulação do seu objeto. No caso dos cristãos, esse objeto seria Jesus. Nós devemos ser um povo tão completamente imerso em Jesus que começaremos a nos parecer com Ele. Em Jerusalém, a prática da adoração deu origem a um desejo contínuo de compartilhar a alegria de ser um seguidor de Cristo. A comunidade em que eles viviam tinha “simpatia” por eles, e o resultado foi que “o Senhor lhes acrescentava todos os dias os que iam sendo salvos” (Atos 2:47).

Barnabé fazia parte da igreja de Jerusalém e trouxe essa experiência com ele para Antioquia, onde o caminho se abriu para um novo trabalho emocionante. Lembre-se que a igreja em Antioquia foi resultado da perseguição em Jerusalém (7:59-8:1). Após o apedrejamento de Estêvão, os crentes se dispersaram de Jerusalém, alguns se estabeleceram em Antioquia (11:19). Aqui, a comissão de Jesus de que o evangelho fosse pregado aos gentios e aos judeus começou a ser cumprida. Os crentes em Antioquia levaram o evangelho aos gregos, e “muitos creram e se converteram ao Senhor” (11:21). Essa realmente foi uma igreja urbana plantada. Ali, os crentes tornaram-se conhecidos como cristãos e como uma igreja saudável e desenvolvida.

Como Barnabé se tornou líder na igreja de Antioquia, ele conseguiu moldar o DNA deste plantio de igreja depois da igreja de Jerusalém. Podemos seguramente presumir que a igreja de Antioquia participou dos mesmos cinco hábitos de adoração: o ensino dos apóstolos, a comunhão, o partir do pão, as orações e o louvor a Deus. Uma vez que Barnabé trouxe consigo Paulo para

ministrar em Antioquia, este DNA da igreja se espalhou ainda mais, uma vez que Paulo plantava igrejas nas cidades que visitava em suas viagens missionárias. Essencialmente, a igreja de Jerusalém é a fonte do DNA do Modelo de Éfeso.

Podemos aprender mais algumas coisas da igreja de Antioquia sobre como deve ser uma igreja saudável. Primeiro, a Bíblia diz que a igreja de Antioquia foi ajudada por mestres, pregadores, profetas e apóstolos (11:20, 29; 13:1; 14:14). Paulo descreve esses ministérios como dons espirituais (1 Coríntios 12). Isso significa que a igreja de Antioquia estava funcionando sob a orientação dos dons dados ao Espírito com os quais havia sido abençoada. Além disso, a igreja em Antioquia não se isolou em seu trabalho. A congregação apoiou os irmãos na Judéia, uma expansão da prática da igreja primitiva de vender bens para sustentar aqueles que tinham necessidade (Atos 11:29). Vemos nesta ação que o trabalho da igreja deve ser cooperativo. Finalmente, sob a direção do Espírito Santo, eles ordenaram que Paulo e Barnabé partissem e levassem o evangelho a novos lugares, em obediência à grande comissão de Jesus (13:2).

Ao abrirmos novas igrejas nas cidades de hoje, nós, como Paulo, devemos procurar adotar o DNA da igreja de Jerusalém. Lembre-se, uma igreja não é um edifício. As igrejas urbanas podem ter muitas formas diferentes, podem ser igrejas nos lares, em células ou mesmo igrejas tradicionalmente organizadas. O que essas igrejas devem ter em comum são as características de um corpo saudável de crentes. Nossas igrejas devem ter o hábito de seguir o ensino dos apóstolos, a comunhão, o partir do pão, as orações e o louvor a Deus. Como a igreja de Antioquia, deveríamos estar trabalhando juntos para a unidade de nossos dons dados pelo Espírito, aliviando os necessitados e apoiando a visão da igreja mundial em geral. Finalmente, através do discipulado e do mentoreamento, deveríamos estar treinando e capacitando nossos membros para o avanço do reino.

Agora que analisamos as cinco estruturas funcionais do Modelo de Éfeso, vamos voltar nossa atenção para o cotidiano daqueles que ministraram em Éfeso.

CAPÍTULO 7

INSTRUMENTOS DA VISÃO

Deus claramente fez um chamado ao ministério urbano. Examinando de perto o Modelo de Éfeso, vimos como Paulo e os primeiros discípulos responderam ao chamado de Deus e foram abençoados por uma colheita de novos crentes. Esta comissão continua a mesma para nós hoje, e Deus ainda promete uma colheita para o nosso trabalho. Nas palavras de Ellen White, “não há mudança nas mensagens que Deus enviou no passado. O trabalho nas cidades é a obra essencial para este tempo. Quando as cidades forem trabalhadas como Deus deseja, o resultado será o pôr-se em operação um poderoso movimento como nunca foi testemunhado” (MS 304.1).

O Modelo de Éfeso é importante por que precisamos de um modelo bíblico organizado, eficiente e replicável para evangelizar nossas cidades, que hoje são um enorme campo missionário. Para ter uma ideia do alcance deste campo missionário, vamos examinar as seguintes palavras de Ellen White: “Em cada grande cidade deve haver grupos de obreiros organizados e bem disciplinados; e não meramente um ou dois, mas grande número deve ser posto a trabalhar. Mas permanece ainda sem solução a desconcertante pergunta de como serão eles sustentados” (MS 300.5).

O que ela quis dizer com “grande cidade”? Uma breve análise das cidades às quais ela se refere como “grandes” em seus escritos revela que algumas, como por exemplo, Portland, Maine e Oakland, Califórnia, tinham uma população com cerca de cinquenta a sessenta mil pessoas. Se usarmos cinquenta mil como base populacional, o *US Census Bureau* aponta 760 cidades “grandes” somente nos Estados Unidos (no momento desta publicação), e o número aumenta a cada ano.

Ellen White acrescenta que, em cada grande cidade, “grande número deve ser posto a trabalhar”. A palavra em inglês usada para “grande número” é “scores”, que é uma forma arcaica para “vinte (score)”, então a forma plural nesta sentença, scores, representa quarenta obreiros, no mínimo. Se

tivéssemos quarenta obreiros em cada uma dessas 760 grandes cidades, teríamos um chamado para 30.400 obreiros organizados e bem disciplinados, somente nos Estados Unidos. Esse número é um mínimo que não leva em conta o fato de que muitas das maiores cidades da atualidade têm população muito maior que cinquenta mil pessoas e exigiriam muito mais obreiros.

Essa é uma visão enorme quando a lançamos no cenário mundial. No entanto, a enormidade da visão não deve nos impedir de começar o trabalho. Uma visão tão grande nos leva de volta à consciência da nossa total dependência da atuação de Deus, e devemos louvar ao Senhor por isso. “São necessárias nessa obra, médicos e ministros do evangelho. Devemos insistir em nossas petições ao Senhor e fazer o melhor possível, investindo com toda a energia possível para fazer uma brecha nas grandes cidades. Tivéssemos seguido os planos do Senhor no passado, muitas luzes que se estão extinguindo estariam brilhando resplendentemente” (CSa 548.1). Podemos seguir em frente sabendo que Ele direcionará nosso caminho. Podemos, pela fé nEle, antecipar completamente que a visão se tornará em realidade, assim como aconteceu com Paulo em Éfeso.

Devemos trabalhar seguindo os planos do Senhor, tendo um planejamento. Deus não apenas nos pede para fazer um trabalho, mas também nos diz como fazê-lo. Se formos obedientes em relação a ambos, indo alcançar as cidades e fazer isso de acordo com o plano de Deus, então, declara Ellen White, “o resultado será o pôr-se em operação um poderoso movimento como nunca foi testemunhado” (MS 304.1).

Apesar dos grandes esforços de Ellen White em comunicar o trabalho “essencial” do ministério urbano, a igreja adormeceu, e talvez ainda esteja dormindo. É importante nos perguntarmos o que nos impede de cumprirmos o ministério urbano, tanto no sentido corporativo quanto estrutural e no nível pessoal.

Organizacionalmente, nossa capacidade de avançar no trabalho da missão urbana depende de a liderança abrir o caminho e remover os obstáculos que erguemos. Podemos ver isso nas seguintes declarações que

Ellen White fez sobre alcançar as cidades através do trabalho médico-missionário:

“Não podem os presidentes de nossas associações abrir o caminho para que os alunos de nossas escolas se empenhem neste ramo de trabalho? Repetidamente me tem sido apresentado que ‘deve haver grupos organizados e muito mais cabalmente preparados para trabalharem como enfermeiros, evangelistas, ministros, colportores, como estudantes do evangelho para desenvolverem um caráter à semelhança do divino’. Há uma grande obra a ser feita em aliviar a humanidade sofredora, e por meio dos esforços dos estudantes que estão recebendo instrução e preparo para se tornarem médicos-missionários eficientes, as pessoas que vivem em muitas cidades podem tornar-se relacionadas com as verdades da terceira mensagem angélica.” (CSa 541.4)

Para ser levado avante, o trabalho médico-missionário precisa de talento. Requer mãos fortes e dispostas e um gerenciamento inteligente e discriminador. Mas, será que isso pode acontecer enquanto aqueles em posições de responsabilidade, presidentes de associação e pastores, barram o caminho?

O Senhor diz aos presidentes de associação e a outros irmãos influentes: "Remova os obstáculos que foram colocados diante do povo" (Testemunhos Para a Igreja, 8:71).

“O Senhor diz aos presidentes de campos e a outros irmãos influentes: ‘Removam os blocos de tropeço que foram colocados diante das pessoas.’” (T8 71.5)

Parece claro que Ellen White está pedindo uma mudança na metodologia. Nossas abordagens atuais não estão funcionando e, se realmente quisermos corrigi-las, precisamos começar com uma avaliação honesta do motivo pelo qual elas não estão funcionando. Felizmente, Ellen White também fornece conselhos sobre quais podem ser os “obstáculos” organizacionais no caminho do ministério urbano: “Tem-se-me mostrado que em nosso trabalho para esclarecimento do povo nas grandes cidades a obra não tem sido tão bem organizada nem os métodos de trabalho tão eficientes

como em outras igrejas que não possuem a grande luz que nós consideramos tão necessária. Por que isto? É que grande número de nossos obreiros está compreendido nos que gostam de pregar (e muitos que não estavam inteiramente qualificados para pregar foram postos na obra), e grande parte do trabalho tem sido despendido em pregação” (MS 301.1).

O primeiro passo para abrir o caminho para o ministério da cidade é ter um plano organizado e eficiente que esteja conectado a uma clara visão global para esse ministério. Com muita frequência, nossa programação individual da igreja parece autônoma e desconectada de uma visão global. Sem uma visão de união, esses programas perdem o foco e desaparecem em suas fases iniciais ou morrem por completo.

Outro problema tornado claro neste conselho é que enfatizamos alguns dons espirituais sobre outros. Como temos tentado demonstrar através da nossa visão geral da abordagem de Paulo ao ministério urbano, é importante incorporar uma grande variedade de dons e talentos espirituais no trabalho do evangelho. No entanto, nossa tendência é colocar muita ênfase na pregação e, conseqüentemente, negligenciar outros dons espirituais importantes.

Em última análise, esses dois obstáculos levam a métodos ineficientes e a uma abordagem estreita em relação ao ministério público. Deus claramente não deseja que um aspecto do trabalho missionário seja super enfatizado às custas dos outros. De fato, Ellen White descreve uma abordagem em três frentes para o trabalho missionário em geral. Três tipos de ministérios que devem trabalhar juntos sempre: ministério evangélico, ministério médico-missionário e ministério de publicações. Ela aconselha: “Deus opera por meio de instrumentos, ou segundas causas. Usa o ministério evangélico, a obra médico-missionária, e as publicações portadoras da verdade presente para impressionar os corações. Todos são tornados eficazes mediante a fé. Ao ser a verdade ouvida ou lida, o Espírito Santo impressiona aos que ouvem e leem com sincero desejo de saber o que é direito. O ministério evangélico, a obra médico-missionária e nossas publicações, são instrumentos de Deus. Um não deve suplantá-lo ao outro” (Ev 547.1).

É digno de nota a afirmação de que “um não deve suplantar ao outro”. Em outras palavras, todos os três precisam estar em ação e são de igual importância para que o ministério seja mais eficaz. Nos próximos três capítulos, vamos examinar mais de perto esses três instrumentos, o ministério evangélico, o ministério médico e o ministério de publicações, a fim de articular definições claras do que cada um é e como cada um funciona melhor em um ambiente urbano contemporâneo.

Antes de passarmos a definir esses instrumentos ministeriais, precisamos dar uma olhada em um segundo conjunto de obstáculos que muitas vezes impede o caminho para o ministério: nossos obstáculos pessoais. Muitas vezes nossa natureza humana, nossa incredulidade e nosso egoísmo, se torna a barreira que impede o progresso da mensagem do evangelho.

Quando percebemos obstáculos à obra de Deus, muitas vezes eles são simplesmente manifestações de nossa própria incredulidade. Quando os filhos de Israel estavam na fronteira da terra que Deus lhes havia prometido, enviaram um grupo dos seus homens mais qualificados para coletar informações. Eles receberam dois relatórios diferentes, a maioria via as cidades muradas e os gigantes como obstáculos intransponíveis e desaconselhava ir contra eles. Mas dois homens, Josué e Calebe, viram algo diferente: uma oportunidade. Eles viram o glorioso lar que Deus lhes havia preparado, e o conselho deles foi: “Subamos e tomemos posse da terra. É certo que venceremos” (Números 13:30).

Esses doze homens foram confrontados com as mesmas evidências, mas um único elemento levou-os a separar a fé das conclusões, ou a falta dela. Dois dos homens acreditavam na promessa e no plano de Deus, enquanto os outros se debatiam em sua incredulidade. Os obstáculos persistirão até que a fé os remova. A promessa de Deus para nós é clara: “Não permitamos que se introduza nenhuma incredulidade, pois a obra de Deus deve ir de cidade em cidade, de país em país. Os inimigos de Deus podem delinear planos para derrotar Sua obra; mas tende fé de que Jeová removerá todo obstáculo ao seu progresso. Falai em fé, trabalhai em fé, prossegui em

fé. Obstáculos serão removidos ao lançarmos mão das promessas de Deus. Que o povo do Senhor prossiga avante, e o seu coração será fortalecido” (MS 335.1).

Contudo, talvez a principal questão que impede que o trabalho do ministério floresça está no nosso coração, o egoísmo humano. Ellen White nos adverte sobre esse problema: “Se alguém, ao entrar nesta obra, escolher a parte que demanda o menor sacrifício, contentando-se com pregar, e deixar a obra de ministério pessoal para outro, seu trabalho não será aceito por Deus. Pessoas por quem Cristo morreu estão perecendo por falta de trabalho pessoal bem dirigido; e tem se enganado a respeito do chamado quem, ao entrar para o ministério, não se dispuser ao trabalho pessoal que o cuidado do rebanho requer” (AA 296.1)

Uma mudança de coração e na maneira como fazemos as coisas são parte da receita. Neste livro, estamos sugerindo maneiras de mudar nossos métodos e abordagens, mas é importante lembrar que somente Jesus pode mudar o coração. Somente o Seu amor pode suplantar nossas naturezas egoístas. A visão começa em você.

CAPÍTULO 8

O MINISTÉRIO EVANGÉLICO

No capítulo anterior, ressaltamos, a partir do conselho de Ellen White, que deveria haver uma abordagem em três frentes no ministério da cidade. Os componentes individuais dessa abordagem são o ministério evangélico, o ministério de publicações (evangelismo de literatura) e o ministério médico-missionário. Neste capítulo, vamos começar analisando o **ministério evangélico**.

Primeiro, precisamos esclarecer que este capítulo aborda como ministrar o evangelho e não é uma tentativa de definir o próprio evangelho. Ter um conceito claro do evangelho é essencial para proclamá-lo, e muitas vezes há discordâncias sobre o que realmente são as boas novas. No entanto, o propósito deste capítulo não é tratar dessas questões. Em vez disso, pretendemos definir os mecanismos pelos quais o evangelho é ministrado àqueles que não estão cientes da verdade sobre Deus.

O que é o ministério evangélico? Definir esse termo pode ser um desafio devido à amplitude da sua aplicação. Considere estas citações:

“Alcançar o povo exatamente onde estiver, seja qual for sua posição, não importando sua condição, e ajudá-lo de todo modo possível, é ministério evangélico.” (CI 317.4)

“A obra do ministério evangélico é o semear a semente.” (CT 258.4)

“O ministério evangélico é uma organização para a proclamação da verdade e a promoção da obra pelos enfermos e os sãos.” (CI 316.7)

“A obra do ministério evangélico não deve decrescer em eficácia, mas aumentar até que se torne a grande instrumentalidade iluminadora em nosso mundo. Faça-se tudo quanto for possível para mandar mais obreiros ao campo.” (Ev 547.2)

“O ministério evangélico é para ser sustentado com abnegação e sacrifício.” (T9 55.1)

Das Escrituras, extraímos três temas principais que indicam como o evangelho pode ser levado com sucesso. A primeira é que devemos levar o evangelho indo. A segunda é que devemos levá-lo através do ministério pessoal: discipulado e mentoreamento. E, finalmente, devemos anunciar o evangelho através do ministério corporativo: a unidade de diversos dons espirituais que trabalham em harmonia para o reino.

O ministério evangélico começa com a necessidade de pessoas que vão. Isso fica claro nas instruções finais de Jesus a Seus seguidores sobre como cumprir nossa obra do evangelho: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mateus 28:19, 20).

Nossa primeira instrução é que devemos ir! Embora isso não signifique que todo crente deve se mudar para uma terra distante, é evidente que esse chamado é dirigido a todo discípulo de Jesus. O que precisamos entender é que o chamado para ir envolve mais do que enviar indivíduos dispostos para terras estrangeiras. Ele fala de uma mentalidade que deveria estar enraizada em todo crente. Não devemos nos contentar em deixar que outras pessoas cumpram o “vão”. Deve ser o nosso desejo, qualquer que seja a fase ou estágio da vida em que nos encontremos, de participar desse chamado. Em outras palavras, todo o povo de Deus deve ser missionário onde quer que se estabeleça.

Tradicionalmente, pensamos em missionários como pessoas que são chamadas para campos estrangeiros, que vão para outros lugares. No entanto, o ato de ir deve ser mais amplamente compreendido. Significa ir às pessoas, não simplesmente aos lugares. Não importa aonde estamos, as pessoas ao nosso redor não ouvirem as boas novas. Qualquer pessoa que compartilhe o evangelho com outra está praticando o ato de ir. Podemos ir de uma cidade a outra, atravessar a cidade para outro bairro, ou simplesmente atravessar a rua. O importante é ter uma mentalidade e desejo de compartilhar as boas novas sobre Jesus. É nosso privilégio sermos os

iniciadores do convite do evangelho por meio do poder do Espírito Santo. Então devemos ir, mesmo que seja à porta ao lado.

De fato, temos o conselho que sugere que esse tipo de “ir” dentro da nossa própria vizinhança deveria ser uma estratégia organizacional do ministério evangélico, que as famílias deveriam se estabelecer em lugares construídos com base no desejo de serem missionárias:

“Não é desígnio de Deus que Seu povo forme colônias, ou se agrupe em grandes comunidades. Os discípulos de Cristo são representantes Seus na Terra, e Deus tem por desígnio que se espalhem por todo o país, nas cidades e vilas, como luzes em meio às trevas do mundo. Devem ser missionários de Deus, testificando, por sua fé e obras, da proximidade da vinda do Salvador. Os membros de nossas igrejas podem realizar um trabalho que, por enquanto, mal iniciaram. Nenhum deles deverá mudar-se para outras localidades simplesmente por interesse em vantagens terrenas; mas as famílias que estejam bem firmadas na verdade, uma ou duas numa localidade, devem ir aonde houver oportunidade de ganhar a subsistência, para trabalhar como missionários. Devem ter amor às pessoas, sentir a responsabilidade de trabalhar por elas, e estudar a maneira de atraí-las para a verdade. Poderão distribuir nossas publicações, realizar reuniões em suas casas, fazer-se amigos dos vizinhos, e convidá-los para frequentarem essas reuniões. Dessa maneira, poderão fazer brilhar sua luz por meio de boas obras.” (CI 61.4)

Um problema hoje é que, em vez de irmos, temos o hábito de pedir às pessoas que nos procurem. Na verdade, essa abordagem foi incorporada na estrutura de grande parte da nossa programação. Pedimos às pessoas que participem de nossas reuniões informativas, em vez de mostrá-las como Deus é bom, atendendo às suas necessidades. A razão pela qual pedimos às pessoas para virem é que ir envolve risco, nos expõe e testa nossa fé. Ir envolve deixar para trás tudo o que não é essencial e resistir a esse nível de sacrifício e incerteza. Estamos confortáveis onde estamos. No entanto, o próprio sacrifício de deixar alguma coisa, alguém, algum lugar ou alguma ideia para trás é o que torna o ministério mais eficaz e bem-sucedido quando vamos. É um desafio, mas devemos ser consolados pelo fato de que não vamos sozinhos: “Deus reveste de santa dignidade os que, avançando sempre mais, vão a todo

lugar onde possam ter acesso. Satanás dificultará a obra em tudo quanto possa; mas o poder divino acompanhará todos os obreiros fiéis. Guiados pela mão de nosso Pai celestial, prossigamos aproveitando todas as ocasiões de estender a obra de Deus” (CSa 393.4).

O segundo método de levar o evangelho é o ministério pessoal. Lembre-se que na grande comissão de Jesus, o segundo imperativo era que Seus seguidores deveriam fazer “discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19). Aqueles primeiros discípulos de Cristo foram chamados para um ministério evangélico de sucessão, isto é, eles deveriam encontrar e fazer novos discípulos para fazer o mesmo trabalho que eles foram chamados a fazer. Toda a comissão de Jesus está vinculada a estas duas diretrizes: (1) devemos ir e fazer discípulos, e (2) devemos continuar a fazê-lo até o fim dos tempos. Este é um empreendimento vitalício para todos os que são servos de Cristo. Precisamos sempre procurar o próximo discípulo. “‘Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles’, diz o Senhor. ‘O meu Espírito que está em você e as minhas palavras que pus em sua boca não se afastarão dela, nem da boca dos seus filhos e dos descendentes deles, desde agora e para sempre’, diz o Senhor” (Isaías 59:21).

Em nosso capítulo sobre o discipulado, aprendemos que o principal método de fazer discípulos é por meio de um relacionamento de mentoreamento. O sucesso de toda a comissão é construído sobre o ministério pessoal e sacrifício. Mentorear alguém é investir-se nele. Não é um relacionamento casual construído exclusivamente sobre a noção de troca de informações. Em vez disso, mentoreamento é uma parceria consistente de orientação bíblica fiel e demonstração de um caráter semelhante a Cristo até que o aluno se torne um professor.

É indispensável que, à medida que exibimos um caráter semelhante a Cristo através do ministério pessoal, continuemos a demonstrar desejo e vontade de irmos. Se aqueles que mentoreamos não verem essas ações em nós, a atitude e o espírito de ir provavelmente não se tornarão uma realidade neles. Para colocar isso em termos do ministério pastoral, se o pastor não está continuamente indo, ele não pode esperar que isso se torne o DNA daqueles

que ele está mentoreando em sua congregação. Esta responsabilidade se estende aos mais altos níveis administrativos. Ellen White escreveu: “Estou encarregada de despertar os vigias. O fim de todas as coisas está próximo. Agora é o tempo aceitável. Que os nossos ministros e presidentes de associações exerçam seu tato e sua habilidade no sentido de apresentar a verdade diante de grande número de pessoas em nossas cidades” (Ev 71.2).

Os líderes devem sempre agir de acordo com aquilo que precisa ser imitado. No entanto, também está claro que eles não devem agir sozinhos:

A causa de Deus na Terra nestes dias está em necessidade de representantes vivos da verdade bíblica. Apenas os ministros ordenados não são suficientes para a tarefa de advertir as grandes cidades. Deus está chamando não somente pastores, mas também médicos, enfermeiros, colportores, obreiros bíblicos e outros consagrados membros da igreja, possuidores de diferentes talentos, que tenham o conhecimento da Palavra de Deus e possuam o poder de Sua graça, para que considerem as necessidades das cidades não advertidas. O tempo está passando rapidamente, e muito resta a ser feito. Todos os meios devem ser postos em operação, para que as oportunidades atuais sejam sabiamente aproveitadas. (AA 88.1)

Isso nos leva ao método final do ministério evangélico: deve ser um ministério corporativo, levado por meio de uma unidade de diversos dons espirituais. Um amplo escopo de trabalhos está sob a bandeira do ministério evangélico, cada um contribuindo de maneira vital para o todo. Em nosso trabalho em Allentown, administradores, evangelistas, pastores, missionários, obreiros bíblicos e professores (citando apenas alguns) estão envolvidos coletivamente no avanço do ministério evangélico. Esta prática é consistente com o ensino bíblico da interdependência dos dons espirituais no corpo de Cristo: “E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres” (Efésios 4:11).

O trabalho de cada parte é importante para o sucesso do todo. Isso é vital ser lembrado em um mundo atormentado por tantas linhas de divisão. A interconectividade, ou unidade, de dons espirituais é o que Deus projetou para ser a nossa maior ferramenta para ganhar almas. A maior validação do

evangelho é o seu poder de mudar vidas e trazer unidade onde antes havia divisão.

Neste livro, examinamos o Modelo de Éfeso como uma abordagem bíblica para o ministério urbano. Parte da razão pela qual acreditamos nesse modelo como uma estrutura de sucesso para a missão urbana é que ele aborda cada uma dessas formas de cumprir o ministério evangélico. Discutimos a importância de ir às cidades e estabelecer Centros de Influência Urbanos e novas igrejas nos bairros das pessoas que queremos alcançar. Discutimos a importância do ministério pessoal no contexto do mentoreamento do Grupo de Discipulado e dos Estagiários de Liderança. Discutimos a necessidade de um ministério corporativo ou de uma Equipe de Liderança com diversos dons espirituais trabalhando em conjunto.

Descobrimos que esse método foi bem-sucedido em Éfeso, mas qual é a prova de que esse é um modelo replicável? Temos exemplos históricos de esforços que apresentam impressionantes semelhanças com o Modelo de Éfeso, e cada um deles levou a ministérios de sucesso.

O primeiro desses exemplos é o trabalho de Stephen e Hetty Haskell em Nova York, que discutiremos detalhadamente em um próximo capítulo. Outro foi a “colmeia” em São Francisco, no início dos anos 1900, em resposta a um apelo feito por Ellen White:

“Há uma obra a ser feita na Califórnia — uma obra que tem sido inexplicavelmente negligenciada. Que esta obra não seja retardada por mais tempo. Ao abrirem-se portas para a apresentação da verdade, estejamos prontos para entrar. Tem-se feito alguma obra na grande cidade de São Francisco, mas, ao examinarmos o campo, vemos claramente que foi feito apenas um começo. Assim que possível, devem-se envidar esforços bem organizados em diversos setores desta cidade, e também em Oakland. A maldade de São Francisco não é percebida. Nossa obra nessa cidade deve ampliar-se e aprofundar-se. Deus vê nela muitas almas para serem salvas. [...]

“Onde se acham os obreiros? Homens e mulheres inteiramente convertidos, de discernimento e penetrante visão, eis os que devem servir de diretores. Para empregar pessoas para essa obra especial, é mister usar de discernimento — devem ser pessoas que amem a Deus e andem diante dEle em toda humildade; pessoas que venham a ser

instrumentos eficazes na mão de Deus para consecução do objetivo que Ele tem em vista — o erguimento e salvação dos seres humanos.” (CSa 549)

O trabalho “*bem organizado*” pelo qual Ellen White se empenhou, sob a liderança de “*diretores*” dedicados, evoluiu para o seguinte trabalho missionário:

“Durante os últimos poucos anos a “colmeia” em São Francisco tem sido sem dúvida uma colmeia muito ocupada. Muitos setores do trabalho cristão têm sido desenvolvidos por nossos irmãos e irmãs. Neles se incluem a visitação aos enfermos e desamparados, fundação de lares para órfãos e a obra em favor dos desempregados, o cuidado dos doentes, o ensinamento da verdade de casa em casa, distribuição de literatura e a promoção de classes sobre vida saudável e o cuidado dos enfermos. Uma escola para crianças é dirigida no porão da casa de culto da Rua Laguna. Durante algum tempo foi mantido um lar para trabalhadores e uma missão médica. Na Rua do Mercado, próximo ao teatro municipal, havia salas de tratamento que funcionavam como sucursais do Sanatório Santa Helena. No mesmo local havia um armazém de alimentos saudáveis. Próximo ao centro da cidade, não distante do edifício Call, era dirigido um restaurante vegetariano, o qual funcionava seis dias na semana e ficava inteiramente fechado aos sábados. Ao longo do ancoradouro realizava-se trabalho missionário a bordo. Em várias oportunidades nossos pastores dirigiram reuniões em grandes salões na cidade. Assim a mensagem de advertência foi dada a muitos.” (BS 112.2)

Se fôssemos resumir o esforço em São Francisco, não poderíamos ignorar as semelhanças óbvias com o modelo que Paulo usou em Éfeso:

- Eles foram liderados por diretores e administradores (Equipe de Liderança);
- Eles trabalharam em equipe para compartilhar a verdade do evangelho (Discipulado);
- Eles abriram Centros de Influência Urbanos, incluindo uma escola para crianças, “salas de tratamento” ou clínicas e um restaurante vegetariano.

E novamente, podemos ver que o fenômeno da “colmeia” usou a abordagem tripla de Ellen White ao ministério, aproveitando todas as três agências de entrega: (1) eles ensinavam a verdade de casa em casa e participando de evangelismo público em grandes lugares públicos (ministério evangélico); (2) distribuía literatura (ministério de publicações) e (3) estavam envolvidos em vários ministérios médicos missionários, inclusive visitando e cuidando dos doentes e ministrando aulas de saúde.

Em São Francisco, essa equipe de obreiros solicitou e implementou um plano municipal que continha as estruturas de missão do Modelo de Éfeso. Nós ressaltamos isso simplesmente para enfatizar que Deus tem um plano que, se seguido, trará sucesso.

Mas para ter um plano que funcione, para sermos bem-sucedidos e agressivos em nossos esforços para alcançar as cidades de hoje, não conseguiríamos dar a ênfase necessária sobre a importância da unidade de propósito e missão entre as igrejas já localizadas e trabalhando em uma área. Ellen White enfatizou a importância disso em uma carta escrita a Stephen Haskell sobre seu trabalho na cidade: “É preciso fazer um decidido esforço para unificar nossas igrejas em Nova Iorque e nas cidades circunjacentes. Isto se pode efetuar, e precisa efetuar, caso o trabalho intensivo nessa cidade seja levado avante com êxito” (Ev 388.4).

Unidade nunca é a tarefa mais fácil. Nossas próprias igrejas locais são às vezes separadas por linhas de associação e linguagem que podem se tornar barreiras autoimpostas a um esforço conjunto.

Com uma tarefa tão grande à nossa frente e tantos obstáculos potenciais no caminho, é natural que questionemos, como Paulo, “mas, quem está capacitado para tanto?” (2 Coríntios 2:16).

Junto com essa pergunta, Paulo nos lembra duas verdades fundamentais às quais podemos nos apegar. A primeira é que em nossa humanidade somos insuficientes: “Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos”, (3:5a). A segunda verdade é que “a nossa capacidade vem de Deus” (v. 5b), como Ele gentilmente nos lembra

que a Sua “graça é suficiente para você” (12:9). Nós não somos suficientes para a tarefa, mas Deus é, e Ele está disposto a nos completar com Ele mesmo.

CAPÍTULO 9

EVANGELISMO DE LITERATURA

Temos analisado três agências, o ministério evangélico, o ministério de publicações e o ministério médico-missionário, que são as ferramentas de Deus para revelar o evangelho ao mundo, e aprendemos que elas devem trabalhar em conjunto umas com as outras. No capítulo anterior, examinamos a primeira agência, o ministério evangélico. Agora vamos dar uma olhada mais de perto na segunda: ministério de publicações ou evangelismo de literatura.

De acordo com o espírito de profecia, “a colportagem é o meio mais bem-sucedido de ganhar almas” (CEv 37.1). Salvar almas sempre deve ser nossa principal preocupação, e no passado esse conselho foi levado a sério. O Ministério de Publicações era um forte aliado em nossos esforços evangelísticos. No entanto, mesmo nos dias de Ellen White, ela percebeu uma ênfase cada vez menor: “A importância da colportagem é conservada sempre diante de mim. Ultimamente não tem sido infundida nesta obra a vida que outrora lhe era proporcionada pelos agentes que faziam dela sua especialidade” (CEv 7.3). Isso pode estar ainda mais evidente hoje do que naquela época.

Paulo, deve-se notar, era um evangelista de literatura. Ele usou cartas para exortar e encorajar as igrejas que ele ajudou a estabelecer. Ele escreveu estas cartas e as enviou por um de seus cooperadores, como Timóteo ou Tito, para serem entregues a uma congregação particular, às vezes com a instrução de também compartilhar a carta com outras igrejas. Algumas dessas cartas chegaram a formar a maior parte do cânon do Novo Testamento, tornando Paulo o maior evangelista de literatura de todos os tempos.

Está claro que, historicamente, o evangelismo de literatura tem desempenhado um papel importante nos esforços do ministério, e continua sendo uma engrenagem importante em nossa comissão de proclamar a mensagem do evangelho às cidades atuais. Esta agência nos permite lançar

uma rede mais ampla na tarefa de salvar almas. Nem toda pessoa vem a uma igreja ou série de reuniões evangelísticas para ouvir o evangelho. O trabalho moderno de literatura nos permite entregar as mensagens de Deus nas mãos dessas pessoas, que também precisam desesperadamente ouvi-las: “Nossas publicações podem ir a lugares onde não se poderão realizar reuniões. Em tais lugares o fiel colportor-evangelista toma o lugar do pregador vivo. Pela obra da colportagem a verdade é apresentada a milhares que de outro modo não a ouviriam” (CEv 8.2).

No cerne de nosso evangelismo de literatura deve estar a esperança encontrada nas boas novas da mensagem do terceiro anjo e do breve retorno de Jesus. Milhões têm muito pouco ou nenhum conhecimento sobre o nosso Senhor e Seu retorno ou a salvação e graça que Ele nos ofereceu em abundância. Eles precisam ser avisados e convidados a aceitar o dom gratuito da salvação do nosso Senhor. Isto torna a obra de evangelismo de literatura mais vital hoje do que nunca: “Os anjos destruidores estão hoje executando sua comissão. A morte chegará a todos os lugares. É por isso que estou tão ansiosa de que nossas cidades sejam advertidas. Há um trabalho a ser feito através da colportagem em nossas cidades que ainda não foi concretizado. A bênção de Deus repousa sobre os obreiros que avisam aqueles que não estão preparados para encontrá-Lo. Agora é nossa hora de trabalhar” (Advent Review and Sabbath Herald, 5 de julho de 1906 – tradução livre).

Se aceitarmos a premissa de que o evangelismo de literatura é uma parte vital da nossa abordagem de três agências de ministérios, a próxima pergunta a ser feita é: Como ela deve ser em nosso mundo moderno? O Ministério de Publicações é composto de muitas linhas de trabalho reunidas em um propósito, incluindo, mas não limitado a escritores, editores, editores, distribuidores e colportores. Ellen White fornece amplo aconselhamento sobre a importância deste trabalho em publicações como *O Colportor Evangelista*, *O Outro Poder – Conselhos para Escritores e Editores*, *Obreiros Evangélicos*, *Manual para Colportores*, *The Publishing Ministry*, entre outros. Em geral, a maior parte desses escritos é direcionada para o propósito primordial de usar a palavra impressa para colocar a verdade de Deus nas mãos e lares das

pessoas que encontramos. Isso é o que tradicionalmente chamamos de evangelismo de literatura.

No entanto, se quisermos que o nosso trabalho atinja todo o seu potencial no mundo de hoje, devemos considerar as mudanças na sociedade e na tecnologia que podem afetar nossa abordagem. Enquanto muitas pessoas ainda gostam de ter um livro ou um panfleto em suas mãos, cada vez mais pessoas estão usando *e-readers*, smartphones, computadores e tablets para ler. Para que o nosso trabalho de literatura esteja no auge da eficácia, devemos adaptá-lo para se adequar à realidade que está em transformação de como as pessoas consomem informações.

Além disso, é importante notar que o evangelismo de literatura é desafiado pelos hábitos e deficiências de leitura da população. Considere as seguintes estatísticas dos Estados Unidos (EUA):

- 15 a 20 % da população (estimativa) tem distúrbios de aprendizagem;
- 50 % dos adultos têm leitura abaixo do nível da oitava série;
- 26 % dos adultos não leram um livro no último ano;
- 14 % dos adultos não sabem ler.

(US National Institutes of Health, The National Center for Learning Disabilities, the National Center for Learning Statistics, Pew Research Center)

Não temos apenas o obstáculo do analfabetismo, mas também vivemos na era da internet audiovisual. O declínio da leitura de jornal é uma evidência de que as pessoas estão escolhendo receber informações através de mídias alternativas. É fundamental que tenhamos literatura audiovisual disponível para atender a essa crescente mudança sociológica. Muitos que provavelmente não lerão um livro, assistirão a um DVD ou ouvirão um podcast. Precisamos desenvolver uma biblioteca de materiais em nossos Centros de Influência Urbanos que correspondam à forma como as pessoas obtêm suas informações.

Devemos também considerar os meios de comunicação social como um novo meio empolgante pelo qual as pessoas podem se tornar expostas à Palavra de Deus. Facebook, Twitter e outras redes sociais estão enraizadas na cultura popular e podem ser usadas como meios para colocar a verdade nas mãos e nas casas das pessoas. As igrejas estão começando a descobrir a utilidade desses meios, bem como outras formas modernas de comunicação. Elas estão usando mensagens de texto em grupo para que os ministérios melhorem a comunicação e para construir e manter comunidades unidas, especialmente entre os jovens.

A tecnologia e as mídias sociais podem ser ferramentas valiosas para encorajar, ensinar e desenvolver seu Grupo de Discipulado. Esses pontos de divulgação também podem ser usados para manter contato com pessoas dentro do alcance da influência do seu Centro de Influência Urbano. Mensagens inspiradas, como textos bíblicos ou comentários pessoais motivacionais, são apenas parte do que pode ser transmitido por esses meios. Devemos procurar maneiras inovadoras e criativas de usar a tecnologia e os meios de comunicação que já permeiam a vida de muitas pessoas como ferramentas para o evangelismo da literatura.

O que torna as mensagens de texto e as mídias sociais tão poderosas para o evangelismo da literatura é sua acessibilidade e influência imediata. Um exemplo que ilustra isso é um estudo de 2013 da Duke University, na Carolina do Norte, que descobriu que o envio de mensagens diárias é uma maneira eficaz de ajudar as mulheres a desenvolverem melhores hábitos de saúde e controle de peso. Todas as manhãs, um grupo de cinquenta mulheres recebia um texto automático que dizia: “Por favor, envie o número de degraus que você andou ontem, a quantidade de bebidas açucaradas e se você comeu *fast food*”. Com base nas respostas, informações e dicas eram enviadas de volta. Após seis meses, as destinatárias haviam perdido, em média, 1,25 kg. Por outro lado, um grupo de vinte e quatro mulheres que rastrearam seus hábitos de saúde de maneiras mais tradicionais ganharam uma média de 1,15 kg durante os seis meses. De acordo com os autores do estudo, o envio de mensagens de texto parece ter sido eficaz no controle de peso porque era mais

acessível e não tão mentalmente desgastante quanto outros métodos de rastreamento da saúde.

Este estudo fornece um exemplo de outra parte importante do quebra-cabeça do ministério: como podemos misturar as diferentes vias do ministério em nossa abordagem de três frentes. Lembre-se de que o ministério evangélico, o ministério de publicações e a obra médico-missionária são de igual importância. Esses caminhos se tornam mais eficazes quando encontramos maneiras de integrá-los para promover o evangelho. O estudo da Universidade de Duke mostra como a obra médico-missionária, combinada com o evangelismo de literatura, podem ser levados avante através de mensagens de texto.

Ellen White reconheceu o efeito sinérgico da mistura dessas três formas de ministério. Ela escreveu: “Pela diligência em colportar, apresentando fielmente ao povo a cruz do Calvário, o colportor duplica sua utilidade” (T6 339.2). Aqui vemos que quando o ministério evangélico é misturado ao trabalho de colportagem, sua eficácia duplica. Além disso, ela aconselha que “devem os colportores não esquecer que lhes importa fazer ferventes esforços para realizar obra médico-missionária” (CEv 90.1), e “onde quer que seja apresentada a obra da colportagem entre nosso povo, sejam apresentados livros sobre saúde e religião como partes de uma obra unida” (CEv 135.1).

As agências escolhidas por Deus devem estar perfeitamente combinadas de todas as maneiras para que a obra tenha sua maior eficácia. É lógico, portanto, que a nossa preparação e treinamento deve incluir todas as três disciplinas. Se capacitarmos em apenas uma modalidade, haverá, sem dúvida, certa medida de sucesso. No entanto, se treinarmos em todas as três modalidades, nosso sucesso será multiplicado. Faz sentido, deste modo, que nossas escolas de treinamento implementem currículos para esse fim. Também faz sentido que façamos esforços em nosso trabalho diário para conscientemente implementar elementos de cada uma em nossos ministérios.

Na *Simplicity*, estamos tentando mesclar as três agências ministeriais em todas as nossas atividades. Como exemplo, criamos sermões sabáticos

que incorporam as três. Primeiro, escolhemos tópicos relevantes para aqueles da comunidade que estão se juntando a nós e incluímos um apelo médico-missionário. Então, se, por exemplo, nosso tópico é a preocupação, poderíamos falar sobre como ela afeta nosso corpo e nossa saúde geral. Em seguida, apresentamos as maneiras pelas quais o evangelho é a resposta para todas as necessidades e problemas da vida. Discutimos como Deus deseja nos transformar em todos os aspectos e fazemos um apelo aos nossos ouvintes para que recebam o poder transformador da graça de Deus. Concluimos fornecendo todas as nossas informações em um folheto que nossos participantes podem levar para casa para revisar, o componente do evangelismo de literatura.

O evangelismo de literatura deve ser uma parte essencial de todos os esforços do ministério. Em nosso Centro de Influência Urbano em Allentown, descobrimos que é igualmente importante que a literatura tradicional esteja disponível, seja distribuída e que novos métodos do ministério de publicações sejam desenvolvidos usando a tecnologia atual e os meios de comunicação. A colportagem tradicional ainda funciona no mundo de hoje; em todo o país, milhares de livros são vendidos e distribuídos nos lares todos os anos. A colportagem também enfatiza o aspecto de porta em porta do ministério, de ir onde as pessoas estão, que consideramos ser crucial em um ambiente urbano, e, além disso, os programas de colportagem são um ótimo mecanismo de treinamento para jovens serem mentoreados e desenvolvidos como líderes.

Uma das crianças que frequenta muitas das atividades em nosso centro, uma menina de dez anos, pediu permissão para ir com um membro da equipe em um estudo bíblico. Depois que voltou, ela estava animada com a experiência e perguntou se poderia ir novamente. Por sua própria iniciativa, ela foi para a escola na semana seguinte com sua Bíblia e algumas literaturas. Ela perguntou à professora se ela gostaria de saber o que estava aprendendo na igreja. A professora disse que sim, olhou para a literatura e perguntou à menina se ela poderia receber outro livro sobre como ter um casamento feliz. A menina voltou para o centro muito animada para pegar o material solicitado, e entregou o panfleto sobre casamento para sua professora no dia

seguinte. Alguns dias depois, ela se aproximou da professora e perguntou se ela estava gostando do material. Sua professora não apenas estava gostando do panfleto, mas também perguntou sobre como Jesus nos salva. Este é um exemplo de como até mesmo uma criança pode ser eficaz nesta obra.

A palavra escrita foi e sempre será um método muito eficaz para compartilhar o evangelho de Jesus Cristo. A tecnologia nos forneceu novas ferramentas capazes de fazer coisas e alcançar pessoas de maneiras antes inimagináveis. Tirar proveito dessas oportunidades nos proporciona meios novos e criativos de proclamar o evangelho. Quer seja em papel impresso ou por meios digitais, ainda devemos buscar lançar o nosso “pão sobre as águas” (Eclesiastes 11:1). O resto é com Deus.

CAPÍTULO 10

MÉDICOS MISSIONÁRIOS

A última agência de anunciar o evangelho na abordagem tripla que temos discutido é o **ministério médico-missionário**. À primeira vista, esse termo pode parecer autoexplicativo. Muitas vezes, porém, o termo foi mal interpretado, levando-nos a subutilizar essa poderosa via de ministério, quando, de fato, o espírito de profecia sugere que o trabalho médico-missionário se tornará cada vez mais importante. Considere a seguinte declaração feita por Ellen White: “Desejo dizer-vos que em breve nenhuma obra será realizada pelo plano ministerial senão a obra médico-missionária” (CSa 533.1).

Essa é uma afirmação profética que se projeta no tempo e prevê uma mudança específica no caráter do trabalho da igreja no futuro. O trabalho no “*plano ministerial*” está destinado a se resumir *em uma só linha* que Ellen White chama de “*obra médico-missionária*”. Embora seja impossível identificar exatamente quando essa mudança ocorrerá, continua sendo importante tentar entender por que essa mudança pode acontecer e o que pode precipitá-la.

Podemos interpretar a natureza dessa mudança de duas maneiras principais. Uma possibilidade é que chegue o tempo em que todos os outros trabalhos ministeriais serão fechados por circunstâncias mundiais, deixando a obra médico-missionária como o único canal através do qual poderemos ministrar. Uma segunda possibilidade é que todo o trabalho ministerial seja fundido de forma tão perfeita com o trabalho médico-missionário que eles se tornarão indistinguíveis como entidades separadas, ou seja, eles se misturarão. Nossa posição é que essa segunda possibilidade é mais consistente com outras declarações muito fortes de Ellen White sobre o assunto: “Nenhuma linha deve ser traçada entre o genuíno trabalho médico-missionário e o ministério evangélico. Os dois devem ser *misturados*. Não devem permanecer à parte, cada um deles como setor separado da obra.

Devem estar associados em inseparável união, assim como a mão está ligada ao corpo” (MS 250.3, ênfase nossa). Ela também escreve: “A obra médico-missionária não se deve divorciar em caso algum do ministério evangélico. O Senhor especificou que os dois estarão tão intimamente ligados, como o braço o está com o corpo. Sem esta união, nem uma nem outra destas partes da obra está completa. A obra médico-missionária é o evangelho ilustrado” (Ev 519.3).

Essa mistura perfeita de ministério aparentemente ainda estava no futuro quando Ellen White escreveu esses textos. O fato de ela ter feito essas declarações implica uma tensão e separação entre as diferentes linhas, uma grande preocupação para Ellen White naquela época: “Meus irmãos, o Senhor pede união, unidade. Devemos ser um na fé. Quero dizer-vos que quando ministros do evangelho e obreiros na atividade médico-missionária não estão unidos, lança-se sobre nossas igrejas *o pior mal possível*. Nossos médicos-missionários devem estar interessados na obra de nossas associações, e os obreiros de nossas associações devem estar da mesma forma interessados na obra de nossos médicos-missionários” (MS 241.1, ênfase nossa).

Nós já enfatizamos a importância da unidade na realização da obra de Deus, e aqui vemos isso novamente em evidência. De fato, afastar-se dessa unidade é descrito como “*o pior mal possível*”. No entanto, Ellen White viu uma discórdia entre o ministério evangélico e o ministério médico-missionário, o que levou a um segundo problema: a igreja não estava se dedicando entusiasticamente à obra médico-missionária como deveria: “A obra médico-missionária é a obra pioneira. Ela deve estar ligada ao ministério evangélico. É o evangelho na prática, o evangelho conduzido de maneira prática. Tenho-me sentido muito triste ao ver que nosso povo não se tem aproveitado desta obra como devia” (CSa 532.4).

Esses desafios não só persistem como hoje estão mais pronunciados. As divisões entre o ministério evangélico e a obra médico-missionária se ampliaram. A obra médico-missionária tem sido em grande parte perdida ou ignorada por muitas de nossas igrejas, um grande dano para a obra do

Senhor: “Este ramo da obra do Senhor não tem recebido a devida atenção, e por causa desta negligência muito se tem perdido” (CRA 76.6).

Talvez o motivo da negligência para com a obra médico-missionária seja por que esse trabalho ainda é muito mal compreendido. Precisamos de uma compreensão inteligente dos princípios básicos da obra médico-missionária e de como ela pode ser usada intencionalmente em conexão com a pregação do evangelho. “Deus queira que a importância da obra médico-missionária seja compreendida, e que novos campos possam ser imediatamente penetrados” (MS 239.3).

Primeiro, precisamos entender o que o termo *obra médico-missionária* realmente significa. Ele tem várias aplicações que podem estar relacionadas ao trabalho urbano hoje. A mais óbvia dessas definições é “*curar o doente*”. O ministério de Cristo foi repleto de histórias fantásticas de Seu trabalho milagroso de cura. Enquanto viajava de um lugar para outro, pessoas doentes e com deficiências se aglomeravam à Sua volta esperando restauração e saúde: “Mas as multidões [...] O seguiram. Ele as acolheu, e falava-lhes acerca do Reino de Deus, e curava os que precisavam de cura” (Lucas 9:11).

Para muitos que não tinham outra expectativa de cura, Jesus era a única esperança. Observe no versículo que o padrão de ministério de Jesus era aliviar o sofrimento e ensinar as pessoas sobre os caminhos do Seu reino. Ele tratava tanto de suas necessidades físicas quanto de suas necessidades emocionais ou espirituais, e compartilhava as boas novas com elas. Esses dois elementos nunca estiveram separados em Seu ministério. Ele ganhou acesso à mente e ao coração das pessoas devido ao Seu cuidado compassivo pelo bem-estar delas. Esse também foi o padrão que Ele ensinou Seus discípulos a praticar. Quando Ele enviou os doze, Lhes disse que “por onde forem, puguem esta mensagem: ‘O Reino dos céus está próximo’. Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça; deem também de graça” (Mateus 10:7, 8).

Em Éfeso, Paulo seguiu o exemplo de Jesus de maneira fantástica: “De modo que até lenços e aventais que Paulo usava eram levados e colocados

sobre os enfermos. Estes eram curados de suas doenças, e os espíritos malignos saíam deles” (Atos 19:12). Ao mesmo tempo, Paulo pregou o reino dos céus enquanto trabalhava na cidade (20:25). O que vemos em todos esses exemplos é um vínculo inconfundível entre o ministério de cura e o ministério evangélico. Jesus praticou essa conexão e ensinou seus discípulos a fazerem o mesmo. Paulo também seguiu o exemplo em seu ministério urbano. Esse mesmo método é prescrito para nós hoje: “Os servos de Cristo devem seguir-Lhe o exemplo. Andando de lugar em lugar, consolava Ele os sofredores e curava os enfermos. Apresentava-lhes, então, as grandes verdades sobre Seu reino. Esta é a obra de Seus seguidores” (PJ 122.2).

O trabalho médico de Jesus e Seus discípulos era milagroso por natureza, e é difícil imaginar um paralelo hoje que teria o mesmo impacto no abrir o coração ao evangelho. Contudo, podemos seguir hoje a base para a obra médico-missionária de Jesus: aliviar o sofrimento e compartilhar o evangelho. A ordem para fazer avançar o reino permanece, mesmo que a execução dela seja significativamente diferente em nosso mundo atual, onde o dom da cura milagrosa parece estar em falta.

Felizmente, recebemos uma abundância de conselhos nos escritos de Ellen White sobre como manter o padrão da obra médico-missionária de Jesus, juntamente ao trabalho do ministério evangélico: A Ciência do Bom Viver, Conselho sobre o Regime Alimentar, Conselho sobre Saúde, Temperança e artigos nos Testemunhos para a Igreja. Ao estudar essas orientações, podemos encontrar um modelo de realizar o ministério médico de Cristo em nossa época. Em resumo, a obra médico-missionária nas cidades hoje deve seguir a seguinte progressão estabelecida no passado:

- Escolas deveriam ser estabelecidas para treinar médicos-missionários;
- Deveriam ser abertos espaços para educar o mundo por tais missionários (igrejas, escolas, missões e centros de influência urbanos);
- Restaurantes e outros centros deveriam seguir instruções para ilustrar na prática a educação oferecida;

- Salas de tratamento ou missões médicas deveriam ser abertas para atuarem como afluentes para os sanatórios;
- Sanatórios deveriam ser instalados perto de todas as grandes cidades.

A igreja moderna de Cristo deve levar Seu ministério de cura através desses canais. Todo ramo da obra médico-missionária deve ser implementado com o mesmo propósito singular de abrir o coração das pessoas ao evangelho, aliviando o sofrimento delas. A intenção de compartilhar o evangelho deve ser construída no contexto de toda linha de trabalho médico-missionário.

Até certo ponto, a Igreja Adventista tem seguido este modelo criando instituições maravilhosas para a prestação de serviços de saúde em todo o mundo. Contudo, frequentemente encontramos um desafio em manter a intenção do evangelho dentro dessas instalações e nas suas práticas. Como discípulos de Jesus Cristo, devemos existir apenas com o propósito de buscar e salvar os perdidos, tanto em nível pessoal quanto em nível institucional. Compartilhar o evangelho deve ser o objetivo principal em todas as extensões da igreja. Devemos estar nos perguntando continuamente se estamos conectando o ministério evangélico de maneiras tangíveis a todo trabalho que fazemos e se há fruto resultante do nosso trabalho. O segredo para compreender o objetivo da nossa obra médico-missionária hoje é: “Devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance pela cura do corpo; devemos, porém, tornar a cura da alma de muito maior importância. Aos que acodem aos nossos sanatórios como pacientes deve-se mostrar o caminho da salvação, a fim de que eles possam arrepender-se e ouvir as palavras: Os teus pecados te são perdoados; vai em paz, e não peques mais” (CSa 272.1).

Não podemos deixar que a cura física se separe da tarefa mais importante de curar a alma. Se não dermos significado primário ao trabalho maior, nossa motivação de alcançar almas para Cristo será substituída por outra coisa. Podemos nos tornar motivados pela filantropia, transformando-nos em uma entidade humanitária com pouca ou nenhuma intenção de pregar o evangelho. Nesse caso, a “cura do corpo” tornou-se mais importante que a “cura da alma”. Também corremos o risco de começar a operar nossas

instituições com base apenas em modelos de negócios com objetivos comerciais e apenas uma lembrança nominal de uma conexão com a igreja. Nesse caso, nosso foco seria manutenção e expansão, esquecendo-nos de que a cura da alma é de muito maior importância do que os lucros e deveria ser a razão primordial da existência das instituições.

Recentemente, participamos de uma avaliação de uma de nossas instituições corporativas de ministérios da saúde. O processo envolveu a avaliação dos programas atuais em relação à eficácia e ao potencial do evangelho. Embora cada programa fosse, sem dúvida, importante para a comunidade em geral, não pudemos traçar um plano de pregação intencional do evangelho e subsequente discipulado. Não conseguimos responder a perguntas como: “Como isso leva alguém a Cristo?” ou “Qual é o caminho para discipulado intencional?”. Devemos estar vigilantes para manter essas questões em nossas mentes à medida que desenvolvemos ministérios de saúde abrangentes, ou o nosso trabalho na cidade perde o propósito para o qual foi destinado.

Como já assinalamos, nenhuma linha divisória deve separar a obra médico-missionária e o ministério evangélico. A própria estrutura da nossa atividade corporativa deveria ser que nós, direta e propositadamente, conduzíssemos as pessoas a Jesus através de nossos ministérios médicos, não importa quão grande seja uma instituição.

Curar os enfermos através de instituições corporativas é apenas o começo da obra médico-missionária. Como mencionamos, o termo “obra médico-missionária” tem uma definição mais ampla e é um conceito muito mais extenso do que às vezes percebemos. Considere a seguinte citação:

Há para ser feita por nossas igrejas uma obra da qual poucos têm alguma ideia. ... Temos que dar de nossos meios para sustentar os obreiros no campo da seara e rejubilarmo-nos pelos molhos colhidos. Embora isto esteja certo, há uma obra, ainda intocada, que deve ser feita. A missão de Cristo era curar os enfermos, encorajar os desesperançados, levantar o desalentado. Esta obra de restauração deve ser promovida entre os necessitados sofredores da humanidade.

Deus reclama não apenas vossa benevolência, mas vossa fisionomia alegre, vossas palavras de esperança, vosso aperto de mão. Aliviai alguns dos aflitos de Deus. Alguns estão enfermos, e a esperança os abandonou. Devolvi-lhes a alegria. Há almas que perderam a coragem; falai com elas; por elas orai. Há os que necessitam do pão da vida. Lede-lhes a Palavra de Deus. Há uma enfermidade da alma que nenhum bálsamo pode alcançar, nenhum remédio curar. Orai por esses e trazei-os a Jesus. E em todo o vosso trabalho esteja Cristo presente para fazer impressões no coração humano. (BS 71)

Este é o tipo de obra médico-missionária que deve ser feito. Leve o raio de sol do Sol da Justiça para o quarto dos doentes e sofredores. Ensine os de lares pobres a cozinhar. “Como pastor ele cuida de seu rebanho”, com alimento temporal e espiritual. (A Call to Medical Evangelism and Health Education, 23, ênfase nossa, tradução livre)

Que palavras poderosas! Deus clama por “*vossa fisionomia alegre, vossas palavras de esperança, vosso aperto de mão*”. Isso amplia nossa compreensão do ministério médico de uma responsabilidade corporativa para um compromisso individual, desde curar os doentes até confortar os necessitados de maneiras que estão além do físico. “A obra médico-missionária traz à humanidade o evangelho de libertação do sofrimento” (CI 316.5). Devemos levar a cura aos outros em nossos encontros cotidianos, uma vez que estamos cheios de compaixão e gentileza em vez de indiferença e crítica. Devemos reconhecer o sofrimento em nossos vizinhos em vez de nos concentrarmos em nossos próprios problemas. Tal trabalho só pode começar quando reconhecermos como Deus tem sido gracioso e compassivo conosco.

Devemos sempre lembrar “*que uma alma salva no reino de Deus vale mais do que dez mil mundos como este*” (Advent Review and Sabbath Herald, abril de 1880, tradução livre, ênfase nossa). Quando temos a mente de Cristo, podemos ver as pessoas com essa mesma apreciação e desejo pela restauração delas. O evangelho dentro de nós muda a maneira como pensamos sobre as pessoas que encontramos todos os dias.

Nas cidades de hoje, muitos estão lutando para obter as necessidades básicas da vida, como comida e roupas ou um lugar para morar. Alguns estão doentes e raramente veem o lado de fora de suas casas. Muitos são pobres, não têm recursos para fazer mudanças e não tomam as melhores decisões

com o que têm. As pessoas estão solitárias e desanimadas. Alguns estão presos por feridas no coração, outros têm alma mantida cativa por Satanás. Aqui está a obra do médico-missionário: procurar aqueles que estão desgastados pelas circunstâncias da vida e pelos efeitos do pecado e oferecer alívio. Isso é exatamente o que Jesus fez.

Em Allentown, vimos Deus trabalhando de várias maneiras. Como exemplo, a equipe conseguiu ministrar a um casal em grande necessidade. Eles ficaram sem-teto depois que a esposa adoeceu e o marido decidiu cuidar dela. Alguns dos adultos da nossa equipe começaram a se relacionar com eles no abrigo onde estavam morando. Os membros da nossa equipe trouxeram comida saudável ao casal e começaram a fazer caminhada com eles. Infelizmente, a esposa piorou, seus dedos do pé enegreceram por causa do diabetes, e ela tinha uma cirurgia agendada para amputar alguns deles. Na manhã da cirurgia, alguns membros da equipe oraram com ela e a ungiram para a cura. Depois que ela chegou ao hospital, eles a examinaram uma última vez e descobriram que a circulação em seus dedos estava boa. O procedimento de amputação foi cancelado. Louvado seja o Senhor!

Deus trabalha nas formas como Ele escolhe; precisamos apenas estar dispostos a perguntar e então nos contentar com Seus planos. Às vezes o milagre é tão claro quanto a experiência que descrevemos acima. Em outros casos, a cura ocorre através de trabalho árduo na mudança de estilo de vida. Nos dois sentidos, Deus é glorificado. Esta é a obra a que os adventistas do sétimo dia foram chamados nestes últimos dias. Você está disposto a aceitar esse chamado?

CAPÍTULO 11

BUSCANDO UM MODELO DE MINISTÉRIO URBANO

Como vimos, a Bíblia nos apresenta um modelo de trabalho para o ministério urbano a partir do exemplo de Paulo. Assim, chamamos esse plano de Modelo de Éfeso. É justo perguntar, neste ponto, se existe um exemplo mais atual do modelo para ser examinado. A resposta é sim. Neste capítulo, examinaremos exemplos históricos de ministério urbano conduzidos pela igreja em resposta a um apelo persistente que Ellen White fez por mais trabalho nas cidades. Em particular, vamos examinar o trabalho de Stephen Haskell em Nova York e compará-lo ao Modelo de Éfeso.

Um dos primeiros apelos a respeito da necessidade da igreja de trabalhar nas cidades veio a Ellen White em um sonho em 1874:

Sonhei que vários irmãos nossos estavam reunidos em concílio, estudando planos de trabalho para esta época do ano. Julgavam preferível não penetrar nas cidades grandes, mas começar pelas localidades pequenas, distantes das cidades; aí encontrariam menos oposição da parte do clero e evitariam despesas avultadas. [...]

Um Ser de dignidade e autoridade — presente a todas as nossas reuniões de comissões — escutava com o mais profundo interesse todas as palavras. Falou deliberadamente, e com perfeita segurança: “O mundo todo”, disse, “é a grande vinha de Deus. As cidades e vilas constituem parte dessa vinha. Elas têm que ser atingidas”. (Ev 41)

Nas quatro décadas seguintes, com crescente paixão, ela apelou várias vezes por um esforço mais determinado de evangelizar as cidades. Pouco antes de sua morte, em 1915, ela escreveu o seguinte: “O encargo das nossas cidades tem pesado tanto sobre meus ombros, que algumas vezes parecia que eu ia morrer” (Advent Review and Sabbath Herald, 17 de novembro de 1910, tradução livre).

Deve-se notar que seus apelos não foram totalmente ignorados. Mas antes de examinarmos a resposta da igreja a eles, precisamos considerar a magnitude da tarefa que a igreja estava enfrentando.

A Revolução Industrial começou na Grã-Bretanha por volta de 1760 e se espalhou para outras partes do mundo em meados do século XIX. Transformou países de sociedades agrárias em sociedades industriais. Essa mudança provocou uma migração da vida rural para a vida urbana à medida que as pessoas iam em busca de empregos. Uma análise dos dados do censo dos Estados Unidos no período de 1870 a 1920, época em que Ellen White apelava repetidamente por um esforço mais concentrado nas cidades, confirma um grande movimento da zona rural para a urbana.

População	EUA	Nova Iorque	Zona Urbana	Zona Rural
1870	38.558.371	942.292	26 %	74 %
1880	50.189.209	1.206.299	28 %	72 %
1890	62.979.766	1.515.301	35 %	65 %
1900	76.212.168	3.437.202	40 %	60 %
1910	92.228.496	4.766.883	46 %	54 %
1920	106.021.537	5.620.048	51 %	49 %
2010	308.745.538	8.175.133	80,7%	19,3%

Compilado de *US Census Data*

Na época da morte de Ellen White, em 1915, a distribuição da população havia mudado enormemente. Metade da população estava vivendo em aglomerados urbanos. O mandato da igreja de espalhar o evangelho não se aplicava mais simplesmente a missões estrangeiras, mas também se deparou com a tarefa de abordar os campos de missão em rápido crescimento nas cidades dos Estados Unidos.

Hoje os números são ainda mais surpreendentes. O último censo dos EUA na época desta publicação relatou que as áreas urbanas continham

cerca de 250 milhões de pessoas, representando 80% da população. As áreas rurais, por outro lado, tinham cerca de 60 milhões de pessoas, apenas 20% da população. Esta é uma inversão completa da demografia que existia na época em que Ellen White começou a instar a igreja a concentrar seus esforços nas cidades.

A tarefa pode parecer mais assustadora hoje, mas “todas as coisas são possíveis para Deus” (Marcos 10:27).

Como já mencionamos, a igreja não deixou que o conselho de Ellen White fosse totalmente ignorado. De 1870 a 1915, vários indivíduos aceitaram o chamado de alcançar as cidades, enquanto a igreja procurava um modelo para o ministério urbano. Um dos líderes importantes nesse desenvolvimento foi Stephen Haskell.

Em 1870, Élder Haskell organizou a primeira *Tract and Missionary Society* e posteriormente organizou sociedades semelhantes em várias partes do leste dos Estados Unidos. O historiador adventista Gary Land escreveu: “Haskell propôs o uso das sociedades missionárias para estabelecer missões permanentes em áreas urbanas” (*Historical Dictionary of Seventh-day Adventists*, 64, tradução livre).

“Estas não eram missões de assistência e bem-estar, mas precursores dos centros evangelísticos modernos, focando principalmente no evangelismo de literatura” (Ella Robinson, *S. N. Haskell: Man of Action*, 67, tradução livre).

Essas missões “proporcionavam alojamentos para os obreiros e um centro para colportagem evangelística, estudos bíblicos e pequenas reuniões públicas, além de servir para treinar os obreiros leigos”. Conforme os conversos se reuniam, “uma igreja poderia ser organizada”. “A missão adventista do sétimo dia da década de 1880 conduziu uma escola para o treinamento especial de instrutores bíblicos de casa em casa”. Eles foram “enviados com a esperança de que custariam pouco ou nada à associação”. “No entanto, essas missões raramente se mostraram autossuficientes” (*ibid.*).

Com um bom começo na década de 1870, a igreja começou a publicar relatórios sobre o progresso das missões na década de 1880. Ivan Warden

relatou: “Na década de 1880, a Igreja Adventista do Sétimo Dia colocou alta prioridade nas missões urbanas nos Estados Unidos. A Conferência Geral publicou um relatório anual sobre a missão urbana do período 1885 a 1899. Em 1886, o relatório indicava que havia 36 missões, empregando um total de 102 obreiros denominacionais e treinando 224 membros leigos como estagiários” (Ellen G. White Speaks on Urban Ministries).

No entanto, problemas de repetibilidade e sustentabilidade começaram a surgir. “Embora as missões ajudassem a estabelecer o adventismo em áreas urbanas, elas se mostraram muito onerosas de se operar e poucas duraram até a década de 1890” (Land, Historical Dictionary, 64).

Isso levou a um esforço de renomeação na tentativa de manter um programa viável:

“Na sessão da Associação Geral de 1889, foi recomendado que o nome ‘missão da cidade’ fosse abandonado, uma vez que foi mal interpretado pelo público”. O nome das missões foi mudado para “Estações de Colportagem com instrutores bíblicos trabalhando junto aos colportores” (Robinson, S. N. Haskell, 67).

Além disso, a noção de bem-estar do ministério entrou no trabalho missionário. Ao mesmo tempo, “durante a década de 1890, muitas missões das cidades (missões de bem-estar social) funcionavam em prol dos pobres” (ibid.).

Outro componente significativo do modelo veio do trabalho do Dr. John Harvey Kellogg, em 1893. Ele iniciou e patrocinou um projeto médico-missionário em Chicago que incluía “um dispensário médico e um programa de visita de enfermeiros, banhos gratuitos, lavanderia gratuita e almoço por um centavo. Em 1896, a missão comprou uma antiga igreja que foi estabelecida como ‘Casa do Trabalhador’, a qual fornecia acomodações, banheiros, lavanderia e refeições. Era disponibilizado para os desempregados um trabalho temporário, como fabricação de tapetes e vassouras, para que eles pudessem cobrir suas despesas em casa”. “Kellogg também adquiriu

outro imóvel” que, entre outras coisas, “servia como uma casa de liquidação que oferecia serviços como pré-escola e creche gratuitas para os filhos de mães que trabalhavam, aulas de culinária e costura, palestras sobre saúde e uma maternidade para mães solteiras” (Land, Historical Dictionary, 57). Aqui podemos ver a plenitude do trabalho médico-missionário em ação, desde os cuidados com as necessidades básicas aos cuidados médicos. As pessoas eram cuidadas, independentemente de sua posição na vida.

Infelizmente, o Dr. Kellogg decidiu mudar o foco da igreja, mudando a definição do trabalho. Ele declarou que seus esforços eram “não-denominacionais, não-sectários e puramente caridosos, benevolentes, cristãos e filantrópicos”, de acordo com Lena Sadler (Early Days in the Rescue Work). De fato, ele estava tentando amputar o braço direito do evangelho (a obra médico-missionária) do pronunciamento da mensagem do terceiro anjo confiada unicamente à igreja, apesar do claro conselho de Ellen White de não o fazer. Ela escreveu:

A obra médico-missionária não deve ser levada avante como algo separado da obra do ministério evangélico. O povo do Senhor deve ser uno. Não deve haver separação alguma nessa obra. Tempo e meios estão sendo absorvidos numa obra que é *levada avante com muito empenho numa direção apenas*. O Senhor não determinou isto. Ele enviou Seus doze apóstolos, e posteriormente os setenta, para pregarem a palavra ao povo, e deu-lhes poder para curar os enfermos e expulsar os demônios em Seu nome. *Os dois ramos da obra não devem separar-se*. Satanás inventará toda espécie de ardil para separar aqueles a quem Deus está procurando tornar um. Não devemos ser enganados por seus estratagemas. A obra médico-missionária deve estar ligada com a mensagem do terceiro anjo da mesma forma que a mão está ligada ao corpo; e a instrução dos estudantes em assuntos médico-missionários não está completa a menos que eles se preparem para trabalhar em ligação com a igreja e o ministério. (CSa 557.1, ênfase nossa)

Devemos parar aqui e reconhecer o importante valor que a obra médico-missionária agregou ao modelo do ministério da cidade. Sempre há a tentação, como no caso do Dr. Kellogg, de continuar apenas na parte do plano

em que nos sentimos mais confortáveis. A história revela que isso é um erro de quem tem a mente fechada.

Finalmente, no início do século XX, as lições aprendidas nas três décadas anteriores começaram a se unir em um esforço concentrado no cerne do ambiente urbano proeminente da nação: a cidade de Nova York. O homem escolhido pelo Senhor para liderar nessa tarefa não seria outro senão o experiente guerreiro Stephen N. Haskell. Ellen White disse:

O Senhor apresentou diante de mim a maneira pela qual o trabalho deveria ser realizado em nossas grandes cidades. Fui instruída pelo Senhor que o sr. Haskell, que tem uma ampla experiência, deve começar o trabalho em Nova Iorque com base *em planos corretos*, iniciando o trabalho missionário após a ordem do Senhor. Que nenhum homem se interponha para bloquear o caminho do sr. Haskell. Seu trabalho pode ser impedido, mas não permita Deus que o seja. Limpe o caminho para o idoso servo do Senhor. Ajude-o em tudo que puder. Não permitam que se realizem reuniões que afastem as pessoas do interesse que o Senhor deseja ver avançado, que almas sejam ganhas para Cristo. (Manuscript Releases 4, 313, ênfase nossa, tradução livre).

Fica bastante claro, a partir desta declaração, que o Senhor tinha um plano particular para realizar Seus propósitos com respeito às cidades. Também está claro que Haskell era a pessoa adequada e escolhida para realizar esse plano. A carta de Ellen White a Haskell acrescenta uma seriedade extra ao significado de seu trabalho em Nova Iorque: “Irmão Haskell, o Senhor lhe deu uma abertura na cidade de Nova Iorque, e *seu trabalho missionário deve ser um exemplo de como deveria ser o trabalho missionário em outras cidades. Você deve mostrar como a obra deve ser feita*, jogando a semente, e depois fazendo a colheita. Existem aqueles que podem se unir a você em seu trabalho, envolvendo-se na obra com compreensão e plena simpatia a você” (Carta 150, 1901, ênfase nossa, tradução livre).

À luz do significado do trabalho dos Haskells na cidade de Nova Iorque, devemos examinar o que eles fizeram. O sr. Haskell usou as lições das experiências passadas da igreja para criar um novo modelo para os ministérios da cidade, que incorporaram os aspectos bem-sucedidos dos

esforços anteriores. Ella Robinson, uma de suas biógrafas, escreveu: “O sr. Haskell estava conduzindo uma ‘missão urbana evangelística’ em Nova Iorque. Era uma combinação de uma missão evangelística, popular na década de 1880, e uma missão entre os pobres, como as que florescia na década de 1890” (Robinson, S. N Haskell, 179, tradução livre).

Em uma análise mais detalhada, podemos ver como seus esforços se comparam aos do apóstolo Paulo em Éfeso. Embora na época certamente não tivesse sido identificado como tal, Haskell usava, em geral, o Modelo de Éfeso.

No verão de 1901, Haskell e sua esposa alugaram um apartamento no sexto andar na 400 West 57th Street, em Nova Iorque. Eles foram a sua própria Equipe de Estabelecimento Antecipado, selecionando o local e iniciando o trabalho. Ellen White escreveu sobre o progresso:

“Somos gratos por que na grande Nova Iorque as portas estão se abrindo para que a verdade encontre entrada em muitos corações. O sr. Haskell e sua esposa têm bom ânimo no Senhor. Certamente eles têm uma grande abertura. Antes de começar o esforço especial do sr. Haskell, havia alguns bons obreiros na grande Nova Iorque. Mas até que o sr. Haskell e sua esposa foram para lá, o caminho não estava totalmente aberto. O irmão e a irmã Haskell começaram o trabalho de forma silenciosa em alguns dos imensos quarteirões da cidade, fazendo a obra de casa em casa, como deveria ser. Uma boa companhia já foi levantada.” (Manuscript Releases 4, 300, tradução livre).

A Sra. Haskell relatou: “*Todos os nossos quartos são claros e arejados*”, “*todos têm abertura para rua e bate bastante sol em todos*”. Ela passou a notar que havia “56 apartamentos em seu prédio e que eles tinham começado o trabalho de evangelismo em seu próprio prédio e em prédios contíguos, vendendo livros, estudos bíblicos, fornecendo instruções e cuidados médicos práticos” (George Knight, *Adventists in the City*, www.nadministerial.org).

A nota da Sra. Haskell é bastante informativa porque indica que eles incorporaram todas as três agências de Deus, evangelismo de literatura, ministério evangélico e obra médico-missionária, em seu trabalho desde o início.

A próxima tarefa dos Haskells foi reunir uma equipe de obreiros experientes para ajudá-los no trabalho. Esta seria a sua Equipe de Liderança, o segundo elemento do Modelo de Éfeso. Ellen White escreveu-lhes: “Deveis escolher como auxiliares homens capazes de levar a causa adiante sólida e cabalmente, trabalhando pela conversão de todo o ser, corpo, alma e espírito. Um fundamento sólido, lançado segundo o plano evangélico, deve ser estabelecido para a edificação da igreja” (Ev 385.6). “Irmão Haskell, quando você se engajar no trabalho em Nova Iorque (a cidade), você deve ter a ajuda dos melhores obreiros que possa conseguir” (Manuscript Releases 7, 394, tradução livre).

Como a obra continuou a florescer, o próximo componente, um Centro de Influência Urbano, foi fundado. Através de todos os anos das várias tentativas do adventismo em encontrar metodologias eficazes para os ministérios da cidade, a missão (Centro de Influência Urbano) permaneceu na vanguarda. Ellen White enfatizava continuamente a importância de estabelecê-las: “As missões são essenciais, como fundamento do trabalho missionário em nossas cidades” (OE 365.1). “Este é o trabalho que deve ser feito hoje. Missões devem ser estabelecidas, não apenas em uma ou duas cidades na América, mas em muitas localidades. Os imóveis devem ser tão baratos quanto possível. Não são imóveis caros que dão caráter ao nosso trabalho; é o espírito manifestado pelos obreiros que demonstram que eles têm a cooperação do Espírito Santo. Isso confere poder à sua influência e caráter à obra” (Advent Review and Sabbath Herald, 15 de agosto de 1899, tradução livre).

Em seu conselho ao irmão Haskell, ela pediu o estabelecimento de um centro e articulou a principal razão para sua existência: “Vossa obra em Nova Iorque foi iniciada na devida maneira. Tendes de estabelecer em Nova Iorque *um centro de esforço missionário*, do qual a obra possa ser levada avante com êxito. O Senhor deseja que esse centro seja uma escola de preparo para obreiros, e não se deve permitir que coisa alguma interrompa a obra. Depois de o povo haver abraçado a verdade e tomado sua decisão, então o Senhor os

preparará para serem instruídos para a plena recepção da verdade bíblica” (Ev 385.6, ênfase nossa).

O objetivo é claro. O centro (missão), como a escola de Tirano de Paulo, deve ser um lugar onde novos conversos são treinados e mentoreados por aqueles com mais experiência. Eles formam um grupo de discipulado a partir do qual as igrejas podem ser estabelecidas. A. W Spalding resume o trabalho de Haskell sucintamente:

“[Ele] que havia capitaneado um corpo diversificado de obreiros na metrópole do país, estabeleceu um plano para a campanha abrangente e bem articulada da cidade. Continha o seguinte [...]: Que o trabalho de literatura de casa em casa seja conduzido, abrindo portas para estudos bíblicos por instrutores competentes; que seja prestado serviço de saúde e educação através de restaurantes vegetarianos, salas de tratamento hidroterápico e palestras; que quando as bases estiverem suficientemente lançadas, sigam-se reuniões evangelísticas; que todos esses obreiros estejam unidos e, na medida do possível, morem em uma escola central de obreiros, regida pelo diretor do trabalho da cidade.” (Origin and History of Seventh-day Adventists 3:114).

Esta é uma imagem dinâmica do Modelo de Éfeso em ação. Não é uma abordagem apenas teórica e acadêmica. É uma presença cotidiana, com a mão na massa, em uma comunidade com a intenção de ser as mãos, os pés e a voz de Jesus, atendendo às necessidades que podem ser atendidas, aliviando o sofrimento quando possível e apelando aos corações para se reconciliarem com seu Pai no céu.

Um desafio enfrentado por Stephen Haskell com o qual Paulo não precisou lidar em sua época foi a questão da unidade entre as igrejas já existentes no campo. Ellen White aconselhou: “É preciso fazer um decidido esforço para unificar nossas igrejas em Nova Iorque e nas cidades circunjacentes. Isto se pode efetuar, e precisa efetuar, caso o trabalho intensivo nessa cidade seja levado avante com êxito” (Ev 388.4). Este desafio ainda nos assombra hoje, e devemos estar dispostos a enfrentá-lo, se quisermos garantir o sucesso em nossos esforços. Nada é mais confuso ou mais prejudicial para um novo converso do que ser arrastado para guerras

territoriais ou “disputas familiares” por questões menores. A unidade é a marca da Trindade e, portanto, deve ser refletida no povo de Deus. Temos que fazer um trabalho melhor como um povo sobre este assunto.

Outra preocupação especial de Haskell era que o modelo fosse sustentável. Como vimos, isso foi um problema para a igreja no passado. A abordagem dele era criar, na medida do possível, uma estrutura autossuficiente. “[O sr. Haskell] tinha certeza de que conseguiria realizar o plano original de tornar a missão urbana totalmente autossuficiente, ou em grande parte. Ele a transformaria numa estação experimental para criar métodos pelos quais isso poderia ser concretizado” (Robinson, N Haskell, 180).

A sustentabilidade é simplesmente outra forma de expressar suporte financeiro: Como pagamos por isso? É o problema que, de modo geral, continua sendo o desafio proeminente para a condução do ministério urbano hoje. Não é segredo que a maioria dos empreendimentos autossustentados fracassa porque, em última análise, eles não podem se sustentar. Pode ser que tenhamos um conceito equivocado dos meios autossustentáveis. Vamos abordar essa ideia e a questão do suporte financeiro nos próximos dois capítulos.

Resumindo, o modelo de Haskell para o trabalho urbano continha os seguintes elementos:

- Um plano - uma campanha municipal abrangente e bem articulada (trabalho de Colocação Avançada);
- Um corpo diversificado de obreiros (Grupo de Liderança);
- Implementação das três agências:
 - ✓ Evangelismo de literatura: distribuição de literatura de casa em casa;
 - ✓ Ministério Evangélico: estudos bíblicos por instrutores competentes;
 - ✓ Obra médico-missionária: serviços de saúde e educação.
- Uma missão (Centro de Influência Urbano);

- Ministério do bem-estar para os pobres;
- Ministério para os ricos e influentes;
- Treinamento de novos crentes/obreiros leigos (Grupo de Discipulado);
- Planos para o estabelecimento de um memorial para Deus (um novo grupo de crentes em uma igreja);
- Reuniões de colheita pública: evangelismo;
- Tornar a missão urbana independente financeiramente, repetível e sustentável;
- Igrejas unificadas no campo.

Este o Modelo de Éfeso em essência. É extremamente importante que todas as partes funcionem juntas de acordo com a clara instrução de Deus. É o plano de Deus. Vimos isso ser revelado biblicamente no ministério de Paulo, vimos isso confirmado no conselho do Espírito de Profecia e, finalmente, emergir através dos esforços de servos dedicados na própria igreja. Portanto, ficamos sem desculpas.

Você pode perguntar por que essa metodologia é tão convincente para nós. A resposta é simples. Se nos lembrarmos da citação que é o nosso chamado para trabalhar nas cidades, o motivo fica claro: “Quando as cidades forem trabalhadas como Deus deseja, o resultado será o pôr-se em operação um poderoso movimento como nunca foi testemunhado” (MS 304.1).

Vamos dividir a citação:

- **“Quando”** fala sobre o futuro. É uma afirmação profética com uma sugestão implícita de que isso acontecerá. As cidades serão alcançadas;
- **“Como Deus deseja”** sugere que Deus tem um plano. Deus sempre teve um plano. Ele simplesmente está esperando por um povo que esteja disposto a implementá-lo;
- **“O resultado”** é que o plano de Deus garante sucesso;
- **“Pôr-se em operação”** é uma frase que significa começar, estabelecer, iniciar ou manter. É como um catalisador que inicia uma reação química.
- **“Um poderoso movimento”** é como Ellen White viu esse movimento:

“O anjo que se une na proclamação da mensagem do terceiro anjo, deve iluminar a Terra toda com a sua glória. Prediz-se com isto uma obra de extensão mundial e de extraordinário poder. O movimento adventista de 1840 a 1844 foi uma manifestação gloriosa do poder de Deus; a mensagem do primeiro anjo foi levada a todos os postos missionários do mundo, e nalguns países houve o maior interesse religioso que se tem testemunhado em qualquer nação desde a Reforma do século XVI; mas isto deve ser superado *pelo poderoso movimento sob a última advertência do terceiro anjo.*” (GC 611.1, ênfase nossa)

Simplificando, o trabalho de alcançar as cidades precipita os eventos que culminam na vinda de Jesus. E, isso pode soar egoísta, mas nós queremos ver Jesus voltar.

CAPÍTULO 12

O DIABO NÃO DORME

Quando revisamos as viagens missionárias de Paulo no capítulo 2, um tema consistente era a oposição que Paulo e seus companheiros pareciam encontrar em cada uma delas. Não deveríamos nos surpreender que Satanás ainda esteja se organizando para reprimir a obra do evangelho nas cidades de hoje. Lembre-se de que, quando esse trabalho for conduzido de acordo com o plano de Deus, ele será o catalisador de um poderoso movimento. O diabo tem a intenção de parar o trabalho de Deus antes que ele possa se firmar. Podemos aprender muito sobre a oposição que devemos esperar encontrar na experiência de Paulo em Éfeso, na qual Satanás usou quatro métodos específicos para se opor à obra de Deus:

- Oposição de sistemas de crença concorrentes;
- Oposição demoníaca;
- Oposição da cultura;
- Oposição de dentro da comunidade de crentes.

Quando começamos a organizar nosso trabalho em Allentown, descobrimos que esses são os mesmos métodos de oposição que Satanás ainda emprega. Satanás é um inimigo derrotado, mas ele não está ocioso. Ao nos engajarmos na guerra espiritual das almas, devemos dedicar um tempo para nos conscientizarmos das táticas de Satanás para nos ajudar a nos preparar e evitar o desânimo quando a oposição inevitavelmente surgir em nosso caminho. Examinando a experiência de Paulo em Éfeso, podemos ver como ele e sua Equipe de Liderança encontraram e enfrentaram cada um desses desafios do trabalho do evangelho.

1. Oposição de sistemas de crença concorrentes: Uma das primeiras formas de oposição que Paulo encontrou em Éfeso foi de um sistema de crença concorrente, nesse caso o judaísmo. No início de seu ministério na cidade

“Paulo entrou na sinagoga e ali falou com liberdade durante três meses, argumentando convincentemente acerca do Reino de Deus. Mas alguns deles se endureceram e se recusaram a crer, e começaram a falar mal do Caminho diante da multidão. Paulo, então, afastou-se deles” (Atos 19:8 e 9).

Esses incidentes ocorreram na sinagoga, um lugar onde as pessoas iam porque professavam acreditar em Deus. A intenção de Paulo era compartilhar as boas novas de Jesus com pessoas que esperavam a vinda do Messias. Este parecia o lugar lógico para começar seu ministério. No entanto, o evangelho sempre foi e sempre será um elemento polarizador. Alguns que ouvem vão acreditar, enquanto outros se ofenderão. E, de acordo com o texto, aqueles que não acreditavam se opunham às boas novas. Eles falavam mal do Caminho diante da multidão. Em outras palavras, alguns na multidão tinham um coração tão endurecido ao evangelho que se tornaram adversários ativos e verbais da pregação de Paulo. Paulo experimentou esse tipo de oposição não apenas em Éfeso, mas em quase todos os lugares em que pregou.

Podemos esperar experimentar a mesma oposição hoje. Nós tivemos uma experiência parecida como jovens professores da Palavra. No meio de uma de nossas apresentações, um ouvinte ficou de pé e começou a falar das supostas intenções ocultas da equipe e questionou nossa compreensão espiritual diante de nossa audiência. Foi devastador no momento, porque causou grande dano. Metade dos nossos participantes saíram. Mas aqueles que permaneceram viram que estávamos deixando a Bíblia falar por si. Os que ficaram foram encorajados e continuaram a estudar juntos por quase um ano.

Quando sofremos esse tipo de oposição, tendemos levar a rejeição para o lado pessoal e nossos sentimentos podem se machucar, o que não é necessariamente ruim. Levar a rejeição do evangelho para o lado pessoal significa que entendemos o que está em jogo e que nosso coração está ferido pelas pessoas que rejeitam a verdade. Lembrar que na verdade é Jesus quem está sendo rejeitado, e não nós, não torna necessariamente as coisas mais fáceis. A rejeição do que ou quem você representa não é mais fácil de aceitar

do que a rejeição do que você diz. Mas precisamos ter cuidado para evitar que nossos egos se envolvam no processo, para que o ressentimento e a amargura não criem raízes em nosso coração.

Nós não fomos chamados a prestar contas pela resposta dos outros ao evangelho. Somos chamados a compartilhá-lo e mostrá-lo, e então permitir que o Espírito Santo faça o convencimento no coração daqueles que ouvem e veem. Isto é o que Paulo fez com grande energia durante todo o seu ministério. Ele era tudo para todos os homens para poder salvar alguns. Ele vivia entre as pessoas que precisavam ouvir, misturava-se a elas e satisfazia suas necessidades, sempre esperançoso e pronto para a oportunidade de compartilhar a verdade de Jesus.

Outro desafio que podemos enfrentar é o preconceito contra o nosso trabalho que muitas vezes surge de inseguranças denominacionais. Líderes de outras denominações em nossa área de influência podem não querer que suas congregações sejam expostas ao nosso ministério. Às vezes é porque eles não querem perder influência. Eles podem não saber ou entender em que acreditamos, ou simplesmente rejeitam isso e, como resultado, se opõem ao que estamos fazendo.

Esse tipo de oposição pode vir de várias formas. Por exemplo, tentamos alugar um espaço em uma igreja onde a congregação parou de se reunir por causa da baixa assistência. Os membros da comissão encarregados de alugar o espaço queriam alugá-lo para ministérios com o desejo de trabalhar no bairro. Nós nos candidatamos e fomos rejeitados sem explicação. Quanto mais o nosso ministério se tornava eficaz na vizinhança, mais nos deparamos com esses tipos de desafios. No entanto, também tivemos a oportunidade de fazer um bom trabalho com outras organizações da igreja nos arredores, com líderes que sentiam que Deus nos havia enviado para ajudar. Conseguimos colaborar com esses grupos fornecendo ministério aos sem-teto, recursos para bancos de alimentos e ministério para crianças.

2. Oposição demoníaca. Outro obstáculo que Paulo encontrou em Éfeso foi a oposição demoníaca, ele enfrentou espíritos malignos. A Bíblia diz

que Deus trabalhou através de Paulo para expulsar esses espíritos malignos. O livro de Atos fornece uma descrição da guerra espiritual que aconteceu lá:

“Alguns judeus que andavam expulsando espíritos malignos tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os endemoninhados, dizendo: ‘Em nome de Jesus, a quem Paulo prega, eu lhes ordeno que saiam!’ Os que estavam fazendo isso eram os sete filhos de Ceva, um dos chefes dos sacerdotes dos judeus. Um dia, o espírito maligno lhes respondeu: ‘Jesus, eu conheço, Paulo, eu sei quem é; mas vocês, quem são?’ Então o endemoninhado saltou sobre eles e os dominou, espancando-os com tamanha violência que eles fugiram da casa nus e feridos. Quando isso se tornou conhecido de todos os judeus e os gregos que viviam em Éfeso, todos eles foram tomados de temor; e o nome do Senhor Jesus era engrandecido. Muitos dos que creram vinham, e confessavam e declaravam abertamente suas más obras. Grande número dos que tinham praticado ocultismo reuniram seus livros e os queimaram publicamente. Calculado o valor total, este chegou a cinquenta mil dracmas. Dessa maneira a palavra do Senhor muito se difundia e se fortalecia.” (Atos 19:13-20)

Que grupo interessante Paulo confrontou: exorcistas judeus imprestáveis. Os motivos deles são vagos, mas podemos supor algumas coisas. De acordo com o texto, eles conjuraram ou acusaram o espírito maligno diretamente “em nome de Jesus, a quem Paulo prega”. Esses judeus estavam tentando usar o nome de Jesus como uma palavra mágica para expulsar o demônio. Eles estavam usando o nome dEle, mas não acreditavam no Dono daquele nome. Feitiçaria como essa era proibida pelas leis de Moisés sob pena de morte (Deuteronômio 18:10-12), e ainda assim esses homens foram atraídos por essa obra. Não podemos saber seus motivos com certeza; talvez eles estivessem decididos a receber poder e influência. Sabemos que eles estavam se divertindo com forças que não entendiam. Um espírito maligno respondeu à acusação deles e disse: “Jesus, eu conheço, Paulo, eu sei quem é; mas vocês, quem são?” O que aconteceu foi surpreendente. O espírito repreendeu os pretensos exorcistas, e o homem possuído por esse espírito “saltou sobre eles e os dominou, espancando-os com tamanha violência que eles fugiram da casa nus e feridos” (Atos 19:16).

Logo, as notícias desse incidente se espalharam por Éfeso. Ficou claro que o nome de Jesus deveria ser honrado porque nEle está todo o poder e autoridade no céu e na terra. Muitos se tornaram crentes e confessaram seus pecados publicamente, e alguns até começaram uma nova vida queimando seus livros de magia. Ao contrário dos planos de Satanás, esse incidente fez com que a obra de Deus crescesse poderosamente.

Nós também devemos esperar enfrentar as forças de Satanás enquanto vamos para as cidades para realizar a obra de Cristo. Satanás tem trabalhado à nossa frente para nos opor à obra de Cristo. Há muitos motivos para pensar que o reino espiritual é tão ativo hoje quanto nos tempos bíblicos. Podemos antecipar que encontraremos pessoas que estão diretamente sob a influência de Satanás. Nós tivemos tais encontros e foram perturbadores e dolorosos. Satanás pretende usá-los para plantar as sementes do medo e do desencorajamento para retardar o progresso da obra ou nos fazer abandoná-la completamente.

Quando agimos em nome de Jesus Cristo, o céu é honrado e as vidas são transformadas e mudadas. Satanás não tem poder quando Jesus está presente, e as vidas transformadas são a evidência do poder de Deus em ação. Quando a obra de Cristo, através de Paulo, foi comparada com o trabalho dos exorcistas imprestáveis, o povo de Éfeso viu uma clara diferença, creu e agiu de acordo com sua crença.

3. Oposição da cultura. Uma terceira forma de oposição que Paulo encontrou em Éfeso foi a oposição decorrente de influências culturais. O cristianismo tem um efeito modificador na cultura, com o qual nem todos ficarão felizes ou confortáveis. É inevitável uma reação negativa.

Em Éfeso, a oposição cultural foi liderada por um ourives chamado Demétrio, que ganhava a vida vendendo ídolos da deusa Ártemis para o povo de Éfeso e nas cidades além (vv. 23-29). Depois de analisar suas finanças e perceber que seus ganhos foram significativamente menores do que nos anos anteriores, Demétrio convocou todos os outros artífices para uma reunião da categoria. Seu argumento era que o negócio de fazer ídolos havia diminuído como resultado direto dos ensinamentos de Paulo e seus discípulos. Parte da

mensagem de Paulo era que seus ídolos não eram realmente deuses, que, na verdade, nada feito pela mão do homem era um deus. De acordo com Demétrio, esses ensinamentos estavam colocando em risco a subsistência deles. E ele acrescentou outro argumento contra Paulo: se as pessoas continuassem a se tornar cristãs, o templo de Ártemis não seria mais honrado e perderia sua influência, uma influência mundial.

Naquela época, Éfeso era a capital da província romana da Ásia. Era um excelente porto comercial, tornando-se um local ideal para pessoas de todo o mundo virem e fazerem negócios. No coração da cidade estava o famoso templo da deusa Ártemis, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo. O historiador Plínio registrou o tamanho desse templo com 129,5 metros de comprimento e 68,5 m de largura, uma estrutura enorme de mármore com 127 colunas, cada uma com mais de 18 metros de altura, sustentando um teto tão grande quanto um campo de futebol (Pliny the Elder, Natural History).

Outro historiador, Antípatro de Sídon, escreveu: “Eu pus os olhos no muro da grande Babilônia, na qual há uma estrada para carruagens, e a estátua de Zeus de Alpheus, os jardins suspensos, o colosso do Suo, o enorme trabalho das altas pirâmides e o grande túmulo de Mausolo, mas quando vi a casa de Ártemis que subia até as nuvens, aquelas outras maravilhas perderam seu brilho, e eu disse: ‘Fora do Olimpo, o Sol nunca olhou em algo tão grandioso’” (Antípatro, Greek Anthology, IX.58, tradução nossa).

A economia de Éfeso estava ligada à adoração cultural de Diana. Ela atraiu pessoas de todo o mundo, que trouxeram grandes riquezas para a economia local. Muitos sacerdotes e sacerdotisas viviam no templo para administrar seus negócios e realizar seus rituais. Os valores e comportamentos do culto a Diana tornaram-se normas culturais aceitas, incluindo:

- Prostituição do templo (promiscuidade sexual);
- Magia e feitiçaria (espiritualismo);
- Refúgio para criminosos, independentemente do crime (ilegalidade);
- Adoração da natureza;

- Aborto;
- Controle central do dinheiro;
- Influência no comércio e negócios.

Nossa cultura ocidental moderna abrange muitos dos mesmos valores que os dos cidadãos de Éfeso. Demétrio estava correto quando disse que o evangelho representa uma ameaça para tais normas culturais, porque libera as pessoas da tirania que o pecado mantém sobre suas vidas. No entanto, nem todo mundo quer ser livre. Jesus advertiu sobre esse tipo de reação durante seu diálogo com Nicodemos: “Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas” (João 3:19, 20).

Demétrius argumentou que Diana estava sendo roubada de seu grande prestígio, mas ele estava mais chateado com sua perda de fonte de renda. Ele queria que o culto a Diana continuasse como regra para que ele pudesse continuar se enriquecendo com as vendas de ídolos. A influência de Paulo e seus discípulos estava começando a ter um efeito direto na cultura ao seu redor e, mais importante, na economia.

“O grupo de crentes que se reunia na escola de Tirano estava em evidente desarmonia com o coro festivo, e o ridículo, zombaria e insulto eram-lhes livremente atirados. Os trabalhos de Paulo haviam produzido sobre o culto pagão um golpe de morte, em consequência do que houve uma sensível queda na assistência à festividade nacional, e no entusiasmo dos adoradores. A influência dos seus ensinamentos alcançava muito além dos atuais conversos à fé. Muitos que não tinham abraçado abertamente as novas doutrinas, tornaram-se esclarecidos bastante para perder toda a confiança em seus deuses pagãos.” (AA 162.4)

Qual é a aplicação atual desta história enquanto trabalhamos nas cidades hoje? Como já dissemos, a cultura de hoje compartilha muitos dos mesmos valores e dinâmicas que os adoradores de Diana. Ao pregarmos o evangelho, devemos esperar encontrar uma aversão parecida ao nosso

trabalho por muitas das mesmas razões. As pessoas se oporão a nós porque suas vidas são afetadas direta ou indiretamente pela nossa mensagem.

4. Oposição de dentro. A oposição final na história de Éfeso vem por meio de um aviso que Paulo fez durante sua última reunião com os líderes da igreja em Éfeso: “Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos” (Atos 20:29, 30).

Este texto descreve um ataque em duas partes à igreja, com o objetivo de diminuir a influência da liderança e do próprio evangelho. O primeiro ataque, caracterizado como “lobos ferozes”, vem de fora para dentro. Jesus também falou sobre essa oposição:

“Eu os estou enviando como ovelhas entre lobos. Portanto, sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas. Tenham cuidado, pois os homens os entregarão aos tribunais e os açoitarão nas sinagogas deles. Por minha causa vocês serão levados à presença de governadores e reis como testemunhas a eles e aos gentios. Mas quando os prenderem, não se preocupem quanto ao que dizer, ou como dizer. Naquela hora lhes será dado o que dizer, pois não serão vocês que estarão falando, mas o Espírito do Pai de vocês falará por intermédio de vocês. O irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai o seu filho; filhos se rebelarão contra seus pais e os matarão.” (Mateus 10:16-21)

Esses lobos estão empenhados em destruir o rebanho. Embora possam se disfarçar de amigos ou de “ovelhas”, essa fachada mascara sua verdadeira natureza. Precisamos ser sábios e perceptivos em nossas interações; seus frutos revelarão seus verdadeiros motivos. O primeiro versículo os descreve como “falsos profetas”, sugerindo que eles alegam falar em nome de Deus, mas, na verdade, o que eles dizem sobre Deus é uma deturpação de quem Ele é.

Os falsos profetas costumam direcionar seus ataques à liderança. Seus ensinamentos envolvem argumentos complicados que minam a simplicidade do evangelho. Um fruto distintivo principal dos falsos profetas é

um desrespeito pelo princípio da unidade no corpo de Cristo. Eles fazem suas próprias teorias, ideias ou direitos percebidos nas questões primordiais, independentemente de seu impacto no corpo da igreja. Eles não poupam o rebanho. Quando nos deparamos com esse tipo de oposição, devemos ter o cuidado de sermos “prudentes como as serpentes” e, ainda assim, “simples como as pombas”. Ellen White aconselhou:

“Esses falsos profetas terão de ser enfrentados. Farão um esforço para enganar a muitos, induzindo-os a aceitar falsas teorias. Muitas passagens serão de tal modo mal aplicadas, que as teorias enganosas basear-se-ão aparentemente nas palavras que Deus proferiu. A preciosa verdade será aplicada a consubstanciar e estabelecer o erro. Esses falsos profetas, que pretendem ser ensinados por Deus, tomarão belos textos dados para adornar a verdade, e usá-los-ão como um vestido de justiça para encobrir teorias falsas e perigosas. E mesmo alguns daqueles que, em tempos passados, foram honrados pelo Senhor, apartar-se-ão tanto da verdade que advogarão teorias desorientadoras com respeito a muitos aspectos da verdade, inclusive a questão do santuário.” (Ev 360.2)

Enquanto os falsos profetas trazem oposição de fora para dentro, um segundo ramo de oposição se origina dentro do corpo: “E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos” (Atos 20:30).

Satanás usou esse mesmo método de recrutamento no céu. O perigo nesse tipo de oposição está em sua sutileza, é frequentemente mascarado por uma falsa preocupação, ou por sussurros gerados de corações não convertidos. Ellen White escreveu: “O maior mal ao povo de Deus vem por intermédio dos que saem de seu meio, falando coisas perversas. Por eles é blasfemado o caminho da verdade” (OP 30.3). Vestidos com a justiça que eles mesmos criaram, esses falsos discípulos distorcem e pervertem a verdade do evangelho, geralmente em nome da manutenção da ortodoxia, até que não seja mais boas novas. Eles negligenciam frutos como o amor e a misericórdia, causando grandes danos ao corpo de Cristo:

“Isto se verá certamente entre o povo de Deus, e haverá pessoas incapazes de perceber as mais maravilhosas e importantes verdades para este tempo, verdades essenciais a sua própria segurança e salvação, ao passo que assuntos que, em comparação, são como simples átomos, assuntos em que mal existe uma partícula de verdade, são demoradamente considerados, e engrandecidos pelo poder de Satanás de modo a fazê-los parecer da máxima importância. A visão moral desses homens está enferma; eles não sentem sua necessidade da unção celeste a fim de poderem discernir as coisas espirituais. Julgam-se demasiado sábios para errar.” (Ev 593)

Na missão Simplicity, em Allentown, alguns de nossos maiores desencorajamentos foram iniciados por críticas de irmãos de dentro do rebanho. Na maioria dos casos, esses críticos estão desinformados, mas falam de forma contrária ao ministério, independentemente dos fatos. Embora tenhamos visto nas Escrituras que tanto Paulo quanto Jesus advertiram contra esse tipo de oposição, ainda é doloroso experimentar isso, e pode ser a oposição mais difícil de ser suportada. Ao mesmo tempo, temos que ter em mente que se estamos nos desviando da tarefa que Deus nos deu, então devemos ser sensíveis à Sua correção. Às vezes ela vem na forma de conselhos prudentes de outros crentes que podem ajustar nosso curso. É importante orar pedindo sabedoria, discernimento e humildade para ouvir, para que possamos distinguir bons conselhos dos de desencorajamento.

É evidente hoje que, enquanto grande parte da igreja está dormindo, o diabo não está. Devemos esperar encontrar dificuldades em nosso caminho que surgem para retardar ou interromper nosso trabalho. Os desafios vão desde regulamentações impostas pelas autoridades locais até conflitos diretos com agências satânicas. Contudo, somos encorajados pela promessa de nosso Senhor à igreja: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18, Almeida Corrigida e Fiel).

CAPÍTULO 13

SUSTENTANDO O MOVIMENTO

Inevitavelmente, qualquer discussão sobre o estabelecimento, contratação de pessoal e manutenção de um Centro de Influência em um ambiente urbano chegará à questão financeira. Como pagamos por isso? Neste capítulo, abordaremos as preocupações financeiras sobre o desenvolvimento e manutenção de um programa viável para a realização do ministério urbano.

Para ficar claro, o custo será significativo. Como Ellen White escreveu: “Parece que quase ninguém ousa solicitar que um evangelista vá às cidades, por causa dos recursos financeiros que seriam necessários para executar um trabalho forte e sólido. *É verdade que haverá necessidade de muito dinheiro* para cumprirmos nosso dever para com os que não foram advertidos nestes lugares; e Deus deseja que ergamos nossa voz e façamos sentir nossa influência em benefício do sábio uso de recursos neste especial ramo da obra” (Ev 42.1, ênfase nossa).

Esses desafios permanecem hoje. Obreiros dispostos são difíceis de serem encontrados, e os meios para suprir as necessidades deles parecem ser escassos. Mas a recompensa do trabalho missionário na cidade supera em muito o custo. E essa também é uma tarefa que o nosso Senhor nos pediu para fazer. “Nossas grandes cidades devem ser adentradas com iniciativas, por menores que sejam, e depois trabalhadas pela fé. O Senhor tem confiado a seus seguidores o trabalho de dar a mensagem de advertência, e aqueles que têm meios devem dar ajuda financeira. Que o Senhor constranja os corações para fazer isso” (Advent Review and Sabbath Herald, 5 de fevereiro de 1884, tradução livre). Com um plano em mãos, devemos humildemente começar a avançar pela fé de que Deus proverá como Ele prometeu.

A primeira tarefa é começar com os recursos que temos em mãos, por menores que sejam. Este não é um apelo para avançarmos cegamente, acumulando dívidas ou sendo fiscalmente irresponsáveis. É um conselho

para começar com o que temos. Nosso ego às vezes nos cega para as coisas simples que estão bem na nossa frente. Queremos fazer grandes coisas, mas o caminho de Deus é testar nossa fidelidade nos pequenos assuntos antes de nos confiar maiores responsabilidades. Quando, na fé, nos dirigimos ao que está ao nosso alcance, o céu toma conhecimento. “Não avançaremos pela fé, tal como se tivéssemos milhares de dólares? Não possuímos nem a metade da fé necessária. Façamos nossa parte no sentido de advertir estas cidades. A mensagem de advertência tem de atingir o povo que está prestes a perecer, inadvertido e sem salvação. Como podemos protelar? Ao avançarmos, virão os recursos. Mas temos de avançar pela fé, confiantes no Senhor Deus de Israel” (Ev 62.1). Nosso Senhor honra esse tipo de fé.

O termo autossustentável aplicado às missões, ou Centros de Influência Urbanos, é um pouco enganoso. Esses ministérios têm a intenção de serem financeiramente independentes, mas não serão mais autossustentáveis do que qualquer associação ou igreja. Nossas igrejas e associações permanecem financeiramente viáveis porque seus membros as apoiam financeiramente. O mesmo vale para os Centros de Influência Urbanos. Não devemos cair na armadilha de pensar que, em algum momento, eles vão gerar fluxos de receita que o sustentarão. A menos que os transformemos em algum tipo de negócio, eles sempre precisarão de apoio financeiro de fontes externas.

O aspecto autossustentável do plano tem a ver com as pessoas que trabalham no centro. Eles se sustentam e frequentemente contribuem com parte de sua própria renda para apoiar o Centro. Em Éfeso, Paulo ensinou na escola de Tirano, espalhando a mensagem do evangelho e treinando outros a fazer o mesmo. Contudo, ele também trabalhou como fabricante de tendas para sustentar a si mesmo e seus colegas de trabalho:

“Paulo trabalhava algumas vezes dia e noite, não apenas para seu próprio sustento, mas para que pudesse ajudar a seus companheiros de trabalho. Repartia seu ganho com Lucas, e auxiliava Timóteo. Sofria até fome às vezes, para que pudesse aliviar as necessidades de outros. Sua vida era de abnegação. Ao fim de seu ministério, na ocasião de sua despedida dos anciãos de Éfeso e Mileto, ele pôde erguer perante ele as suas mãos gastas do trabalho

e dizer: 'De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem o vestido. Vós mesmos sabeis que para o que me era necessário a mim, e aos que estão comigo, estas mãos me serviram. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber'. Atos 20:33-35." (AA 196.2)

Mesmo quando nossos missionários são autossustentáveis, geralmente permanece uma lacuna de gastos significativa a ser preenchida para manter o centro aberto. Aluguel, serviços de utilidade pública, seguros e outras despesas devem ser pagos. Às vezes, esses recursos vêm à medida que os seguidores de Cristo veem o progresso e apoiam entusiasticamente o trabalho. Às vezes, os recursos vêm de fontes improváveis. Na *Simplicity*, experimentamos essas duas bênçãos. As pessoas abriram suas casas para oferecerem moradia; as igrejas locais deram apoio financeiro e moradia para os missionários; pessoas de outras religiões nos deram grandes doações e até empresas participaram e contribuíram para o nosso trabalho. Cada meio de apoio tem sido fundamental para nos sustentar e geralmente chegam exatamente no momento necessário. Por isso, louvamos a Deus! "Quando os mensageiros escolhidos de Deus reconhecem sua responsabilidade para com as cidades, e no espírito do Obreiro-Mestre trabalham incansavelmente pela conversão de preciosas almas, aqueles que receberam a luz desejarão dar livremente seus meios para sustentar o que foi feito em seu favor" (Manuscrito 45, 1910, tradução nossa).

Também descobrimos que, como previsto, aqueles que se juntaram a nós através da colheita foram muito generosos com seu tempo e esforço.

Tudo isso não deveria nos surpreender, o espírito de profecia indica que Deus tem recursos armazenados em lugares que às vezes não imaginamos. Pessoas de influência, riqueza e talento estão prontas para nos ajudar em Seu plano de alcançar as cidades. Listamos algumas referências para apoiar esse fato.

- "[...] *homens ricos*, que possuem o dinheiro de seu Senhor" (Ev. 87.4);

- “[...] muitas *pessoas não pertencentes à nossa fé* ajudarão consideravelmente com seus recursos” (Ev 379.3);
- “[...] aos que se acham em *posições de confiança*, aqueles a quem Ele tem confiado Seus preciosos dons, que empreguem os talentos de inteligência e de meios em Seu serviço” (CSa 551.1);
- “Alguns que *eram outrora inimigos*, tornar-se-ão valiosos auxiliares, promovendo a obra com seus meios e sua influência” (Ev 567.3);

Isso dá origem a uma questão interessante: Se aceitarmos a premissa de que o Senhor não sofre com a falta de meios, então por que esses recursos permanecem em grande parte inexplorados? Como afirmamos no início deste capítulo, a questão financeira é um grande problema no estabelecimento de um centro. Por que, então, há essa desconexão óbvia? Talvez a resposta esteja na verdadeira razão da mordomia.

Jesus apontou para uma viúva na igreja que acabara de colocar uma quantia muito pequena na caixa de ofertas, duas moedas. Ele se voltou para os discípulos e declarou que ela havia contribuído mais do que todos os ricos que haviam feito doações muito maiores. Por quê? Porque eles deram do que sobrava, mas a viúva deu dos recursos de sua própria necessidade, ela deu tudo o que tinha. O sacrifício dela foi maior.

Como você pode ver, a quantidade é insignificante para Deus, é com a natureza do sacrifício que Ele se preocupa. Nós não alçamos os corações através de programas. Corações são ganhos quando as pessoas veem Jesus na vida de Seus seguidores. Ninguém se sacrificou mais para se tornar um missionário do que o nosso Mestre. Ele desistiu de tudo para chegar a um planeta agonizante por nossa causa. Nós O amamos porque Ele nos amou primeiro. Quando as pessoas virem o mesmo espírito de sacrifício feito em favor delas, serão atraídas para Ele, e quando Deus vir esse espírito refletido em Seu povo, as comportas do céu serão abertas.

Ellen White mencionou como essa atitude dos membros da igreja era necessária para o trabalho na cidade: “Meus irmãos e irmãs, seu ouro e sua prata são necessários para realizar efetivamente o trabalho nas grandes

idades. Não se negarão a si mesmos de coisas desnecessárias e usarão os meios assim economizados para o progresso da obra? O Senhor terá prazer em ver que vocês estão tendo atos de abnegação, pois dessa forma vocês se mostrarão obreiros juntamente com Ele neste momento em que novas portas estão se abrindo para a mensagem” (Advent Review and Sabbath Herald, 28 de setembro de 1911, tradução nossa).

Este trabalho não é simplesmente para indivíduos que sentem que são chamados para a tarefa. Também é para as igrejas e associações locais para as quais ele foi designado. Como indivíduos, igrejas e associações, tendemos a guardar nossa prata e ouro até que haja ampla evidência da possibilidade de sucesso. Sem dúvida, encontramos grande sabedoria em agirmos com prudência, Deus com certeza não fica satisfeito com o desperdício. Mas, se estamos agindo com fé nas claras promessas de Deus, então o sucesso é garantido. Além disso, devemos sempre lembrar que o sucesso exigirá sacrifício pessoal e organizacional:

“As grandes cidades devem ser advertidas; e se você não tem recursos sobrando, então certamente é o dever de alguns de nossos irmãos vender e investir meios nos diferentes ramos do trabalho. “Acumulem para vocês tesouros no céu”. O dever é claro; o tempo de venda chegou, se forem exigidos meios para promover a causa e a obra de Deus e estes não podem ser levantados sem a venda de suas terras e suas outras casas. Despertai, irmãos, ao chamado do dever. Não vejo outra maneira de a luz de Chicago e de outros lugares poder ser retirada de debaixo do candelabro e colocada em um candelabro. Apelo a todos os que estão nas fileiras dos observadores do sábado para que neguem a si mesmos por amor a Cristo. Há um trabalho sério a ser feito pelo Mestre, e aqueles que não têm casas e terras para serem transformadas em dinheiro, podem negar a si mesmos de várias maneiras e economizar meios que teriam sido desnecessariamente gastos. Pratique a temperança em todas as coisas. Reduza as indulgências egoístas em suas mesas e vista-se de forma simples, com o bom e grandioso alvo de ter dinheiro para depositar no tesouro de Deus. Você pode, dessa forma, ser o meio de promover a Sua causa, iluminando aqueles que estão na escuridão do erro.” (Advent Review and Sabbath Herald, Feb. 10, 1885, tradução nossa).

Da perspectiva de Deus, a questão financeira não é sobre escassez de meios. É uma questão de fé, confiança e sacrifício pessoal na vida de Seu declarado povo. Da nossa perspectiva, seguir em frente é o propósito de agir de acordo com Suas promessas, orando por sabedoria e orientação, e dando de nós mesmos e de nossos meios. Essa é a natureza do movimento. Haverá momentos em que você não sabe como ele vai continuar. Apresente isso em oração, reconsagre-se a si mesmo e a sua equipe, reivindique as promessas de Deus, seja organizado e eficiente e, com fé, siga com ousadia.

Muitas vezes recebemos presentes não solicitados na *Simplicity*. Um presente que recebemos ilustra a fidelidade de Deus nessas coisas. Nós, os autores deste livro, somos dentistas atuantes. Nossos pacientes sabem que nossa ocupação, a odontologia, é meramente um veículo para a nossa vocação, Jesus Cristo. Uma carta chegou ao nosso consultório de um paciente que se mudara para a Flórida depois da aposentadoria. Ela simplesmente disse que decidiu colocar a *Simplicity* em seu testamento. Até onde sabemos, ela não era cristã, mesmo assim ouvia ao Espírito Santo. Uma semana depois, chegou uma segunda carta dizendo que ela queria começar a doar com um cheque de 5.000 dólares. Deus é verdadeiramente bom e digno de todo o nosso louvor! Este é o Seu plano e nós somos o Seu povo; Ele apenas espera que a nossa ação.

CAPÍTULO 14

COLOCANDO EM PRÁTICA

Nosso propósito ao escrever este livro foi delinear um plano bíblico para o ministério da cidade. Nós chamamos esse plano de Modelo de Éfeso. Neste capítulo final, investigaremos a necessidade, o mandato e os obstáculos, como Ellen White os viu há mais de cem anos, quando ela pediu que o ministério da cidade fosse iniciado. Infelizmente, esse chamado ainda continua em grande parte sem resposta hoje.

Vivemos em uma época em que o ministério urbano é mais crucial do que nunca. As multidões nas cidades ignoram o verdadeiro conhecimento de Jesus e precisam ser alcançadas. Os desafios e obstáculos no caminho para realizar essa tarefa permanecem em grande parte os mesmos de quando as mensagens de Ellen White foram escritas. Em última análise, temos algumas perguntas importantes que precisam ser respondidas: Como a igreja pode implementar um plano prático, baseado na Bíblia, para alcançar as cidades? Como seria esse plano de uma perspectiva prática? Quem deve ser responsável por iniciar e supervisionar esse plano? Onde estão os Paulos para fazer o processo funcionar? E, finalmente, como podemos superar os obstáculos que têm retardado nosso progresso por tanto tempo?

Neste capítulo, faremos algumas sugestões em uma tentativa de lançar uma visão para iniciar um movimento que finalmente cumprirá a tarefa que nosso Senhor nos pediu para fazer. Oferecemos as sugestões não como dogmas, mas como um modelo adaptável para atender às necessidades específicas de cada comunidade. Estamos sugerindo que é hora de sermos obedientes ao pedido do Senhor de levar seriamente o evangelho às massas.

Começamos com uma carta de Ellen White escrita cinco anos antes de sua morte:

Sanatório, Califórnia

16 de setembro de 1910

Para os Presidentes da Associação,

“Durante a noite de 27 de fevereiro, uma visão me foi dada, na qual as cidades não trabalhadas eram representadas diante de mim como uma realidade, e eu fui claramente instruída que deveria haver uma mudança decidida nos métodos passados de trabalho. Durante meses, a situação me impressionou e insisto em que equipes sejam organizadas e diligentemente treinadas para trabalhar em nossas importantes cidades. Esses obreiros devem trabalhar em dupla, e de tempos em tempos todos devem se reunir para relatar suas experiências, orar e planejar como alcançar as pessoas rapidamente, recuperando assim, se possível, o tempo.” (The Paulson Collection of Ellen G. White Letters, tradução nossa)

Não é tempo agora de se estabelecerem colônias. A obra deve ser levada rapidamente de cidade em cidade. A luz que tem sido deixada sob o alqueire deve agora ser tirada e posta no velador, para que ilumine a todos que estão na casa.

Milhares de pessoas em nossas cidades são deixadas em trevas, e Satanás está jubiloso com a dilação, pois isto lhe dá oportunidade de trabalhar nesses campos com homens de influência para promover os seus planos. Podemos confiar agora em que nossos homens de responsabilidade desempenhem humilde e nobremente sua parte? Que as sentinelas despertem! Ninguém continue indiferente à situação. Deve haver completo despertamento entre os irmãos e irmãs de todas as nossas igrejas.

Por anos a obra nas cidades tem sido apresentada diante de mim, e com insistência reclamada de nosso povo. Instrução tem sido dada para que se abra o trabalho em novos campos. Tem havido algumas vezes um cioso temor de que alguém que esteja disposto a entrar em novos campos receba do povo recursos que se supunha fossem necessários em outro trabalho. Alguns em posição de responsabilidade têm achado que nada deve ser feito sem seu pessoal conhecimento e aprovação. Daí que eficientes obreiros têm algumas vezes sido obstados e impedidos, e as rodas do carro do progresso têm sido postas a mover-se lentamente na penetração de novos campos.

Em toda cidade grande devia ter havido uma forte força de obreiros trabalhando com fervor para advertir o povo. Tivesse esta tarefa sido assumida em humildade e fé, e Cristo teria ido diante dos humildes obreiros, e a salvação de Deus teria sido revelada.

Organizem-se rapidamente agora grupos que saiam de dois em dois e trabalhem no Espírito de Cristo, seguindo os Seus planos. Muito embora algum Judas possa introduzir-se nas fileiras dos obreiros, o Senhor cuidará da obra. Seus anjos irão na frente e prepararão o caminho. Antes disto, toda grande cidade devia ter ouvido a mensagem probante, e milhares deviam ter sido levados ao conhecimento da verdade. Despertai as igrejas, tirai a luz de sob o alqueire!

Onde estão os homens que trabalhem e estudem e se angustiem em oração como Cristo fez? Não devemos limitar nossos esforços a uns poucos lugares. “Se vos perseguirem numa cidade, fugi para outra.” Seja seguido o plano de Cristo. Ele estava sempre procurando oportunidade de empenhar-se em trabalho pessoal, sempre pronto a interessar e atrair homens para o

estudo das Escrituras. Trabalhava pacientemente por homens que não tinham um claro conhecimento do que fosse a verdade. Enquanto não estamos despertos para a situação, e enquanto muito tempo é consumido no planejamento de como alcançar almas que estão a perecer, Satanás se ocupa em maquirar e bloquear o caminho. (MS 302 e 303)

“Ó, se eu pudesse ver a profundidade da experiência que vem para o nosso povo, a qual eles devem ter antes que eles possam entrar no céu, então eu ficaria cheia de gratidão a Deus! Eu falo ao nosso povo, ministros, médicos e todos os que professam acreditar na verdade. Um trabalho de conversão completa precisa ser feito. Siga os passos de Jesus Cristo. Por que não ficamos atentos? O Senhor há muito tempo espera por nós como um povo que conhece a verdade, para tornar essa verdade conhecida a todos os que vão ouvir e ser convertidos.” (The Paulson Collection of Ellen G. White Letters, tradução nossa)

Ellen White

Ellen White endereçou esta carta aos presidentes de associação. Podemos seguramente assumir que suas diretrizes se aplicam em primeiro lugar e acima de tudo às nossas associações. Em termos simples, uma associação da igreja consiste em duas partes: a liderança e os leigos das igrejas locais. Sendo esse o caso, este conselho é dirigido para a estrutura mais fundamental da organização corporativa da igreja, as linhas de frente da obra de Deus.

Para esclarecer os pontos principais do conselho de Ellen White, primeiro identificaremos os temas em repetição ao longo da carta. Em seguida, analisaremos as diretivas de ação que emergem da carta para abordar esses temas principais.

Vamos começar examinando os temas em repetição

- **A obra deve alcançar as cidades** – a palavra *cidade* ou *cidades* é citada nove vezes;
- **Este é um apelo direcionado pelo céu.** As seguintes frases retransmitem claramente que esta foi uma mensagem inspirada:
 - “Uma visão me foi dada”;
 - “Cidades não trabalhadas eram representadas”;
 - “Fui claramente instruída”;

- “Durante meses, a situação me impressionou”;
 - “Por anos a obra nas cidades tem sido apresentada diante de mim”;
 - “Instrução tem sido dada para que se abra o trabalho em novos campos”.
- **A obra tem sido atrasada.** O conceito de atraso é repetido três vezes junto a frases adicionais que transmitem o mesmo pensamento:
 - “Antes disto, toda grande cidade devia ter ouvido a mensagem probante”;
 - “As rodas do carro do progresso têm sido postas a mover-se lentamente na penetração de novos campos”;
 - “O Senhor há muito tempo espera”.
- **Obstáculos internos atrasam a obra.** Segundo a carta, esses obstáculos incluem o seguinte:
 - Métodos incorretos;
 - Falta de organização e treinamento;
 - Apatia: “A luz que tem sido deixada sob o alqueire”;
 - Competição: “cioso temor” sobre o dinheiro;
 - Controle: “. Alguns em posição de responsabilidade têm achado que nada deve ser feito sem seu pessoal conhecimento e aprovação”;
 - Atraso: “Muito tempo é consumido no planejamento”, em vez de na execução.
- **Obstáculos externos atrasam a obra.** Satanás planeja ativamente parar o trabalho nas cidades:
 - “Satanás está jubiloso com a dilação, pois isto lhe dá oportunidade de trabalhar nesses campos com homens de influência para promover os seus planos”;
 - “Enquanto não estamos despertos para a situação, e enquanto muito tempo é consumido no planejamento de como alcançar almas que estão a perecer, Satanás se ocupa em maquirar e bloquear o caminho”.
- **A condição da igreja atrasa o trabalho.** Ellen White repete que a igreja precisa “acordar” ou “despertar” e que o estabelecimento

de colônias e a falta de uma conversão completa na igreja também atrasam a obra.

- **É necessária uma mudança na metodologia.** Ellen White enfatiza a necessidade da igreja de seguir o plano de Cristo com as seguintes frases:

- “Deveria haver uma mudança decidida nos métodos passados de trabalho”;
- “Trabalhem no Espírito de Cristo, seguindo os Seus planos”;
- Uma necessidade de “homens que trabalhem e estudem e se angustiem em oração como Cristo fez”;
- “Seja seguido o plano de Cristo”.

- **O trabalho deve ser feito rapidamente.**

- “Planejar como alcançar as pessoas rapidamente”;
- “A obra deve ser levada rapidamente de cidade em cidade”;
- “Organizem-se rapidamente agora grupos que saiam de dois em dois e trabalhem no Espírito de Cristo, seguindo os Seus planos”.

O que fica claro é que a obra de Deus tem sido muito atrasada por nossos obstáculos autoimpostos e pela inação da igreja. Ao mesmo tempo, Satanás avança seus planos para impedir e bloquear nosso caminho. Precisamos experimentar uma mudança de abordagem e de coração, se quisermos trabalhar rapidamente e cumprir as diretrizes do céu para alcançar as cidades de hoje.

Agora vamos analisar as diretivas de ação ou os passos que Ellen White demandou para que pudessem remediar as questões acima mencionadas no alcance das cidades:

- “Um trabalho de conversão completa precisa ser feito”;
- A igreja deve despertar, agir “humilde e nobremente”, trabalhar e estudar e se angustiar “em oração como Cristo fez”;

- Deve haver “uma mudança decidida nos métodos passados de trabalho”. “Seja seguido o plano de Cristo.”

O fato de esse conselho ter sido dirigido aos presidentes de associação significa que a liderança da igreja é responsável por seguir as diretrizes internas. Mudança e redirecionamento podem ser coisas difíceis para as associações adotarem unilateralmente. Ellen White enfatiza que a condição da igreja dificulta a mudança, que há necessidade de uma “conversão completa” para que a obra de Deus avance. Continua sendo responsabilidade dos líderes responder ao desejo claramente expresso de Deus. Reflita sobre esta citação do Testemunhos para a Igreja:

“E agora que o Senhor nos manda proclamar novamente a mensagem com vigor na costa leste, bem como a entrar nas cidades do norte, sul, leste e oeste, não atenderemos, como um só homem, ao Seu mando? Não planejaremos para enviar mensageiros a todos esses campos e sustentá-los liberalmente? Não irão os pastores de Deus a esses centros populosos, para ali advertir as multidões? Para que servem as nossas Associações, senão para a continuação desta mesma obra?” (T9 98.3)

Isso não poderia ter sido declarado de forma mais clara. Essa é a razão pela qual nossas associações existem; esse é o trabalho que deveriam estar fazendo. Não devemos ter dúvidas quanto ao nosso objetivo, mas sim procurar superar nossos obstáculos e progredir em direção ao alvo que Deus claramente nos propôs. Ellen White claramente diz em sua carta que chegou a hora de dar passos ousados e decididos, apesar dos obstáculos em nosso caminho: “O Senhor nos manda proclamar novamente a mensagem com vigor na costa leste, bem como a entrar nas cidades do norte, sul, leste e oeste, não atenderemos, como um só homem, ao Seu mando?” (T9, 98.3). Pela fé, ao nos depararmos com esses obstáculos, internos e externos, podemos ter plena certeza de superá-los no poder de Jesus.

Um obstáculo interno que está no caminho do progresso de qualquer trabalho missionário, como já assinalamos, é a questão do dinheiro. A carta de Ellen White aos presidentes de associação descreve isso: “Tem havido

algumas vezes um cioso temor de que alguém que esteja disposto a entrar em novos campos receba do povo recursos que se supunha fossem necessários em outro trabalho” (MS, 302).

Em nosso capítulo anterior, examinamos as maneiras pelas quais o trabalho missionário urbano deveria ser sustentado financeiramente. Mas sempre surge a questão de como as associações devem distribuir seus recursos financeiros aos vários ministérios necessários para que o reino dos céus cresça e floresça. O conflito que surge é produto de duas mentalidades opostas a respeito de como a comissão do evangelho deve ser cumprida. Elas são, nas palavras do autor, apoiadoras do “novo campo” e apoiadoras da “outra obra”. Em outras palavras, o conflito é sobre se deve fornecer apoio financeiro para iniciar novos grupos de crentes e ministérios urbanos, ou apoiar os existentes.

O motivo pelo qual essa tensão às vezes resulta em conflito é o medo de que não haja dinheiro suficiente para apoiar adequadamente os dois tipos de ministérios. Atualmente, nossa igreja está funcionando como se essa suposição fosse verdadeira. A maioria dos orçamentos das associações são forçados a atender às demandas financeiras da manutenção do *status quo* da organização. Esse problema, associado a muitos fatores congregacionais e tendências econômicas atuais, levou ao declínio institucional: menos escolas, acampamentos e pastores.

Devido a essa pressão, a organização muitas vezes fica atolada no pensamento da primazia da manutenção. Nos concentramos em apoiar os ministérios existentes, esperando que o crescimento do reino ocorra através dessas estruturas já existentes. Por si só, a manutenção não é uma coisa ruim. De fato, é uma função necessária da vida da igreja. Mas se a grande maioria dos nossos recursos, financeiros e humanos, é direcionada para simplesmente manter o que já existe, como podemos realizar a grande obra que Deus colocou diante de nós?

O problema com o pensamento da primazia da manutenção é que quando todos os nossos recursos são gastos para apoiar estruturas existentes, o trabalho do “novo campo” (ou cidade) é colocado em uma posição

difícil. No entanto, é crucial que encontremos uma maneira de apoiar essa “obra essencial”. Sabemos que “muito dinheiro para cumprirmos nosso dever para com os que não foram advertidos nestes lugares” (Ev, 42.1). Atualmente, grande parte do apoio financeiro para os ministérios urbanos vem de fontes fora dos orçamentos das associações locais. Em alguns casos, o apoio é feito predominantemente por leigos.

Uma abordagem de primazia na manutenção limita o potencial de um movimento em expansão em outras áreas além das finanças. Um segundo problema é que também usamos nossos recursos de mão de obra para manter as estruturas existentes. Se a nossa mão de obra está focada na manutenção das estruturas existentes, quem realmente vai fazer o trabalho de abrir novos campos nas cidades?

Claramente, a liderança das associações se depara com a difícil questão de como se engajar organizacionalmente nesse novo e dispendioso trabalho de alcançar as cidades e, ao mesmo tempo, manter suas estruturas existentes.

Correndo o risco de sermos muito mal compreendidos, sugerimos que essas restrições são mais imaginárias do que reais. O problema que enfrentamos é de perspectiva. Precisamos ajustar nossa visão sobre o que é a obra e como ela deve ser realizada. Qual ajuste é necessário? Considere a seguinte impressionante passagem:

Nosso povo tem tido grande luz, e ainda muita de nossa força ministerial é exaurida nas igrejas, ensinando aqueles que deveriam ser mestres; alumando os que deveriam ser “a luz do mundo”; regando aqueles de quem deveriam emanar fontes de água viva; enriquecendo os que poderiam ser verdadeiras minas de verdades preciosas; repetindo o convite do evangelho aos que deviam estar espalhados até às mais distantes partes da Terra, comunicando a mensagem dos Céus a muitos que não tiveram os privilégios que eles têm gozado; alimentando os que deveriam estar nos caminhos e valados dando o convite: “Vinde, que já tudo está preparado.” Vinde ao banquete do evangelho; vinde à ceia do Cordeiro; “que já tudo está preparado”. (Ev 382.5)

Nas associações locais, os pastores são, de longe, o maior item no orçamento. Se grande parte da nossa força ministerial está “exaurida” na manutenção das congregações da igreja, os nossos recursos financeiros também. Por causa de nossa falta de “conversão completa”, nós, membros da igreja, percebemos as necessidades de nossas igrejas já estabelecidas como a prioridade dos nossos pastores. Muitas igrejas tornam-se pastoras e conseqüentemente carentes da atenção e supervisão desse indivíduo. As associações reagem aos desejos de seus membros colocando quantos pastores para supervisionar as igrejas estabelecidas que o orçamento permitir. Isso só garante que a maior parte de nossos recursos financeiros seja desviado de volta para nossas igrejas na forma de supervisão pastoral.

Novamente, a consequência não intencional de uma abordagem voltada para a manutenção é que se torna difícil efetuar uma mudança institucional. Se uma associação fosse redirecionar parte do orçamento pastoral para apoiar um ministério de novo campo, alguns membros expressariam séria preocupação. Ou, para colocar de outra forma, haveria “cioso temor” entre os irmãos.

No entanto, se persistirmos com essa abordagem, continuaremos a encontrar problemas que inibem o trabalho nas cidades. Primeiro, esse modelo de crescimento da igreja depende principalmente da eficácia e diligência do pastor. Se ele é um obreiro dedicado e trabalhador, ele pode alcançar certa medida de crescimento; se não, a igreja experimentará estagnação e declínio. Em segundo lugar, esse modelo perpetua totalmente o mal-estar da igreja adormecida, permitindo que ela continue não reavivada, sem desafios e sem despertar.

Ellen White aconselhou que o modelo dependente de pastor é prejudicial tanto para a vida espiritual da igreja quanto para a do pastor. Um padrão de decadência surge no lugar do reavivamento pretendido. Medite na seguinte declaração:

As igrejas que não têm vida em si mesmas, que perderam seu discernimento espiritual, pedem que os ministros as ajudem, que lhes tragam

o sopro da vida. Mas os ministros têm outro trabalho a fazer. Eles devem levar a mensagem da verdade àqueles que não a conhecem. Aqueles ministros que pairam sobre as igrejas, que não têm uma mensagem clara, que, como uma espada afiada de dois gumes, cortam os dois lados, prejudicam as igrejas. Eles não trabalharão pela salvação de almas que estão em grande perigo, porque não conhecem a verdade, e morrerão espiritualmente por si mesmos, e perturbarão e desencorajarão aqueles que tentarem ajudá-los. (Manuscript Releases 6, 65, tradução nossa)

Que nossas congregações percam o discernimento espiritual e que nossos pastores “morrerão espiritualmente por si mesmos” obviamente não é um resultado que pretendemos ou desejamos. Ainda continuamos seguindo este modelo apesar dos resultados. Muitas vezes testemunhamos jovens pastores promissores se tornando tão esgotados tentando satisfazer as necessidades das congregações que acabam deixando o ministério. “Pairar” não é o trabalho que Deus que nossos ministros realizassem: “Nossos ministros devem [...] sentir que não é seu dever rondar as igrejas já formadas, mas antes fazer trabalho evangélico ativo, pregando a Palavra e fazendo trabalho de casa em casa nos lugares que ainda não ouviram a verdade. ... Verão que nada é mais animador do que fazer trabalho evangelístico em novos campos” (Ev, 382).

Temos conselhos não apenas sobre o que os pastores não devem fazer, mas também sobre qual deve o dever deles: “Com o amor de Cristo a arder-lhes no coração, devem pôr-se a ganhar almas para o Salvador. Junto a todas as águas devem eles lançar as sementes da verdade. Um lugar após outro deve ser visitado; uma igreja após outra ser estabelecida. Os que se põem do lado da verdade devem ser organizados em igrejas, e então, deve o pastor passar a outros campos igualmente importantes” (T7 19.4).

Se seguíssemos essas instruções, poderíamos antecipar uma mudança decisiva na condição de nossos pastores e igrejas. Considere os resultados de seguir o modelo apostólico de ministério como foi visto por Ellen White:

Quando a igreja vir que os pastores estão inflamados com o espírito da obra, que sentem profundamente a força da verdade, e estão procurando

trazer outros ao conhecimento da mesma, isso porá neles nova vida e vigor. Seu coração será estimulado para fazer o que puderem para ajudar a obra. Não há uma classe de gente no mundo que está mais desejosa de sacrificar seus recursos para fazer avançar a causa do que os adventistas do sétimo dia. Se os pastores não os desencorajarem por sua indolência e ineficiência, e por sua falta de espiritualidade, eles geralmente responderão a qualquer apelo que seja feito que se recomende a seu julgamento e consciência. Mas querem ver frutos. (T3 49.2)

A verdade é que a mudança, ou “*nova vida e vigor*”, para fazer a obra de Deus vem quando os líderes agem de acordo com o modelo bíblico. Esse é o reavivamento espiritual que as igrejas estão buscando quando pedem a um pastor que venha em seu auxílio, para trazer-lhes o fôlego da vida. Mas o reavivamento acontece de uma maneira diferente da que esperamos: “Se os ministros saíssem do caminho, se eles fossem para novos campos, os membros seriam obrigados a levar as responsabilidades, e sua capacidade aumentaria pelo uso” (Ev 382.4). Ao abandonar o desejo de atenção constante e de pairar, tanto os pastores quanto as congregações seriam encorajados e revigorados. À medida que buscam o plano de Deus para entrar em lugares não alcançados, eles experimentarão uma “*nova vida e vigor*” para realizar a obra de Deus no ministério de seu pastor.

Nosso verdadeiro problema, portanto, não é nossa falta de recursos. É que não estamos alocando corretamente os recursos que temos. A manutenção das igrejas e a expansão para novos campos podem ser realizadas se simplesmente seguirmos o plano de Deus. Três etapas muito importantes de mudança precisam ocorrer.

Primeiro, ministros em igrejas dependentes de pastores devem mudar seu padrão de ministério de se concentrarem internamente para evangelizar novos campos. Já vimos claramente que a solução para “despertar” a igreja de seu mal-estar desaparece com essa receita.

Em segundo lugar, a congregação precisa se responsabilizar a fazer a parte dela. Ela deve assumir a manutenção de sua igreja local e encorajar e apoiar seu pastor em seus esforços para plantar novas igrejas: "Em vez de manter os ministros trabalhando para as igrejas que já conhecem a verdade, que os membros das igrejas digam a esses obreiros: “Em vez de manterem os

ministros junto às igrejas que já conhecem a verdade, digam os membros das igrejas a esses obreiros: ‘Trabalhem pelas almas que estão perecendo nas trevas. Nós cuidaremos das atividades da igreja. Dirigiremos os cultos e, permanecendo em Cristo, manteremos a vida espiritual. Trabalharemos pelas almas que estão à nossa volta, e enviaremos nossas orações e ofertas para sustentar obreiros em campos necessitados e destituídos’” (T6 30.2).

Em terceiro lugar, os líderes das associações não devem encorajar, de forma alguma, o erro de uma abordagem voltada para a manutenção dependente do pastor. Os pastores não devem sentir que é seu dever pairar sobre as congregações: “Nossos ministros não devem ser encorajados a pairar sobre as igrejas para repetir aos crentes, semana após semana, as mesmas verdades. Nós temos uma verdade que é salvadora e preciosa. A Palavra de Deus deve ser plantada em muitos corações; o pão da vida deve ser distribuído a muitas almas famintas ... É um trabalho abençoado exaltar a Cristo perante o mundo” (Manuscript 93, 1909, tradução nossa).

Não precisamos sacrificar os ministérios existentes para trabalhar em novos campos. Precisamos entender e crer que o plano de Deus permite que ambos floresçam, se seguirmos obedientemente em fé o Seu plano. Os recursos de que necessitamos para alcançar as cidades não penetradas de hoje já existem no orçamento pastoral anual, tanto em termos de mão de obra quanto de dinheiro. Se aplicássemos esses recursos como deveríamos, testemunharíamos uma mudança dramática em nossos pastores e em nossas igrejas.

Por outro lado, somos avisados das consequências de não seguir a prescrição de Deus: “Você não sabe que, a menos que leve a verdade para as cidades, haverá um esgotamento dos meios? Quando você levar esta mensagem para aqueles que estão nas cidades, os que têm fome da verdade e aceitam a luz trabalharão diligentemente para levar essa luz aos outros. As almas que têm meios, trarão outras à verdade e darão dos seus recursos para promover a causa de Deus” (General Conference Bulletin, 24 de maio de 1909, tradução nossa). Infelizmente, essa advertência reflete nossa realidade atual.

No entanto, junto a esse aviso está a promessa de que apoiar o trabalho nas cidades não subtrairá de nossas estruturas existentes nem as diminuirá de nenhuma maneira. Em vez disso, se administrarmos adequadamente nossos recursos de acordo com o plano que Deus nos revelou, nossas congregações atuais serão reavivadas e expandidas.

A dinâmica prática dessa abordagem é empolgante. Vamos imaginar uma associação hipotética - vamos chamá-la de Associação A - que decide abraçar totalmente a ideia de que os pastores são chamados para “novos campos”, conforme o espírito de profecia aconselhou. Os líderes da Associação A informam aos seus constituintes que os pastores não irão mais pairar sobre suas igrejas. Em vez disso, os ministros empregados são direcionados para trabalhar exclusivamente em novos campos de ministério, com seus distritos atuando como base.

Imagine que a Associação A tenha atualmente sessenta igrejas e vinte pastores. Com esta nova diretriz, todos os vinte ministros começam a evangelizar novos campos. Usando um modelo de três anos para plantar uma nova igreja, semelhante ao cronograma de Paulo em Éfeso, no final desse período, haveria um total de oitenta igrejas na associação, um acréscimo de vinte, que teriam o Modelo de Éfeso como estrutura ou em seu DNA. Depois de seis anos, a associação teria cem igrejas, das quais quarenta teriam o novo DNA. Em nove anos, sessenta das cento e vinte igrejas teriam o novo DNA.

Adicione a isso a noção da resposta local que já consideramos: “Quando a igreja vir que os pastores estão inflamados com o espírito da obra, que sentem profundamente a força da verdade, e estão procurando trazer outros ao conhecimento da mesma, isso porá neles nova vida e vigor. *Seu coração será estimulado para fazer o que puderem para ajudar a obra*” (T3 49.2). E eles dirão: “Trabalhem pelas almas que estão perecendo nas trevas. *Nós cuidaremos das atividades da igreja. Dirigiremos os cultos e, permanecendo em Cristo, manteremos a vida espiritual. Trabalharemos pelas almas que estão à nossa volta, e enviaremos nossas orações e ofertas para sustentar obreiros em campos necessitados e destituídos*” (T6 30.2, ênfase nossa).

Se os membros da igreja da Associação A também fossem estimulados a trabalhar ao lado de seus pastores em novos campos, o resultado hipotético seria que, em menos de uma década, o número de igrejas na Associação A seria o dobro ou mais. A nova mentalidade, não de manutenção, mas de trabalho ativo em novos campos, influenciaria pastores e congregações a continuar trabalhando dessa maneira. Isso é muito empolgante! E como uma bênção adicional, o problema do suporte financeiro para o ministério desapareceria.

Se passarmos do nosso modelo atual de manutenção para o modelo que o espírito de profecia define, precisaremos estar atentos aos obstáculos internos que podem bloquear nosso caminho. Essa transição será um desafio para as igrejas, para os pastores e para a liderança da associação, e pode ser recebida com resistência em cada nível.

As igrejas que estão acostumadas ao constante cuidado e supervisão ministerial sentirão sofrimento na mudança e o expressarão verbalmente. Líderes ouvirão murmúrios e reclamações sobre um modelo em que as igrejas não são a prioridade dos pastores. Até que uma conversão completa ocorra no coração das nossas congregações, muitos continuarão a exigir a continuação do *status quo*. Essa não será uma transição difícil apenas para as igrejas, mas também para alguns pastores que trabalham sob o nosso modelo atual. Francamente, alguns gostam de suas posições atuais de pairar sobre as congregações.

O novo modelo de Ellen White inclui uma lista de atividades ministeriais que elas precisarão começar a implementar:

- Planeje sabiamente;
- “Não é seu dever rondar as igrejas já formadas”;
- Fazer um “trabalho evangélico ativo”;
- “Fazendo trabalho de casa em casa nos lugares que ainda não ouviram a verdade” (novos campos);
- “Um lugar após outro deve ser visitado”;

- “Os que se põem do lado da Verdade devem ser organizados em igrejas”;
- “Uma igreja após outra, [deve] ser estabelecida”;
- “Então, deve o ministro passar a outros campos igualmente importantes”.

Para que esse novo modelo se torne realidade, os líderes da associação terão que permitir que os pastores sejam treinados e apoiados na disseminação do evangelho em novos campos. Muitos pastores ficariam empolgados com a oportunidade de estabelecer novas igrejas. Sob o nosso modelo atual, eles só podem buscar novos campos de trabalho em seus momentos de folga. Do ponto de vista de uma associação, a tentação é pedir aos pastores que façam as duas coisas: pairar sobre as congregações atuais e abrir novos campos. Mas isso coloca nossos pastores em uma posição frustrante e insustentável. Eles simplesmente não têm tempo ou energia suficientes para fazer as duas coisas, o resultado são pastores esgotados, novos campos negligenciados e congregações adormecidas e inativas.

Essa transição também será difícil para aqueles que ocupam posições de liderança na associação. Ellen White sugere que eles resistirão à perda de controle que essa mudança trará, e que isso atrasará ou atrapalhará o trabalho: “Alguns em posição de responsabilidade têm achado que nada deve ser feito sem seu pessoal conhecimento e aprovação” (MS 302.4).

O segredo para entender esse obstáculo é a palavra *pessoal*. Em outras palavras, o problema é ego. O desejo de autoridade e controle pessoal resulta em uma abordagem repressiva e estreita quanto ao ministério, limitada pelas ideias e preconceitos do indivíduo. Considere o seguinte: “Deus não estabeleceu, entre os adventistas do sétimo dia, nenhuma autoridade suprema para dirigir toda a corporação, ou qualquer parte da obra. Ele não estipulou que a responsabilidade da direção recaísse sobre uns poucos homens. As responsabilidades são divididas entre grande número de homens competentes” (T8 236.3).

Claramente, não deveria existir entre o povo de Deus uma atitude autoritária, mesmo no nível local. Essa atitude falha em reconhecer que todas as partes do corpo são vitais. O pastor local deve fazer parte de uma equipe de ministério destinada a revelar corporativamente a imagem de Jesus à comunidade. O desígnio de Deus é que as responsabilidades de autoridade e controle sejam distribuídas a grupos de pessoas confiáveis, que, por meio da conversão, têm um espírito de humildade e reconhecem a necessidade de cada parte do corpo. Ou, como disse Paulo, “humildemente considerem os outros superiores a si mesmos” (Filipenses 2: 3).

O segundo problema com uma mentalidade autoritária e centralizadora é que ela sufoca a criatividade em nossa abordagem ao ministério. Cada novo campo de ministério é único e, portanto, não há duas abordagens para um novo trabalho de campo que sejam exatamente iguais. Os obreiros no campo devem ter liberdade para realizar seu trabalho. Como Ellen White aconselhou: “Nenhum homem ou grupo de homens deve ter autoridade suprema para moldar e controlar a política dos obreiros em todo o campo, mesmo com relação ao trabalho de colportagem; cada região do país, especialmente o campo do Sul, que há tanto tempo é negligenciado, tem suas características peculiares e deve ser trabalhada propriamente” (Manuscript 140, 1902, tradução nossa). Obviamente, aqueles que trabalham em um campo em particular são mais adequados para adaptar métodos às “características peculiares” dessa comunidade.

É compreensivelmente assustador para os administradores dar um grau tão grande de liberdade aos obreiros. Um fracasso, muitas vezes, parece desfazer uma montanha de sucesso. Até que Jesus venha, sempre teremos um ou dois Judas entre nós, que causa constrangimento e perda. No entanto, políticas descendentes (de cima para baixo) e fortes restrições não podem nos proteger contra essa realidade. Em vez disso, eles criam apenas mais obstáculos que sufocam o trabalho. Lembre-se: “Muito embora algum Judas possa introduzir-se nas fileiras dos obreiros, o Senhor cuidará da obra” (MS 303.1). Nossa tarefa é continuar trabalhando juntos como um só corpo, apoiando e valorizando as contribuições e os dons de cada membro.

Precisamos de uma visão ampla e desimpedida para cumprir a comissão de Jesus em nossa geração.

Uma história de Atos evidencia nossa necessidade de seguir o modelo de Cristo e a bênção que virá como resultado. A igreja primitiva encontrou alguns dos obstáculos internos que temos hoje:

Naqueles dias, crescendo o número de discípulos, os judeus de fala grega entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária de alimento. Por isso os Doze reuniram todos os discípulos e disseram: “Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir às mesas. Irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria. Passaremos a eles essa tarefa e nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra”. Atos 6:1-4

Observe que o problema era que alguns membros achavam que não estavam recebendo atenção suficiente. Mas a solução dos líderes não foi consentir com as exigências deles. Em vez disso, mantiveram a igreja trabalhando de acordo com os dons do Espírito Santo. Os apóstolos continuaram com o trabalho evangelístico, enquanto a igreja foi instruída a resolver o problema internamente.

Esse incidente marca uma importante transição no modo como o crescimento da igreja é descrito no livro de Atos. Antes dessa história, o crescimento organizacional da igreja era retratado em termos de acréscimo: “E o Senhor lhes *acrescentava* todos os dias os que iam sendo salvos” (2:47). “Em número cada vez maior, homens e mulheres criam no Senhor e lhes eram *acrescentados*” (5:14).

Depois desse incidente, a descrição do crescimento organizacional é diferente: “E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se *multiplicava* muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé” (Atos 6:7, Almeida Corrigida e Fiel). Em vez de se acrescentar crentes, é dito que eles se *multiplicaram*, um aumento expressivo. À medida que a igreja primitiva continuava a trabalhar de acordo com o plano de Cristo, a descrição do crescimento da igreja continuou a se expandir: “Assim, pois, as *igrejas* em

toda a Judéia, e Galiléia e Samaria tinham paz, e eram edificadas; e se *multiplicavam*, andando no temor do Senhor e consolação do Espírito Santo” (9:31, Almeida Corrigida e Fiel, ênfase nossa).

O crescimento do discipulado começou com o *acréscimo* de crentes, depois expandiu-se para a *multiplicação dos discípulos* e, finalmente, terminou com *igrejas multiplicadas*. Isso é o que Ellen White chamaria de “poderoso movimento”.

Quando Paulo escreveu sua epístola à igreja de Éfeso, ele previu a conclusão do plano de Deus. Ele percebeu que chegaria o tempo em que o caráter de Deus seria plenamente expresso pela igreja, não apenas neste mundo, mas também no universo (Efésios 3:10). A enormidade dessa realidade fez com que ele caísse de joelhos em oração. Ele proferiu a oração com a qual terminamos este livro:

Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra. Oro para que, com as suas gloriosas riquezas, ele os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite em seus corações mediante a fé; e oro para que vocês, arraigados e alicerçados em amor, possam, juntamente com todos os santos, compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus. Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós, a ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre! Amém! (Efésios 3:14-21)

APÊNDICE

A seguir, faremos uma recapitulação do Modelo de Éfeso.

CINCO ESTRUTURAS MISSIONÁRIAS

1. Equipe de Estabelecimento Antecipado: Avaliação inicial do novo campo com o seu “Paulo”; preparação para uma equipe maior.

Atividades:

- Identifique outras organizações beneficentes no bairro da cidade que você planeja trabalhar;
- Realize pesquisas de avaliação de necessidades para saber como ajudar;
- Comece o processo de construção de uma Equipe de Liderança;
- Trabalhe com outras organizações para cuidar dos necessitados;
- Reúna informações indo a reuniões da cidade, prefeituras e outros fóruns;
- Entreviste funcionários e líderes da cidade, informando-os sobre o que você tem a oferecer;
- Observe as leis de zoneamento e comece a procurar um local potencial para a missão;
- Identifique uma área evangelizar (como um raio de cinco quarteirões) concentrando-se em um grupo de pessoas urbanas não alcançadas;
- Comece o trabalho de porta em porta, procurando interessados potenciais no estudo bíblico;
- Convide e informe as igrejas locais sobre o plano;
- Tente encontrar os recursos no corpo para a equipe maior (moradia, comida e transporte);
- Identifique que tipo de centro pode ter mais influência;
- Fale com líderes de outras igrejas na cidade e veja como eles estão evangelizando;

- Peça-lhes ideias e apoio para estabelecer sua missão na cidade;
- Procure apoio de empresários e envolva-os em seu planejamento;
- Comece uma igreja no lar.

2. Equipe de Liderança: Apostólicos por natureza, mentores, pró-ativos.

Elementos da equipe:

1. Administrativo;
2. Trabalho pastoral/bíblico;
3. Médico-missionário (todas as fases);
4. Evangelismo de literatura (todas as fases);
5. Empresário;
6. Representação por gênero/idade.

Atividades:

- Anunciar o evangelho - ensino e pregação/evangelismo;
- Obra médico-missionária - curar os doentes, ajudar os pobres, etc.;
- Distribuição de literatura (escrita e entrega; Paulo, Timóteo e Sóstenes);
- Administração da missão e da visão;
- Plantio de igreja;
- Habilidades de negócios e gestão financeira;
- Autossustentável, quando possível;
- Trabalho de estabelecimento antecipado;
- Atitude apostólica ou disposição para ir.

3. Grupo de Discipulado: Pessoas locais com representação cultural, treinadas e mentoreadas como líderes para permanecer e continuar o trabalho permanente com um novo DNA.

4. Centro de Influência Urbano: Ponto de intersecção com a comunidade que atende às necessidades físicas, emocionais e espirituais identificadas. Ao proclamar o evangelho eterno em palavras e ações, seu objetivo é levantar um novo corpo de crentes, uma igreja, para a glória de Jesus Cristo, através da adoração, treinamento e discipulado dos crentes.

5. Novas Igrejas: O objetivo final do Modelo de Éfeso é levantar um memorial para Deus sobre o poder do evangelho de Jesus Cristo para transformar vidas. Isso é o que uma igreja deveria ser, um testemunho organizacional à comunidade do princípio do amor de Deus. É um lugar de cuidado contínuo e busca de discípulos relativos às palavras de Jesus e nova vida no Espírito; um lugar onde as disciplinas e hábitos de vida no corpo são ensinados e praticados.

TRABALHO DO DIA A DIA: TRÊS AGÊNCIAS

1. Médico-missionário: duas fases

- a. Modelo de saúde equilibrado - singularidade (“um ser”);
- b. Ministérios da Compaixão - participação (baseada nas necessidades).

2. Evangelismo de literatura: duas fases

- a. Trabalho tradicional – de casa em casa;
- b. Redes de mídia social, mensagens de texto, aplicativos de mídia social, vídeos online, televisão e rádio.

3. Ministério Evangélico: trabalho bíblico, pastoral, evangelismo, pregação e ensino.

Estamos sempre à procura de novos líderes. Se você se sentir chamado a “ir” e quiser juntar-se a nós no trabalho, entre em contato conosco em www.simplicityoutreach.org.

BIBLIOGRAFIA

Antipater. *Greek Anthology*. IX.58

Knight, George. “*Adventists in the City*”. Silver Spring, MO: North American Division Ministerial Association, n.d.

Land, Gary. *Historical Dictionary of the Seventh-day Adventists*. Lanham, MO: Scarecrow, 2005.

Pliny. *Natural History* XXXVI .xxi.95 .

Robinson, Ella. *S. N Haskell: Man of Action*. Brushton, NY: TEACH Services, 2004.

Sadler, Lena. “Early Days in the Rescue Work”. *The Life Boat* 9 (setembro de 1909).

Spalding, A. W. *Origin and History of Seventh-day Adventists*. Washington, OC: Review and Herald, 1961.

Steinberg, O. M.; E. L. Levine; S. Askew; P. Foley e G. G. Bennett. “Daily text messaging for weight control among racial and ethnic minority women: randomized controlled pilot study”. *Journal of Medical Internet Research* 15, n. 11 (18 de novembro de 2013):e244. doi: 10.2196/jmir.2844.

United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2014). *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision, Highlights (ST/ESA/SER.A/352)*.

Warden, Ivan. “Ellen G. White Speaks on Urban Ministries”. Trabalho não publicado.

White, Ellen G.:

A Call to Medical Evangelism and Health Education
A Ciência do Bom Viver
A Fé Pela Qual Eu Vivo
Atos dos Apóstolos
Advent Review and Sabbath Herald

1 de abril de 1880
5 de fevereiro de 1884
10 de fevereiro de 1885
14 de junho de 1887
28 de setembro de 1897
27 de setembro de 1898
15 de agosto de 1899
22 de janeiro de 1901
19 de agosto de 1902
30 de setembro de 1902
7 de outubro de 1902
14 de abril de 1903
2 de junho de 1903
5 de julho de 1906
17 de novembro de 1910
28 de setembro de 1911

Christian Temperance and Bible Hygiene

Colporteur Evangelist

Conselho Sobre o Regime Alimentar

Conselho Sobre Saúde

Conselhos para a Igreja

Evangelismo

General Conference Bulletin, 6 de fevereiro de 1893; 24 de maio de 1909

Letter 150, 154, 156 (1901)

Manual for Canvassers

Manuscript 7 (1900); 140 (1902); 129 (1903); 11 (1906); 115 (1907); 93 (1909); 45 (1910)

Manuscript Releases 4, 6, 7, 10

Medicina e Salvação

O Colportor Evangelista

O Grande Conflito

O Outro Poder – Conselhos para Escritores e Editores

Obreiros Evangélicos

Parábolas de Jesus

Sermons and Talks 1

Signs of the Times, 7 de abril de 1890

Temperança

Testemunhos para a Igreja 5, 6, 7, 8 e 9

The Publishing Ministry

Vidas que Falam